



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.



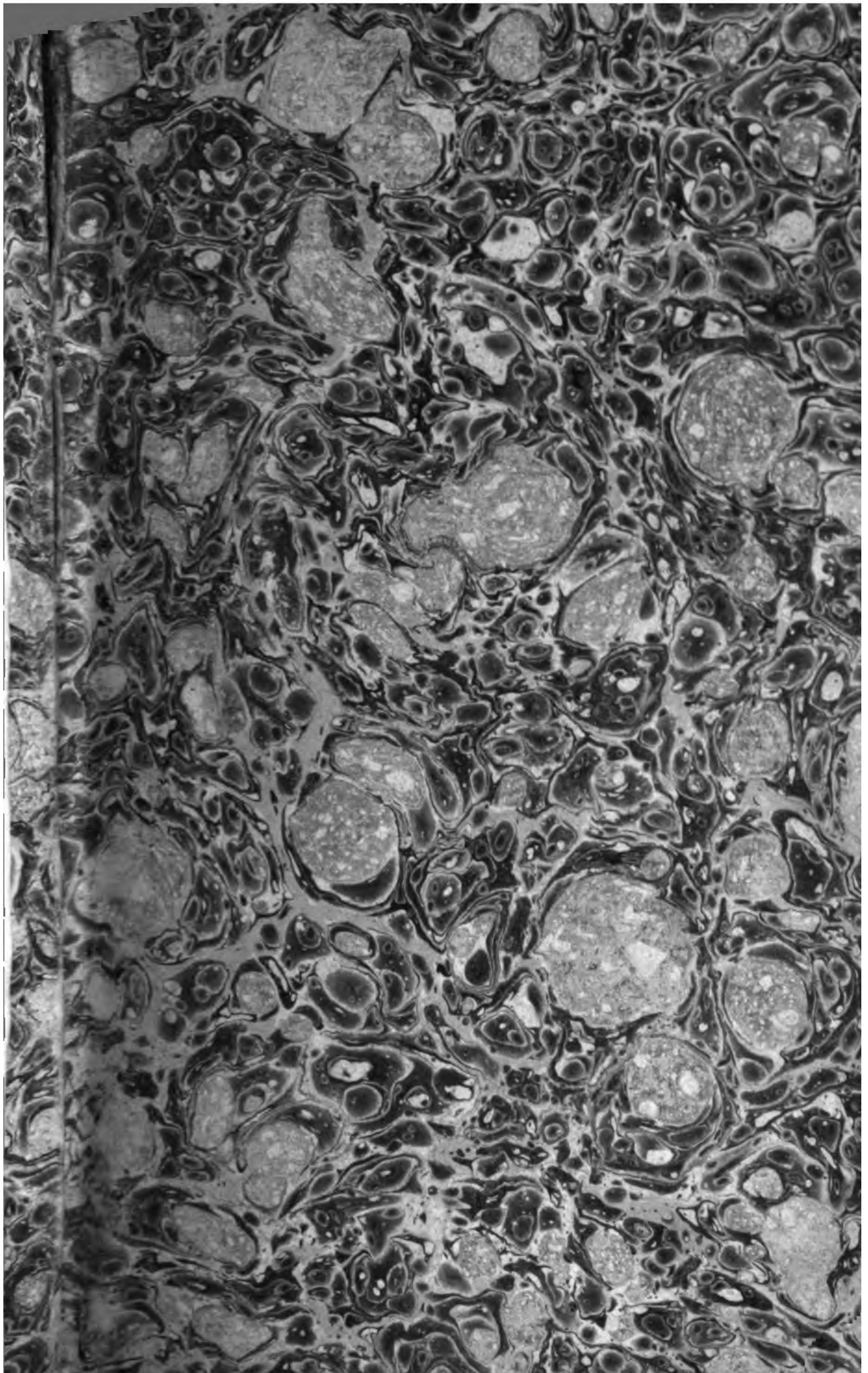


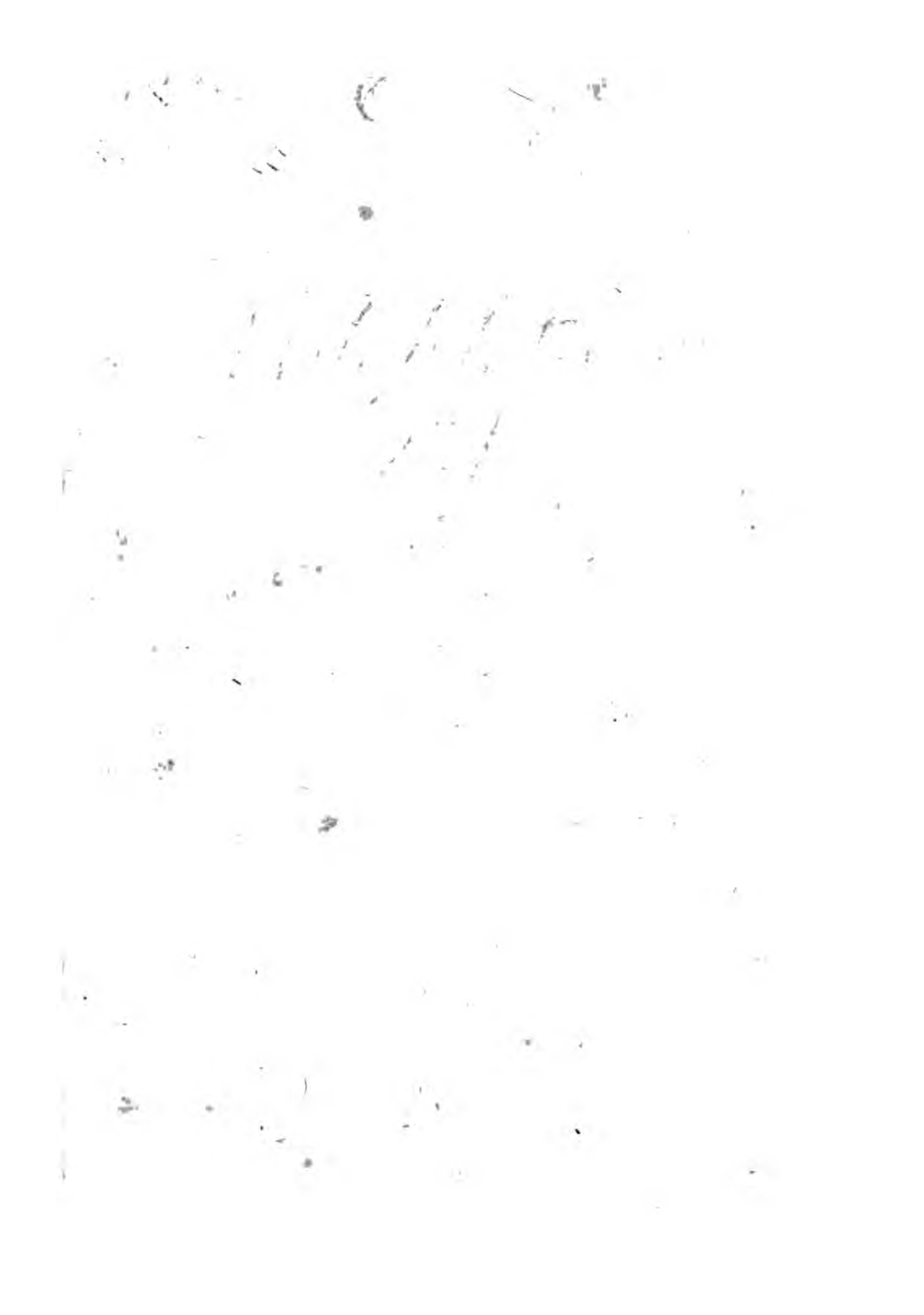
~~29864~~
H. 75.



M
1895







19.º Original

OBRAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.



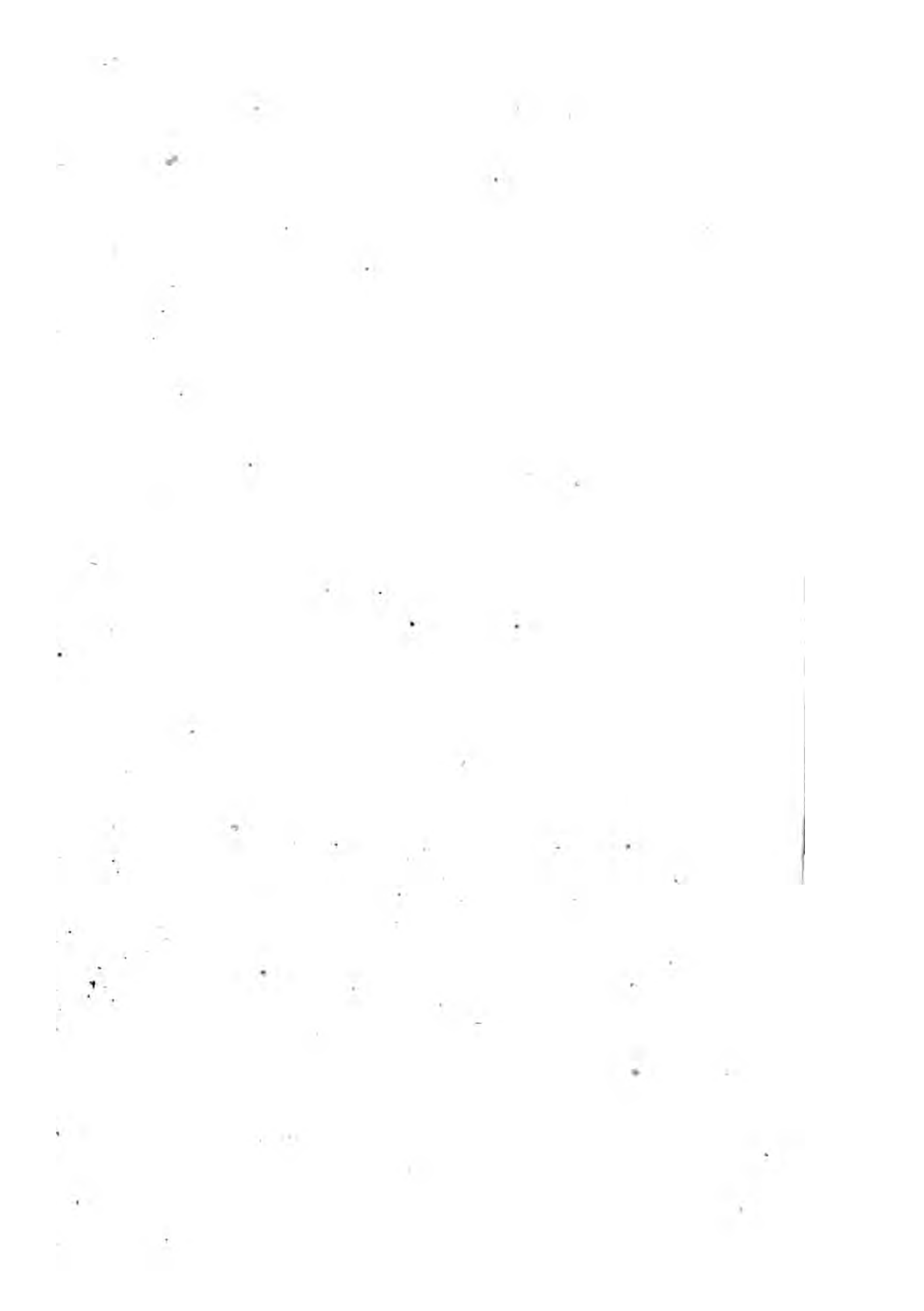
TOMO PRIMEIRO.



Handwritten text, possibly a title or header, which is extremely faint and illegible.

Handwritten text, possibly a date or a short sentence, which is extremely faint and illegible.

Main body of handwritten text, consisting of several lines of cursive script that is almost entirely illegible due to fading and blurring.





Nasceo
1524.

Morreo
1579.

OBRAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPAHIA.

TERCEIRA EDIÇÃO,
DA QUE, NA OFFICINA LUISIANA, SE FEZ EM LISBOA
NOS ANOS DE 1779, E 1780.

TOMO I.



PARIS,

NA OFFICINA DE P. DIDOT SENIOR.
E ACHA-SE EM LISBOA,
EM CASA DE VIUVA BERTRAND E FILHOS.

MDCCCV.



THOMÁS JOSEPH DE AQUINO,

PRESB. SEC.

NESTA SUA SEGUNDA EDIÇÃO DAS OBRAS DE LUIS DE CAMÕES,

AO LEITOR.

AQUELLE mesmo gosto, e zelo pelos interesses litterarios da Nação Portugueza, com que nos annos de 1779, e 1780 dei ao público, na Officina Luisiana, huma edição completa, e exacta (em quanto ao que elle escreveo) das Obras de Luis de Camões; esse mesmo me estimula ainda agora para lhe dar na sua repetição, e na multiplicidade de exemplares huma segurança, e huma certeza da aceitação, que ella mereceo, e conseguio. Já nas Prefações, e advertencias daquelles quatro volumes, me parece deixei aos meus Leitores sufficientemente informados, das razões que me movéraõ a entrar nesta empreza; como

tambem de tudo o mais, que julguei condúcente, para a cabal intelligencia do que allí ha, e por isso não era por ora da minha intenção molesta-los de novo com mais satisfações, depois de tantas, quantas allí se achão: porém como, ou pela angustia da conjunctura, ou pela occurrencia de occupações ao tempo de trabalhar aquelles escriptos, me escapassem algumas cousas, dignas de saber-se, e que tinha em apontamentos, me vejo presentemente obrigado a fazer ao mesmo Leitor, nesta segunda edição, algumas advertencias, que julgo indispensavelmente necessarias.

Em primeiro lugar devo advertir, que tanto naquella, como nesta edição, vai emendado, segundo a judiciousa reflexão do erudito João Franco Barreto, aquelle notavel lugar da Lusíada, canto IV, estancia LXVII, onde o Poeta finge o mysterioso sonho, em que ao Senhor Rei D. Manoel apparecêraõ os Rios Indo, e Ganges. Quem poderia convencer-se (nem ainda sonhando) que a falta de hum accento, sobre huma letra, omittido pela negligencia de

Amanuenses, ou Impressores havia de fazer o sentido de hum periodo taõ duvidoso, que huns affirmassem, que o Poeta dizia, que o sonho do dito Rei fora á prima noute, e outros, que sobre a madrugada? Pois tudo isto aconteceu. Levantou-se huma chusma de Criticos presunçosos, e importunos (em todos os tempos os houve com estas qualidades, que persuadindo-se ganhaõ nome, e fama mordendo alheios escriptos, o que conseguem he só soffrer o desprezo commum, e mostrar a pouca, ou nenhuma sciencia das cousas) os quaes pondo-se em campo, com mais malevolencia, ou inveja, que Criterio, deraõ principio á peleja, dizendo : Que o Poeta errára contra as leis dos Poemas Epicos, por haver fingido o sonho do sobredito Rei logo á entrada da noute; por quanto os sonhos annunciadores de felicidades, que nos mesmos Poemas se introduziaõ, deviaõ ser sobre a madrugada, e naõ á prima noute : o que provavaõ com seus exemplos. Ao encontro destes sahiraõ outros, que com as armas de vigorosos, e concludentes argumentos, tirados

do contexto das mesmas Estancias do Poema, naquelle lugar, se esforçáraõ a provar, que o Poeta fingira o sonho sobre a madrugada, e não á prima noute. Durou este combate, e contenda litteraria largo tempo; até que vindo finalmente João Franco Barreto, primeiramente com hum Discurso (de que já fiz menção no Discurso Preliminar) e depois com a sua Orthographia, como em soccorro, e ponderando a necessidade que ha do uso dos accentos no nosso Idioma, desenganou os contendores, deixando assaz provado, que o sonho do Senhor Rei D. Manoel, introduzido excellentissimamente por Luis de Camões na sua Lusíada, fora sobre a madrugada, e não á prima noute. E porque eu não saberei explicar-me tão bem, e as minhas palavras não teraõ talvez a mesma clareza, a mesma energia, e propriedade, transcreverei as do mesmo Barreto, que saõ da sua Orthographia, impressa em Lisboa por João da Costa, no anno 1671, p. 207.

« He tão importante (diz elle) a observan-
« cia destes accentos, que por falta della foi

« mal entendido hum lugar do nosso Camões,
« canto IV, estancia LXVII, que he:

— No tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nítidas, que sahem
A repouso convidaõ, quando cahem.

« A donde disseraõ alguns Criticos, e em par-
« ticular o Licenciado Manoel Pires de Al-
« meida, que o Poeta não fizera consideraçaõ
« do tempo como devia: porque os sonhos dos
« Poemas Heroicos vem em hum de tres tem-
« pos; ou á prima noute, ou á meia noute, ou
« antemanhãa. Que os sonhos da prima noute
« são desastrados, e infelices; os da meia noute
« não são penosos, nem trazem consigo cala-
« midades totaes; e huns, e outros carecem de
« certeza, como nota a Padre Cerda, sobre
« o VIII da Eneida: os d'antemanhãa são bem
« assombrados, e verdadeiros, como adverte o
« mesmo, no livro II da Eneida: *Propter ima-*
« *gines minus perturbatas, cum primo somno*
« *perturbentur, confundanturque simulachra*
« *vaporum copiá.* Atéqui (continúa o mesmo

« Barreto) são palavras do Critico : e logo mais
 « abaixo, declarando o lugar apontado, do
 « Poeta, diz : Que o sentido d'elle he quando
 « anoutece, e sahem as estrellas a allumiar o
 « Mundo : e torna a affirmar, que aqui se en-
 « tende o principio da noute. Respondeo-lhe
 « doutissimamente o Doutor João Soares de
 « Brito, com huma Apologia, que tirou á luz :
 « porem, nem elle, nem Manoel de Faria e
 « Sousa, em o seu Commento ao Poeta adver-
 « tirão, que pondo hum accento agudo em o
 « articulo á « á luz clara », fica conhecido ser
 « o tempo do sonho á madrugada, como o Cri-
 « tico queria que dissesse Camões (*), sem gas-

(*) O Célèbre Ignacio Garcez Ferreira, que tanto presumio de emendador de Luis de Camões, e do seu Commentador Faria, chegando a este lugar com as suas annotações, (onde não errou, trasladadas do mesmo Faria) depois de fazer huma embrulhada Grammatical do contexto das duas Estancias LXVII e LXVIII, cuja sentença não entendeu, conclue : *Que como se vê dos ultimos versos da Estancia atraz, seria depois da meia noute,*

« tar tantas palavras em defender o que per si
 « não havia mister defesa, e he o sentido do
 « Poeta : porque o tempo que foge « á luz
 « clara » he o da manhã, e entãõ se diz que
 « cahem as estrellas, e neste mesmo sentido
 « disse Virgilio :

— *Et jam nox humida cœlo*

« *Præcipitat, suadentque cadentia sydera somnos.*

« Porque o verbo *Cado*, como diz Calepino,
 « propriamente significa *Corruere, vel præci-*
 « *pitari, vel labi*. O que mais largamente pro-
 « vei em hum Discurso (*), que mandei ao
 « dito Manoel Pires de Almeida, mandando-me
 « elle as suas Censuras; e quem tiver os seus
 « papeis o achará entre elles. Assim que, huma
 « plica só que he o *accento*, que nas impres-
 « sões de Camões faltava ao articulo *á*, mudava
 « tanto o verdadeiro sentido ».

(*) Este Discurso; de que ha mais de 40 annos vi
 huma cópia, que em muita estimaçãõ conservava certo
 amigo, não chegou a imprimir-se.

Muito de proposito transcrevi toda a passagem, não só para instrucção dos leitores, que não tiverem noticia desta controversia, senão tambem, para que nas futuras edições das Obras do nosso Poeta, se acautele hum tal erro; e para ver se com este documento, nas nossas Officinas se applicaõ mais cuidadosamente os Correctores a huma exacta, e séria correcção, a qual cada dia parece que vaõ tratando com maior negligencia.

Naõ desmerece neste lugar huma honrada memoria o Insigne Luis-Francisco-Xavier Coelho, em cuja Officina, por ser na verdade hum dos mais completos, e mais peritos Professores da Arte Typographica, que até ao presente vio a nossa Nação, fiz imprimir pela primeira vez estas Obras do nosso Poeta, da mesma sorte que aqui se achão. Sem por ora me demorar na natural propensaõ, que nelle havia para o emprego, em que entrou na mesma meninice; nas exactas observações, que fazia, nas melhores edições que aqui appareciaõ, e lhe chegavaõ á mão; na continúa

vigilância com que sempre andava sobre os prelos, para que não succedesse, que, ou a má distribuição da tinta, ou falta de resistência deturpasse os exemplares; no summo cuidado que applicava a huma escrupulosa correção, muitas vezes com perda do proprio, e preciso descanso; e em fim, no bom gosto, e asseio que reluzia, e brilhava em tudo o que sahia da sua Officina; como tambem naquella inalteravel verdade, com que concluhia os seus ajustes, probidade de costumes, e zelo (dentro dos limites da sua profissão) com que tratava tudo o que podia ceder em crédito, e lustre da patria; só direi, que elle foi o primeiro entre nós, que, vendo que o verniz, de que communmente se usa nas nossas impressões, com a mistura do breo, lhe engrossava, e descompunha os caracteres; manchando tambem os exemplares, ao mesmo passo que se batem; tanto se cançou, que veio finalmente a conseguir o verdadeiro segredo, de (sem nelle entrar o breo) fazer hum verniz, que deixando os caracteres incomparavelmente mais elegan-

tes, mais engraçados, e mais vivos, he também capaz de resistir aos golpes dos instrumentos, com que os livreiros, ao encadernar, costumam bater, e apertar os livros, não se lhe cohecendo ao depois nodoa, ou mancha do mesmo verniz. Eu mesmo, passados outo dias, depois de impressos nesta tinta, mandei encadernar, e bater livros, sem que, ainda nas ultimas paginas dos mesmos, onde ordinariamente apparece mais este defeito, se lhe cohecesse signal, ou mancha. Mas, (fatal vicesitude das cousas humanas!) todos estes progressos atalhou intempestivamente a morte, arrebatando-o no melhor da idade, e quando promettia as mais relevantes esperanças. O leitor benevolo, e prudente desculpará a digressão, attendendo á justiça, que pela sua parte tiveram sempre os homens benemeritos, para serem louvados, e ao exemplo que nos deixaram os Eruditos da Basiléa, lamentando em outro tempo também, por semelhante occasião, nos seus escriptos, a perda do seu Phrobenio.

Voltando, pois, ao fio do nosso discurso,

segue-se, depois disto, dar aos leitores a ordem historica da Lusíada de Luis de Camões, para os que, deixado o artificio Poetico, que ordinariamente costuma haver nos Poemas Epicos, a quizerem ler como huma historia seguida. Só com este auxilio, mais do que com outro algum, poderão os leitores, fazendo as convenientes reflexões, formar com mais facilidade huma justa idéa, assim da grandeza desta Obra, como da vasta comprehensão que pôde concebe-la. Deve, pois, o que não quizer cançar-se, em investigar, e encommendar á memoria o fio historico deste Poema, principiar a ler na estancia LXXXIV do canto IV, por ser aqui o verdadeiro principio do assumpto, ou da acção; e continuando a ler pelo canto V, até á estancia tambem LXXXIV, voltar dahi á estancia XLIII do canto primeiro; e principian-do em metade della, continuar até ao fim do canto segundo. Dahi deve passar ao principio do sexto, e proseguir até ao fim do septimo. O canto VIII comprehende os embarços, e tudo o mais que Vasco da Gama passou em Cale-

cut, que he onde chegou. Os cantos nono, e decimo contem a volta para o Reino. Não se falla aqui nas primeiras xviii estancias, porque bem se sabe, que servem de Exordio, e comprehendem a Proposiçãõ, Invocaçãõ, e Nuncupaçãõ, ou Dedicatoria do Poema. Esta advertencia, que muito involuntariamente o-mitti no Discurso Preliminar do primeiro tomo, na primeira ediçãõ não a agradeça o leitor á minha observaçãõ, e ao meu trabalho, mas fim ao indefesso estudo, e continuadas vigílias do incomparavel Manoel de Faria e Sousa, que, mais do que outro algum, foi quem, não só nos patenteou as bellezas poeticas de Luis de Camões, mas nos dispoz, e illustrou para o seu conhecimento.

Em huma nota que ha no parographo numero 3 do Discurso Preliminar, se devem acrescentar ás palavras de Ludovico Dolce, que ahi se transcrevem, as do Cardeal Pedro Bembo, o qual no livro segundo das Prosas (m. pag. 79), fallando do artificio da Cançãõ, diz assim concordando com o mesmo Dolce: « Et

« nelle Canzoni puossi prendere quale numero
 « & guisa di versi, & di rime à ciascuno è piu
 « à grado, & compor di loro la prima stanza;
 « ma presi che essi sono, di mestiero seguir-
 « gli nell' altre con quelle leggi, che il com-
 « positor medesimo licentiosamente compo-
 « nendo s'ha prese ».

No fim do paragrapho numero 27, do mes-
 mo Discurso Preliminar, em huma breve an-
 notaçãõ, onde digo, que Adriano Baillet faz
 mençaõ de outra traducçaõ (sem que seja a de
 M. de Casterá) tambem na lingua Franceza,
 feita por hum Anonymo, e pelos annos de 1622
 (lea-se de 1612), deve acrescentar-se, que o
 antigo Epitaphio do Poeta, que principia:
Naso Elegis, etc., faz memoria da mesma tra-
 duççaõ Franceza, e de outra em Italiano: e
 que Pedro de Mariz, na vida que escreveo do
 mesmo Camões, e sahio com huma parte das
 Rhythmas, em Lisboa, na Officina de Pedro
 Crasbeeck, anno de 1616, falla dessas mesmas
 duas, pelas seguintes palavras: « Pois dos Es-
 « trangeiros (a que as suas cousas parecem

« melhor, que as das outras Nações) foi tanto
« estimado, que não se contentou cada huma
« dellas com menos, que com o apropriarem
« a si, no modo que podia ser, traduzindo-o
« em suas linguas; com tanta curiosidade, que
« em Castelhana se fizeraõ tres traducções;
« em Italia huma (ainda não tinha apparecido
« no mundo a de Paggi, a qual se imprimio
« em Lisboa, no anno de 1658) « em França
« outra ». Aos Authores sobreditos se podem
tambem ajuntar Nicoláo Antonio, e Domin-
gos Fernandes, os quaes ambos fazem memo-
ria destas duas traducções antigas, Franceza,
e Italiana; o primeiro na sua Bibliotheca His-
pana, e o segundo na Dedicatoria do Poema
de Luis de Camões, que no anno de 1609 im-
primio em Lisboa, e dirigio ao Arcebispo D. Ro-
drigo da Cunha. De sorte que por estas con-
tas, assim bem ajustadas, vem a ter a Lusíada
até ao presente duas versões na lingua Fran-
ceza, e tres na Italiana.

Como estamos em traducções deste Poema,
não deixarei de fazer aqui memoria, das duas,

que na lingua Franceza trabalhou o curioso, e suave Sulpicio Gaubier de Barrault, Major de Praça em Lisboa; a primeira, daquella parte do Episodio, em que Luis de Camões, no canto III, estancia cxx, e seguintes, refere o triste, e lastimoso successo de D. Ignez de Castro; e a segunda da fabula de Adamastor, introduzida admiravelmente pelo mesmo Poeta no canto V, estancia xxxvii. São na verdade notaveis estas duas versões; dignas de toda a estimação dos intelligentes, e humas das mais bem trabalhadas, e mais fieis, que se podem dar, não obstante serem feitas de verso, para verso, e o sugear-se seu Author á difficuldade da Rhythmica. Observo, além disto, que elle traduzio verso por verso, mas tudo com tanta felicidade, e com tal exacção, como quem não só entendia bem a lingua Portugueza, e manejava igualmente o seu Idioma, mas se achava cabalmente inteirado, e senhor das verdadeiras regras de traduzir. E que outra couza podemos nós entender, depois d'elle nos affirmar, que temia grandes obstaculos, e grandes diffi-

culdades em huma completa traducção da Lusíada, e que era huma carreira penosa, e de summo trabalho? Servir-me-hei das suas mesmas palavras : « Si cet Essai a le bonheur d'être vu par Votre Majesté d'un œil propice, « un triomphe aussi flatteur pour moi suffira, « Sire, pour faire disparoître tout d'un coup à « mes yeux tous les obstacles, et toutes les difficultés d'une traduction complète du Poeme « de la Lusíade : carriere aussi pénible qu'immense, et dont la seule idée, je l'avoue, effraie mon foible génie ». Ainda nos certificamos melhor desta verdade, pondo os olhos nas suas versões, e vendo o como soube pôr em execução esses mesmos preceitos, estabelecidos para os Traductores : porque, se, conforme a opiniaõ dos Doutos, entre texto, e traducção deve haver tanta semelhança, correspondencia, e conformidade, quanta entre original, e retrato; nestas he tal a viveza e propriedade das cores, e são taõ acertados, e taõ iguaes os toques, que muito a penas se poderá discernir, qual seja a copia, e qual o origi-

nal (*). Eu me convenço, que se a Nação Fran-
çeza, menos costumada a traduzir metaphras-
ticamente, que a paraphrasear, alcança-se as-
sim todo o Poema, conseguiria certamente hu-
ma completa versão da Lusíada, e de todas as
suas bellezas Poeticas, sem embargo da grande
differença, que intervem entre os genios das
duas linguas.

Por serem hoje de summa raridade os exem-
plares destas mesmas duas traducções (**) pois

(*) O exacto Gaubier, aindaque em alguma parte
decline algum tanto da sublimidade, e magestade poe-
tica do Author traduzido, nem por isso se faz menos
estimavel, ou menos digno de attenção; antes nisso
mesmo mostra, que observa religiosamente os melho-
res preceitos estabelecidos para os traductores, os quaes
mandaõ, que em primeiro lugar se tenha todo o cuidado
com a fidelidade, e depois disto, quanto for possivel,
com o character do texto. De sorte que, se em alguma
passagem nos não representa o original em toda a sua
força, e viveza poetica, tem a desculpa na fidelidade,
que he o preceito que principalmente se recommenda
pelos Mestres, e cuja observancia nelle brilha.

(**) Com huma dedicatória ao senhor Rei Dom Jo-
b.

que imprimindo-se mui poucos, a penas se conserva hum, ou outro em poder de algum curioso, e tambem para prova do que fica dito, e cabal satisfaçã dos leitores, que em semelhantes casos, antepoem (e com rasaõ) o exame feito com os proprios olhos a quaesquer outras informações; deixarei aqui a traducçã Franceza de huma das estancias traduzidas, e será a LVI do canto V, em cujo fim Luis de Camões imita aquelle celebre lugar de Ovidio, na Epistola de Ariadna e Theseo :

*Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi,
Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui.*

seph, e com o Portuguez em frente foraõ estas duas traducções impressas em Lisboa na Regia Officina Typographica, anno de 1772, em quarto. Saõ notaveis as expressões de que usa o Traductor quando falla do nosso Poeta. « Camões, diz elle, l'immortel Camões « prenant sous ma plume un nouvel etre, ira, sous les « auspices de Votre Majesté, étendre dans tout l'Uni- « vers sa renommée et celle de ses compatriotes, à l'aide « d'une langue presqu'universellement consacrée au- « jourd'hui à transmettre à la postérité les chef-d'œu- « vres de Littérature en tout genre ».

*"O how I chafe in uttering my disgrace!
Thinking I was embraced whom I did seek,
A Mountain hard I found I did embrace
O' green with trees and Bushes nothing sleek
Sighing with a Mountain face to face,
her Angli's plea
sat there sleek*

Shakespeare (cont'd)

Diz, pois, o texto desta maneira.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei co' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava.
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo, e quedo,
E junto de hū penedo, outro penedo.

TRADUCÇÃO FRANCEZA.

Ah! je ne puis conter, sans honte et sans regrets,
Que, croyant embrasser la beauté que j'aimois,
Je me vis embrassant un mont dur, effroyable,
Couvert d'une forêt épaisse, impénétrable;
Et trouvant face à face un rocher dans mes bras,
Quand je croyois presser d'angéliques appas,
L'homme en moi disparut; muet, presque sans vie,
Je devins une roche à l'autre roche unie.

E para que os Leitores, que se applicaõ ao estudo de traduzir, possaõ tirar melhor fructo desta liçaõ, na conferencia de diversas traducções desta mesma estancia do nosso Poeta,

lhes darei tambem aqui aquellas, que presentemente tenho á mão.

Fr. Thomé de Faria diz assim na sua versãõ Latina :

*Hoc animus meminisse horret, nam brachia nostra
Complecti Tethydem credenti, incondita rupes
Consita dumetis, et agrestibus aspera sylvis
Obijcitur, fronti frons atque opponitur, ora
Oribus, atque genis facies decepta cohæret.
(Res infausta mihi) non vir, verum altera mansi
Rupes, aspectu, scopuloque adjungitur alter
Immanis scopulus, supero cœloque minantur.*

Carlos-Antonio Paggi na versãõ Italiana :

Ciò, che non só come di doglia il conte,
Credendo in braccio haver mio bene accolto
Abbracciato trovaimè á duro monte,
D'aspra terra, e di piante horrido, e folto :
E con la rupe stando fronte a fronte
Ch' al mio stringea, come celeste volto,
Non rimasi huomo nò, má muto, e lasso,
Quasi accoppiato ad altro sasso un sasso.

Guilherme-Julio Mickle como logo se verá,

Fiel, e exacto traductor da Lusiada na lingua Ingleza, dá assim este mesmo lugar :

When, Oh, what anguish, while my shame I tell!
 What fixt despair, what rage my bosom swell!
 Here was no Goddess, here no heavenly charms,
 A rugged mountain filled my eager arms,
 Whose rocky top o'èrhung with matted brier,
 Received the kisses of my amorous fire.
 Waked from my dream cold horror freezed my blood;
 Fixt as a rock before the rock I stood.

Omoderno Anonymo, Traductor Italiano, que imprimio a sua versaõ em Turim no anno de 1772 :

Ma o qual dispetto allorque l' accidente
 Io torno a ramentar! Quando la bella
 Penso stringere al sen, a un eminente
 Aspro monte abbracciato (ah la favella
 L' ira mi vieta!) veggomi, e'l ridente
 Angelico sembiante in dura, e fella
 Rupe trovo cangiato; onde il cordoglio
 Mi toglie i sensi, e anch' io divento scoglio.

M. du Perron de Castera na sua versaõ Fran-
 ceza em prosa :

« O rage, o désespoir! Comment puis-je prêter ma
« bouche à ce récit qui renouvelle mes douleurs! Je
« m'imaginóis tenir Thétis dans mes bras, et je n'y
« trouvai qu'une montagne, dont la cime affreuse re-
« cevoit les caresses que mon amour destinoit au vi-
« sage qui m'avoit charmé: que devins-je en sortant
« de mon erreur! éperdu, muet, immobile, j'étois un
« rocher qui s'unissoit avec un autre rocher ».

Depois de ter escripto quanto acima fica, me communicou certo amigo huma nova Traducção da Lusíada, feita em prosa Franceza (he com esta a terceira, que apparece neste Idioma), e com a costumada recommendação de muito fiel (*); da qual só farei caso, para dar aos meus Leitores a traducção deste mes-

(*) He esta Traducção impressa em Paris no anno de 1776, em dois tomos de oitavo grande, e sem nome de Author. De huma breve Advertencia, que do impressor vem logo ao principio consta, não ser esta Traducção feita immediatamente da Lusíada Portugueza, mas sim trabalhada sobre outra Versão. Eis aquí as palavras: « Elle a été faite sur une version littérale du « texte Portugais ». Tambem consta da mesma Adver-

mo lugar, com o que vou a cumprir. Porém, como o Traductor confundisse na sua Versaõ o contexto das duas estancias LV e LVI, o mesmo que observo nelle em muitas outras passagens deste Poema, faz-se necessario, para que melhor se logre a traducçaõ, transcrever huma, e outra, em que o Gigante Adamastor, continuando a falla, diz o que se segue:

Já nescio, já da guerra desistindo,
 Huma noute de Doris promettida,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Tethys, unica despida:
 Como doudo corri, de longe abrindo
 Os braços, para aquella que era vida
 Deste corpo; e coméço os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

tencia, que o Traductor tomou a liberdade de abreviar, ou resumir muito a seu arbitrio, e a sua vontade os lugares que lhe parecêraõ algum tanto longos, e dilatados: « Il ne s'est permis d'autre liberté que celle de resserrer quelques endroits un peu longs ». Segundo estas palavras, errou o Author o titulo da Obra, porque, mais que Traducçaõ fiel, parece lhe devia chamar Epitome, Compendio, ou Resumo da Lusíada.

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei co' hum duro monte
 De aspero mato, e de espessura brava:
 Estando co' hum penedo fronte a fronte,
 Que eu pelo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem, não, mas mudo, e quedo,
 E junto de hum penedo, outro penedo.

Estes dezaseis versos, com todas as imagens, e bellezas Poeticas nelles comprehendidas, dá o novo, o fiel, e o bom Traductor Francez traduzidos nesta maneira:

« Une nuit que Doris avoit fixée pour mon bonheur,
 « je crus apercevoir de loin la figure charmante que
 « j'idolâtrai. Je cours pour l'embrasser. O rage! ô dés-
 « espoir! Je n'embrasse qu'une montagne dure et hé-
 « rissée. L'étonnement me fit rester immobile comme
 « elle ».

Como isto de Traducções costuma ordinariamente ter tantos Juizes, quantos são os leitores, e qualquer, ainda que nunca visse, ou entendesse as regras, e preceitos que ha estabelecidos para ellas, se persuade ser o mais

competente ; por isso me não metto a decidir da preferencia , ou ainda do merecimento destas , deixando tudo ao juizo dos mesmos leitores , que sentenciarão nesta parte , cada hũ como for de mais seu gosto , bem lhe parecer , e melhor se lhe representar. Eu , lembrando-me outra vez do engenhoso Gaubier , só direi , que são mui poucas as que se achão trabalhadas verso por verso , cabalmente completas. Das que tenho visto , parece-me que sem muita violencia , poderá entrar no numero das optimas a que , de huma Canção Portugueza , que em 599 versos escreveu o Padre Antonio dos Reis , alumno da Congregação do Oratorio , e da Academia Real , fez o Erudito Philippe Joseph da Gama , Academico tambem da mesma , em outros tantos Latinos. Porei aqui os ultimos versos della , para que possaõ servir de estímulo aos que neste genero de escriptos amaõ a fidelidade , e dezejaõ acertar : e tambem para desengano dos que , persuadindo-se que tem composto huma excellente traducção , sahem a publico com hum fastidioso , imper-

tinente, e insulso Commento. Diz assim o Portuguez :

Canção, não mais agora : que algum dia,
 (Se o louro deos por seus nos reconhece)
 Com vea mais feliz, mais harmonia,
 Novo canto meu plectro lhe offerece.
 E se for como o Assumpto o Canto grave,
 Farei por magestoso, e por suave,
 Callar com pasmo, por ouvir com gosto
 Aos que tem do Parnasso o maior posto;
 E (se possivel he) farei se veja,
 Que o mesmo Apollo escuta com inveja.

VERSAO LATINA.

*Cantio, jam tandem retice : quia forsitan olim
 (Ipse suus vates, si flavo á Numine noscor)
 Et vená saliente magis, magis atque sonorá
 Cantum illi pulsata novum mea plectra dicabunt :
 Si par materiæ Cantus gravitate sonabit,
 Sublimis faciam, suavisque poemate blando
 Auribus accipiant pronis, tacitique silescent,
 Qui primas habitant sedes Helicone Poetæ;
 Et (si tanta queo) faciam videatur in Orbe
 Invidus ut vatem pariter me auscultet Apollo.*

Como no paragrapho numero 28 do mesmo

**Discurso Preliminar do primeiro tomo de-
zeja-se informar aos meus leitores da nova, e
famosa Traducção, que da Lusíada publicou
modernamente em Londres, na lingua Ingleza
o Insigne Poeta Guilherme Julio Mickle, e por
aquelles tempos não houvesse conseguido mais
amplas noticias, suspendendo a penna, me
contentei com o pouco que então disse, e ha-
via alcançado a respeito desta Obra, e de seu
Author. Agora porém, juntamente com o mel-
hor juizo critico, tenho o gosto de dar ao Pú-
blico hum completo Extracto, ou perfeita Ana-
lyse de tudo quanto aquelle celebre Traductor
alli escreveo, nos diversos Tratados com que
acompanhou a sua Traducção. Tudo devo ao
Reverendissimo Padre Miguel Daly, Varaõ, co-
mo todos reconhecem, insignemente consum-
mado em todo o genero de erudição, e de lit-
teratura; e mais Portuguez pelo affecto, e pela
condição, do que muitos que entre nós, talvez
se prezaõ de o ser pelo nascimento. Muitas cou-
sas dissera em bem merecido obsequio deste
Sabio, se huma syncera amisade que com elle**

conservo, e hum pleno conhecimento que tenho da sua moderação, e da sua modestia me não impedissem o passar a diante. Mas ainda assim, não me demorando em muitos outros elogios de que se faz crédor, sempre com hum animo grato publicarei, que na geral reforma, que se fez dos Estudos no feliz Reinado do Senhor Rei D. Joseph o Primeiro, elle foi tambem o primeiro, que entre nós fez reviver as Letras Gregas, por taõ dilatados annos amortecidas em Portugal: e que he tambem o primeiro, que com o mais incansavel, e ardente zelo da Religiaõ, trabalha porque se restabeleça o Collegio, que a Naçaõ Irlandeza tinha nesta Corte, para a conservaçaõ dos Missionarios, e do Catholicismo na Irlanda. Servir-me-hei das suas mesmas palavras, para que na sua energia conheçaõ mais vivamente os meus leitores, o quanto este diligente Traductor se cansou, para pôr em claro, e patentear ao mundo todo, os feitos illustres, e as acções gloriosas dos Portuguezes na Asia, como tambem o merecimento, e o credito do nosso Poeta, tantas

vezes *accommettido* pela malevolencia , e pela inveja de depravados , e perversos *Zoilos*. Diz assim a *Analysi*.

Guilherme Julio Mickle traduzio o Poema da *Lusiada* em verso Inglez *Rhythmado*; e esta traducção já passou por duas edições em Londres, huma no anno de 1776, e a segunda no anno de 1778, signal evidente de que foi bem aceita entre os Inglezes. Como este Traductor applicou huma grande diligencia , e cuidado , não sómente em conservar na sua traducção toda a harmonia , energia , clareza , e espirito Poetico de Camões (o que pôs em execução maravilhosamente) mas tambem em tudo o que podia servir, ou para explicação , ou para a defeza do seu Author, parece , que não será fora de proposito fazer aqui huma breve *Analyse* do methodo que elle segue. Antes que se entre na Traducção , achaõ-se alli varios *Tratados Preliminares* nesta ordem :

1º. *Introducção*.

2º. *Historia do descobrimento da India*.

c.

3º. Historia da fundação, e da decadencia do Imperio Portuguez no Oriente.

4º. Vida de Luis de Camões.

5º. Dissertação sobre a Lusíada, e Observações sobre a Poesia Epica.

Na Introducção, falla o Senhor Mickle pouco do Poema de Camões; porém este pouco he em grande louvor do nosso Poeta: porque diz, que sobre todos os Poemas que existem, a Lusíada merece a attenção do Philosopho, do Politico, e do homem de bem, por ser o Assumpto della de summa importancia á Historia Civil do genro humano, visto conter os successos, que deraõ origem ao presente systema commercial do Mundo. Porém o principal intento do Author nesta Introducção he provar as vantagens, que resultaõ do Commercio, e refutar os Theoristas, que consideraõ o descobrimento da India Oriental, e da America; e o Commercio em geral, como nocivos, e prejudiciaes ao genero humano, pela introducção do luxo, e augmento dos vicios.

Na *Historia* do descobrimento da *India* faz huma breve resenha dos estragos, que causáraõ as armas dos *Godos* no *Occidente*, e dos *Sarracenos* no *Oriente*. Relata a invasão destes ultimos em *Hespanha*, e *Portugal*; e finalmente deduz a sua historia, do tempo da expulsão delles deste Reino, a consequencia da qual foi o estabelecimento do Reino de *Portugal*. Depois de tocar ligeiramente o caracter dos primeiros *Monarcas*, e a indole da *Nação Portugueza*, chega finalmente ao Reinado do *Senhor Rei D. Joaõ I* de quem faz hum grande elogio. No tempo deste *Principe* (diz elle) despertou-se o espirito de descobrimento no peito do *Infante D. Henrique*, filho deste *Rei*, muito célebre por sua piedade, sabedoria, e generosidade. Desejando elle sobre tudo abrir novos caminhos, para extender a fé de *Christo*, e guiado por sua profunda sciencia na *Historia*, e na *Mathematica* mandou fóra varias expedições, para investigar a costa de *Africa*, com feliz successo. Destas expedições dá o *Traductor de Camões* huma succinta noticia, e diz, que

os Senhores Reis D. João I e D. Duarte, e o Infante D. Pedro na sua Regencia do Reino, com muito zelo favorecêraõ as idéas do grande D. Henrique: porém que no tempo do Senhor Rei D. Afonso V poucos progressos se fizeraõ nestas expedições maritimas; mas no Reinado do Senhor Rei D. João II se rênovou com grande vigor o espirito de descobrimento. No anno de 1486 (continúa) descobrio Bartholomeo Dias o Promontorio mais meridional da Africa, ao qual, por causa das tempestades, que alli experimentou, nomeou, Cabo das Tormentas; mas ElRei, das esperanças que concebeo, de que já estava vencida a maior difficuldade, para achar a India, o chamou Cabo de Boa Esperança. Mostrou este Monarca huma grande inclinação para descobrir a India; mas quando estava fazendo preparações, para pôr este seu intento em execução, a morte o levou. Teve por succéssor, e herdeiro, não sómente da Coroa, mas tambem do seu grande espirito o Senhor Rei D. Emmanuel. No Reinado deste Principe se completou finalmente

o descobrimento da India pela prudencia, zelo, e invencivel heroismo de Vasco da Gama, Heroe do Poema Epico de Camões. Dá aqui o Traductor huma narraçãõ individual, de todos os successos do mesmo Gama na viagem para a India, e na volta para Lisboa, conforme as melhores Historias Portuguezas daquelle insigne evento, e principalmente segue o erudito, e elegante historiador, o Bispo Osorio (*). De sorte que esta narraçãõ serve de hum Argumento Historico ao Poema de Camões. Acabada a historia do descobrimento da India faz esta advertuncia, que como a Cantiga prophetica da Sirena, no Decimo Livro necessita de hum commento, por isso dá huma historia

(*) Não obstante seguir o Traductor ao Bispo Osorio, sempre se colhe das muitas, e largas annotações com que acompanhou a sua Obra, que elle fez hum grande estudo na Historia, não só do Reino, mas da India Oriental, lendo com a maior reflexãõ nesta parte, dos antigos Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Damiaõ de Goes, Diogo do Couto, Manoel de Faria e Sousa: e dos modernos os melhores.

compendiosa das negociações, e das guerras dos Portuguezes na India; e assim passa a hum Tratado, que tem por titulo : A Historia da fundação, e da decadencia do Imperio Portuguez na India.

Começa com a expedição de Pedro Alvres Cabral (*), e vai seguindo huma narrativa bastante exacta dos Governadores da India; das guerras que sustentáraõ; dos Tratados de Commercio, que fizeraõ; das suas Allianças com varios Pincipes da India; e da extensão immensa do Imperio, que adquiriráõ para a Coroa Portugueza, pelos mais elevados actos de verdadeiro Heroismo, pela mais escrupulosa honra, e probibade, e pelo maior zelo do

(*) Esta foi a segunda Armada que o Senhor Rei D. Manoel enviou á India: constava de treze vélas, de que foi por Capitão Pedro Alvres Cabral, a quem o mesmo Rei, depois de fazer celebrar Missa em Pontifical, com Sermaõ na Igreja do Mosteiro de Belém, acompanhou até ao embarque, que foi naquellas praias, e no dia 8 de Março de 1500. Veja-se Damiaõ de Goes na Chronica deste Rei, Parte primeira, Cap. LIV, e LV.

bem público, sem mixtura alguma de interesse particular, e privado. Da outra parte mostra, que outros Governadores, seguindo rumos inteiramente oppostos a estes, arruináraõ este Imperio, que chegou a hum estado de Anarchia no tempo, em que Portugal estava debaixo do jugo de Hespanha. He certo, que esta historia servê para entender a referida Cantiga prophetica; mas o Author entra aqui em varias questões Politicas, que não tem que dizer com o Poema, e assim não podem ter lugar nesta Analyse.

Segue-se a Vida de Luis de Camões, que não tem cousa alguma nova, que nos possa demorar, sendo em substancia a mesma, que se acha nesta Nova Edição das Obras de Camões. Aqui mesmo em huma nota faz menção de huma Traducção Franceza, que appareceo cem annos antes da Versão de Castera: tambem diz, que este Poema foi traduzido na lingua Hebraica, com grande elegancia, e espirito por Luzzetto, hum Judeo douto, e de grande engenho, Author de varios Poemas nesta lingua,

e que trinta annos ha, pouco mais ou menos, morreo na Terra Santa.

No ultimo lugar vem huma Dissertação sobre a Lusíada, e humas Observações sobre a Poesia Epica. O intento do Author neste Tratado se declara no primeiro paragrapho, que aqui se dá traduzido do Idioma Inglez. « Quando (*) Voltaire estava em Inglaterra, antes « de dar á luz a sua Henriade, publicou hum « Ensaio sobre a Poesia Epica das Nações Europeas. Neste louvou summamente, e criticou asperamente o Poema de Camões: e ainda « que esta critica seja cheia de erros, e muito « superficial, tem com tudo passado em Europa pela verdadeira representação do character daquelle Poema. As grandes Objecções « em que se funda a critica de Voltaire, são, « huma mixtura absurda da Mythologia Christãa, e Pagãa, e huma falta de unidade na « Acção. Em quanto á mixtura da Mythologia,

(*) Tudo o que vai signalado com estas notas « he « huma traducção fiel do Exemplar Inglez ».

« offerecer-se-ha huma defeza do Poema; e
« far-se-ha a diligencia para mostrar ao Pú-
« blico, que as exaggerações de Voltaire são
« meras loucuras: e hum exame da Acção da
« Lusíada provará evidentemente, que con-
« forme as regras mais exactas da unidade Epi-
« ca, a mesma Eneida não he mais perfeita na-
« quella connexão, que he necessaria para for-
« mar huma Acção total. »

Para provar que a Acção da Lusíada he *hu-
ma* primeiramente considera qual he a natu-
reza da Epopeia, e conformando-se com a Idea
della, dada por Aristoteles, e pelos melhores
Criticos, conclue, que o Assumpto de hum
Poema Epico deve ser *hum*; e por falta desta
unidade exclue as Obras de Dante, e de Ariosto
do numero de Poemas Epicos, porque consis-
tem em varias Acções, que não tem entre si
aquella connexão, que constitue a unidade
Epica. Mostra depois por huma breve Analyse
da Iliada, e da Eneida, como Homero e Virgi-
lio conserváraõ sempre a unidade da Acção.
Para o mesmo fim analysa o Poema de Camões

desta sorte : « O Poema começa com huma re-
« apresentação da Armada Portugueza , com
« hum vento favoravel , sobre a costa de Ethio-
« pia : os marinheiros porém estão consumi-
« dos com trabalhos , e o salvamento delles de-
« pende da boa fortuna de meter-se em algum
« porto , aonde achem hospitalidade. Repre-
« sentaõ-se os Deoses da Mythologia antiga ,
« ou Poetica em concelho. O successo da Ar-
« mada ha de decidir a sorte do Mundo Orien-
« tal. Mas quando se falla do artificio do mi-
« nisterio dos Deoses na Lusiada , he necessa-
« rio advertir , que he todo allegorico , como
« o he em Homero , e Virgilio. Jupiter , ou o
« soberano senhor do destino , declara que os
« Lusos haõ de ter feliz successo. Baccho , ou
« o Genio da scita de Mafoma , a quem os do
« Oriente veneravaõ com culto religioso , pre-
« vendo a ruina do seu imperio , e altares se
« oppõem a Jupiter , ou ao Destino. A Venus
« celestial , ou Amor celestial favorece aos Lu-
« sos. Marte , ou a fortaleza Divina exhorta ao
« senhor do destino a ficar inalteravel nas suas

« resoluções; e manda-se o filho de Maia, Men-
« sageiro do Ceo, para guiar a Armada a hum
« Porto, aonde seria bem agasalhada. Chega
« a frota a Moçambique. Baccho, como Juno
« na Eneida, faz levantar-se aquelle povo con-
« tra os Lusos. A consequencia he huma ba-
« talha, e a frota victoriosa vai seguindo a sua
« viagem, debaixo da direcção de hum Piloto
« Mouro, que os aconselha a entrar no porto
« de Quiloa. Segundo a Historia, quizeraõ os
« Portuguezes entrar neste porto, aonde tudo
« estava preparado para arruina-los infallivel-
« mente; mas tiveraõ a fortuna de serem lan-
« çados dahi, por huma tempestade repentina.
« O Poeta, no verdadeiro espirito de Home-
« ro, e Virgilio atribue esta fortuna á Venus
« celestial :

Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assignalada, etc.

« Chega a frota a Mombaça. A malicia do Ge-
« nio da seita de Mafoma ainda excita novos
« enganos contra elles. Mercurio, o Mensa-

« geiro do Ceo, avisa o Heroe do Poema, do
« seu perigo; em hum sonho, no espirito de
« Homero, e o manda dirigir a frota a Me-
« linde. Alli chega, e o Principe o agasalha
« com toda a benevolencia, e amisade. Em este
« lugar tem o Heroe a primeira noticia certa,
« e esperanza da India. A admiração, que a
« grande fortaleza, e valor dos seus hospedes
« excita no peito do Rei de Melinde, por serem
« elles os primeiros, que tiveraõ a'ousadia de
« passar o Oceano desconhecido, com muito
« artificio prepara o leitor, para o longo Epi-
« sodio que se segue. Vio Camões, que o Poe-
« ma de Virgilio contém em si a Historia do
« Imperio Romano do seu tempo, e resolveo-
« se a seguir este grande modello. A Historia
« de Portugal, que relata Gama ao Rei de Me-
« linde, era naõ sómente necessaria para dar
« ao novo Alliado huma alta Idea do valor, e
« do espirito dos Portuguezes, mas tambem
« tem huma connexaõ natural com a viagem
« do Gama, e della dá a razãõ, e o motivo.
« Com a mesma propriedade conta o Gama ao

« Rei de Melinde a origem, e o progresso da
« sua Nação, com que relata Eneas a Dido a
« ruina de Troia, que foi a causa da sua via-
« gem. O Rei de Melinde muito satisfeito com
« a fama da Nação Portugueza, promette-lhes
« huma amisade constante, e lhes dá hum Pi-
« loto fiel. Quando elles navegaõ pelo grande
« Oceano da India, outra vez se faz uso do ar-
« tificio dos Deoses. O Demo representado em
« Baccho, roga a Neptuno, e aos Deoses levan-
« tem huma tempestade, para destruir a frota.
« Os Marinheiros de noute contaõ as faça-
« nhas valerosas de seus Patriotas, e se intro-
« duz hum Episodio no espirito poetico de Ca-
« vallaria. Desta sorte representa Homero a
« Achilles, que canta á sua lyra os louvores
« dos Heroes : e na maneira Epica saõ da
« mesma natureza esta narraçaõ dos Mari-
« nheiros, e os contos de Nestor, ou para apla-
« car, ou para inflammar a furia dos Capitães
« Gregos.

« Entre tanto ha huma bella descripçaõ da
« tempestade. Percebe a Venus celestial o pe-
d.

« rigo da frota : e o modo de introduzi-la pela
« apparencia da sua estrella , he huma Idéa
« Poetica, que havia de fazer honra á mesma
« Eneida. Ella no espirito de Homero, chama
« as suas Nymphas, e pelo ministerio dellas se
« aplaca a tempestade. Chega finalmente á In-
« dia o Gama. Cada circumstancia nasce da
« circumstancia antecedente : e o modo de con-
« duzir o Poema em cada circumstancia, como
« se mostrará nas notas, he inteiramente se-
« melhante ao de Virgilio : nem duas Trage-
« dias, feitas em conformidade das regras dra-
« maticas, são mais semelhantes huma da ou-
« tra. O Gama, tendo completado o fim da sua
« viagem na India, dando á véla, parte para a
« Europa; e pela ultima vez se introduz o mi-
« nisterio dos Deoses. Venus para remunerar
« os seus Heroes, faz apparecer no mar huma
« Ilha deleitosa : Voltaire no seu ensaio na lin-
« gua Ingleza, disse, que esta ficção não po-
« dia ser de gosto de Nação alguma, se não da
« Portugueza, e Italiana. Na mesma Obra, na
« lingua Franceza, deixou de fóra esta sen-

« tença; porém diz que esta Ilha he semelhante
« a hum lugar de torpezas, para marinheiros
« Hollandezes. Esta representaçã della po-
« rém, he igualmente falsa, e grosseira. Cada
« circumstancia na Ilha do Amor, tem seme-
« lhança com a Venus de Medicis. A descrip-
« çãõ sim he viva, mas no mesmo tempo he
« casta, como os primeiros amores de Adaõ,
« e Eva no Poema de Milton; e inteiramente li-
« vre daquella grossaria que se acha em Dante,
« Ariosto, Spenser, e no mesmo Milton. Depois
« do Poeta explicar a allegoria da Ilha do Amor,
« a Deosa do Oceano dá ao Gama a sua mãõ,
« e lhe entrega o seu Imperio, e o guia para
« os seus Paços, aonde, em huma Canção pro-
« phetica, elle ouve as acções daquelles He-
« roes, que haviaõ de estabelecer o Imperio
« Portuguez no Oriente. No genero Epico não
« ha cousa, que mais evidentemente mostre o
« engenho de hum Mestre. A Ilha do Amor,
« depois de ser completado o descobrimento
« da India; o grande fim do Poema, he huma
« feliz imitaçãõ dos jogos funebres em honra

« de Patroclo, depois da morte de Hector, que
« he o fim importante da Iliada. O modo de
« proceder he o mesmo, ainda que Camões
« não tire de Homero, nem huma unica cir-
« cunstancia. Ulysses, e Enéas visitaõ as regiões
« dos mortos, e por força Voltaire ha de guiar
« o seu Heroe ao inferno, e ao Ceo. Mas quanto
« he superior o espirito de Camões! Elle imita,
« sim estes grandes passos, por huma ficção
« nova, inteiramente sua; e assim a sua imita-
« ção he sómente parallela. O Gama na Ilha
« do Amor, e Enéas em o inferno são precisa-
« mente a mesma cousa, na Poesia Epica: e
« nesta identidade, que não tem em si nada de
« plagio, Camões faz o tecido da Historia de
« Portugal com muito artificio, como confessa
« o mesmo Voltaire. O Episodio com o Rei de
« Melinde, a descripção das bandeiras pinta-
« das, e a Canção prophetica, na maneira, e
« intento, são parallelas ao Episodio de Dido,
« ao escudo de Enéas, e á visão nos campos
« Elysios. Os grandes objectos, que se propõem
« na Iliada, e na Eneida, são, abrandar a Ira

« de Achilles, e pôr os alicerses do Imperio
« Romano; hum se effectua pela morte de Hec-
« tor; e outro pela alliança entre Latino, e
« Enéas, completada pela morte de Turno. Da
« mesma sorte, o grande objecto da Lusiada
« he estabelecer o Imperio Portuguez Chris-
« taõ no Oriente, o que se completa pela feliz
« chegada do Gama a Portugal: e assim no ver-
« dadeiro espirito da Epopeia acaba o Poema
« da Lusiada, no qual cada circumstancia se
« levanta por huma gradação justa, até que to-
« das as suas partes fazem huma somma total,
« na mais perfeita unidade de Acção Epica. »

Assim defende o Traductor o seu original, contra a falsa critica de Voltaire nesta parte: e depois procede a vindicar o artificio do ministerio dos Deoses. Adverte no principio, que todo este artificio em Homero he huma perfeita Allegoria, e que era o gosto prevalecente no tempo de Camões imitar os Antigos. O mesmo Camões affirma no fim do Livro nono, e em huma das suas Cartas, que elle considerou o ministerio dos Deoses, de que faz uso, como

puramente allegorico. A Mythologia Pagãa tem, não sómente a sua Venus terrestre, mas tambem a celeste, como se vé em hum lugar do Symposion de Plataõ. A Venus celeste he a personagem mais propria da antiga Mythologia, para representar a Religiãõ Christãa; e o Protector mais natural dos altares da India, conforme a antiga allegoria Poetica, he Baccho, que tinha conquistado o Oriente. Com qualquer força que tenhaõ os argumentos, contra o uso do ministerio dos Deoses Gentios na Poesia moderna, se deve confessar candidamente, que a allegoria de Camões, que arma o Genio da seita de Mafoma, contra a expedição dos seus Heroes, he sublime, felizmente inventada, e interessante. Nem se deve condemnar a sua escolha, sem exame do antigo artificio. Tem este artificio sido a linguagem da Poesia por tres mil annos, e todos entendem bem a sua allegoria. Senãõ he impossivel, ao menos será mui difficultoso inventar hum novo, que seja melhor para hum Poema Epico. Porém o que he mais, o mesmo Voltaire, ainda

que inadvertidamente, offerece huma defeza para Camões. Em hum Ensaio, que publicou com a Henriade, diz elle: « A palavra Amphi-
« trite, na nossa Poesia, não significa outra
« cousa, senão o mar; e de nenhuma sorte a
« esposa de Neptuno. » E pode perguntar-se: porque não póde significar a palavra Venus em Camões o amor Divino, e não a esposa de Vulcano? « O amor (diz Voltaire no mesmo
« Ensaio) tem suas settas, e a Justiça a sua ba-
« lança em nossas composições Christãs, em
« nossas pinturas, e em nossa tapeçaria; e nem
« por isso se reputaõ por huma mixtura do
« Paganismo. » Se este criterio he justo, qual he a razão porque não devemos applica-lo á *Lusiada*, do mesmo modo que á *Henriade*?

Outro argumento traz a favor do nosso Poeta, tirado dos dous respeitos, em que se póde considerar a Poesia Epica: porque he historica, e allegorica. Quando o Paganismo era a crença popular, bem podia Diomedes ferir Marte, e Venus: mas quando estes nomes de Deidade vieraõ a ser meramente allegoricos,

tambem devem ser allegoricas as accções, que se lhes attribuem : e Camões nunca se aparta desta regra. Os seus Heroes sao Christãos; e se faz menção da *Santa Fé* nas partes historicas, nas quaes estes Heroes fallaõ, ou obraõ : e sómente nas partes allegoricas introduz o Poeta a Mythologia Pagã, ou Poetica : e não ha mixtura alguma de personagens pagãas, e Christãas nas partes allegoricas do Poema, como tambem a não ha nas partes historicas. Algumas outras provas em defeza do Poeta ha, mas estas são as principaes. Mostra depois, que todos os outros Poemas Epicos modernos, e ainda a mesma Henriade, tem muito mais desta mixtura culpavel, que o poema de Camões.

No princípio desta Dissertação ha huma nota muito comprida, em que o Author dá toda a crítica de Voltaire, contra Camões, tirada da Edição Inglesa original, ainda que confesse, que Voltaire fez varias alterações, nas edições da mesma Obra na lingua Franceza. A maior parte, porém, das objecções, censuras, e erros de Voltaire, já vem refutados no Discurso Pre-

liminar, e assim não he necessario repetir aqui a refutaçãõ, que dá este Traductor, que pouco mais ou menos, he a mesma, que já está dada. Mas he digno de notar-se, que o Traductor descobrio de donde tirou Voltaire a sua noticia de Camões; porque achando elle alguns defeitos criticados por Voltaire, que não existem em Camões; e no mesmo tempo achando, que estes defeitos existem na miseravel traducçãõ na lingua Inglesa, feita por Fanshaw, conclue com razãõ, que Voltaire não teve outro conhecimento do nosso Author, senãõ o que apprendeo pela liçãõ daquella traducçãõ, que não representa o seu original com fidelidade; pois além de não ter espirito Poetico algum, tem varios equivococõs, conceitos, e expressões baixas, que não se achãõ no original, os quaes, porém, o desavergonhado Voltaire, com mãõ liberal dá todos a Camões. Esta ignorancia de Voltaire confirma o Traductor por huma informaçãõ, que recebeo depois da publicaçãõ da primeira ediçãõ da Lusíada na lingua Inglesa, e he: Quando Vol-

taire ainda tinha na Imprensa em Londres o *Ensaio sobre a Poesia Epica*, por acaso mostrou huma folha das provas delle ao Coronel Bladon, Traductor dos Commentarios de Cesar. O Coronel, que tinha estado em Portugal, perguntou a Voltaire, se havia lido a *Lusiada*, e elle respondeo, que nunca a tinha visto, nem sabia a lingua Portugueza. O Coronel deo-lhe a Traducção de Fanshaw, e em menos de quinze dias appareceo a crítica de Voltaire.

Depois destes Tratados Preliminares vem a traducção do Poema, que se póde pronunciar a mais poetica, das que apparecêraõ até agora. Acompanha a traducção com notas historicas, e críticas, em que mostra grande conhecimento da Historia de Portugal, e hum juizo crítico solido. A'lem das notas, no fim do Livro septimo vem hum Tratado, que tem por titulo, « Hum Exame dos principios da « Religiaõ, e da Philosophia dos Brachmanes, » que he pouco interessante a respeito do Poema. E no fim do nono Livro vem huma « Dis- « sertação sobre a ficção da Ilha de Venus, »

na qual louva summamente o engenho de Camões.

Ainda que não he o nosso intento criticar o Traductor Inglez, que faz tanta honra, e justiça a Camões, não devemos com tudo passar em silencio, o ter elle tomado varias liberdades a respeito do original, humas que confessa, e outras que não confessa. Das que não confessa apontaremos dous exemplos, deixando a outros a liberdade de julgar, se hum traductor deve affastar-se tanto do seu original, e texto que traduz.

Na ficção de Adamastor Camões faz, que aquelle Gigante conte ao mesmo Gama a sua historia, e a dos seus amores: o Traductor porém toma outro caminho; porque depois das vozes propheticas contra os Portuguezes, faz desaparecer o Spectro: e ElRei de Melinde refere haver entre elles esta tradição: que na guerra dos Gigantes havia cahido sobre aquellas praias hum delles, cujos gemidos se ouviaõ de noute: e que pelos encantamentos de hum Santaõ, o Spectro foi obrigado a dizer

quem era, e então segue a sua historia. O outro lugar he no principio do nono Livro : Camões faz que o Samori solte o Gama pela fazenda, que veio a terra no Livro oitavo; e no nono conta simplesmente, que o Gama, impaciente de partir para a Europa, mandou que tornassem os seus Feitores a bordo com a fazenda : mas vem-lhe a noticia, que os Feitores haviaõ sido prezos; e logo o Gama manda prender huns Mercadores, que vieraõ ás naos a vender pedraria, e se prepara para partir : porém as mulheres, e filhos dos que estavaõ prezos a bordo das naos, correm ao Samori, e se queixaõ que os seus maridos, e pais estaõ perdidos. Movido com estas queixas, manda o Samori soltar os Feitores Portuguezes, e restituir a fazenda, e o Gama parte-se de Calecut. O Traductor porém, representa tudo isto de hum modo differente. Conforme a sua relação, o Gama está prezo na Corte do Samori, ainda no nono Livro. Em huma Falla cheia de soberba, manda o Samori, que o Gama faça trazer á terra, e entregar-lhe as vélas das naos.

Porém o Gama não quiz consentir nesta proposta, percebendo a intenção maliciosa do Samori. Logo se fazem os signaes, para a frota do Samori attacar a Armada Portugueza: segue-se a descripção da batalha: sobrevem humma tempestade, que desfaz inteiramente a frota do Samori: chega a Armada do Gama victoriosa mais perto da terra, e começa a atirar com a artilheria contra a Cidade. Corre o povo assustado ao Samori, e pede que se faça justiça aos Portuguezes: este Principe atemorizado pela destruição da sua frota, pela commoção do seu povo, e pela intrepidez dos Portuguezes, solta ao Gama, e lhe permite ir a bordo das suas naos. Nesta relação ha mais de trezentos versos, aos quaes nada se acha no original, que lhes corresponda. Aponto aqui estes dous lugares sós, por causa de brevidade; mas o leitor intelligente da lingua Ingleza, e da Portugueza achará muitos outros, aonde o Traductor toma a liberdade de se affastar do original, ou supprimindo passagens, que lá se achão, ou accrescentando outras, que lá se

naõ achaõ. Na Dissertaçaõ Preliminar confessa em termos geraes o Traductor, que a sua intençaõ era dar a Lusitada em Inglez, e em hum espirito Poetico livre: e para a sua defeza diz (e com verdade) « que a versaõ literal
 « de Poesia he hum solecismo: porque huma
 « tal versaõ, naõ póde conservar a felicidade
 « das expressões, a energia, a elegancia, e o
 « fogo do Original.» E que por esta razaõ elle se conformou com o preceito de Horacio:

*Nec verbum verbo curabis reddere fidus.
 Interpres. . .*

Mas naõ obstante tudo isto, huma traducçaõ deve ser huma fiel representaçaõ do seu Original; o que bem póde ser, ainda que naõ esteja feita palavra por palavra, como mostraõ varias traducções poeticas de Homero, e Virgilio nas linguas polidas da Europa, e principalmente na lingua Ingleza. Ellas conservaõ o espirito dos seus Originaes inãteiro, sem que supprimaõ, ou accrescentem passagens compridas. Nem valao Traductor a authoridade de Horacio; por que

evidentemente parece do contexto, que o preceito he sómente para Imitadores, e não para Traductores (*): e sem duvida a imitação he

(*) Em confirmação da intelligencia, que a estas palavras dá o Doutissimo Padre Miguel Daly, que he a genuina, transcreverei aqui a exposição, que Dionizio Lambino nos dá deste lugar da Poetica de Horacio, e servirá tambem para tirar ao Público do engano em que o deixou certo traductor da mesma, ouzando affirmar, que o referido Lambino o passára em silencio, e que nada dissera sobre elle. *Nec verbum verbo, etc. Id est (diz Lambino), et si non studebis verbum è verbo axprimere, ut religiosus, et fidus Interpretes: si non te præbebis ita sedulum, ac fidum Interpretem, ut ne paululum quidem à tuo Auctore discedere audeas. Monet igitur hoc loco Horatius, ne eos, quos nobis proposuimus imitandos, aut equibus argumentum scribendi petimus, ita sequamur, ut interpretes; sed potiùs ut è fontibus eorum, judicio, arbitrioque nostro, quantum, quoquo modo videbitur, hauriamus.* Se isto he passar em silencio o lugar de hum Author, e nada dizer sobre elle, os Leitores poderão julga-lo. Advirto outro si, como de passagem, (não me permite a brevidade de huma nota o ser mais

mui differente da traducção. Huma traducção a onde se tomaõ taõ grandes liberdades, póde facilmente enganar o leitor : supponhamos que hum Voltaire futuro , que não souber a lingua Portugueza , queira formar huma idéa do Poema de Camões, por meio da Traducção do senhor Mickle; se lhe vier á cabeça imaginar, que na descripção da tempestade, e da batalha no Livro nono ha muito do estilo inchado, e do falso sublime, naturalmente todos estes defeitos attribuirá ao Original, ainda que nelle não ha vestigio de taes descripções; e assim enganar-se-ha , como se enganou o outro Voltaire, attribuindo a Camões os defeitos da ridicula versão de Fanshaw.

Atéqui temos exposto ao leitor Portuguez, com a brevidade possivel, quanto basta para

extenso) que se o imitador, no dictame de Horacio, não deve traduzir *verbum verbo*, como *fiel*, e *exacto interprete*, parece que se segue, segundo a força das palavras do mesmo Horacio, que ao Interprete pertence, e he proprio do seu officio o traduzir fiel, e religiosamente.

entender o grande estudo, que o Traductor fez nas Obras Poeticas de Camões, e na lingua, e Historia Portugueza; e para perceber o grande trabalho, que tomou em compilar tantas cousas, que podiaõ contribuir a illustrar o seu Author, e a defende-lo da insolente crítica de Rappin, de Voltaire, e de outros Criticos, que como elles não entendêraõ a lingua Portugueza. Em tudo isto tem mostrado o Traductor huma Erução vasta, e hum juizo exacto.

Mas com tudo isto não se podem disfarçar huns erros crassos do senhor Mickle, os quaes porém, com reluctancia somos obrigados a notar. Em varios lugares trata a Nação Portugueza com muita incivildade, e principalmente em huma nota na Vida do mesmo Camões, a onde se desbocca contra o Senhor Cardinal Rei D. Henrique, para se vingar do castigo, que justamente se deo ao Escocez Buchanano, tirando deste facto huma consequencia muito injuriosa á Nação Portugueza, e muito indigna, não sómente de hum homem bem creado, mas ainda de hum Philosopho; porque na na-

tureza das cousas, a característica que elle dá dos Portuguezes, não póde convir a Nação alguma civilizada.

Bem se podia tambem esperar, que em tal Obra como esta do Traductor, não houvesse lugar para controversias sobre a Religião. Porém elle tem muito cuidado de mostrar o seu odio, e aversão á Religião Catholica. Elle piza, e repiza as antigas, e quasi esquecidas calumnias da Idolatria, e outras semelhantes, que forão mil, e mil vezes refutadas demonstrativamente, e das quaes hoje em dia os Protestantes sensatos se envergonhaõ: falsifica factos, e faz allusões ridiculas, e absurdas, que nada provaõ, senaõ a malignidade do Author. Talvez com este adubo, quiz recommendar o seu livro ao paladar dos seus, para vende-lo melhor.

Atéqui o Reverendissimo Padre Miguel Daly, na sua douta, e bem ordenada Analyse; e atéqui tambem a estimaçaõ, e o gosto com que os Estrangeiros cordatos costumaõ ler o Poema da Lusitada: gosto, que entre nós se não tem achado em alguns, não sei se pelo terem mais

delicado, se por terem bebido em outras fontes as doutrinas da Poesia Epica, e Dramatica. Outra razão mais particular poderá talvez haver; porém essa a deixamos á intelligencia dos nossos leitores prudentes, e desapaixonados, e que costumão dar o seu a seu dono.

Em quanto á justiça, que o Engenhoso Traductor Inglez faz sobre o orgulho, soberba, ignorancia, e falsidade do turbulento, e revoltoso Voltaire, lembramos aos nossos mesmos leitores, que estes são os communs sentimentos dos Estrangeiros desinteressados, dos quaes se podiaõ apontar bastantes: mas, para ultimo desengano dos obstinadamente teimosos, e que ainda vivem como embelecados com as futilidades, e ridicularias deste despropositado historiaõ, bastará que deixemos finalmente aqui, nas palavras de M. l'Abbé de Castres o juizo que delle fazem, não Estrangeiros, mas dentro da mesma França os seus mesmos contemporaneos, os seus mesmos amigos, e Compatriotas. Depois deste Author lhe fazer a merecida justiça em todas as suas Obras Poeticas, não

ficando de fóra a sua estimada (*) **Henriade** (foi taõ extremamente desvanecido de si, e das suas cousas, que chegou a proferir, e publicar, que para haver na França hum Poema Epico, lhe fora necessario escrever a sua **Henriade**) passando ás Obras em prosa, e principiando pelo ensaio sobre a Historia geral, diz assim :

« *L'Essai sur l'Histoire générale* ne sera ja-
« mais regardé par des Esprits sages et instruits
« que comme un tableau infidele, où, sous
« prétexte de peindre le progrès de l'esprit des
« Nations, l'Auteur s'abandonne à toutes ses
« idées, s'efforce de réaliser ses chimeres, ra-
« mene tout à l'objet qu'il s'étoit proposé, ce-
« lui d'établir le fatalisme, systéme qui est le
« comble de l'absurdité. Tous les événements,
« tous les caracteres, toutes les actions, toutes
« les conjectures, ne tendent qu'à favoriser ce

(*) He de hum taõ relevante merecimento, e caracter este Poema, que tendo corrido impresso pelo espaço de mais de sessenta annos, ainda naõ vimos delle huma traducção em outro Idioma.

« principe. L'Historien renverse, sans pudeur,
« tous les monuments de l'Histoire, s'attache
« aux Traditions les plus suspectes, s'appuie
« sur les Auteurs les plus décriés, et ne re-
« doute pas le mépris dû à une crédulité pué-
« rile ou à une mauvaise foi odieuse, pourvu
« qu'il abuse la multitude, qu'il veut absolu-
« ment subjuguier et égarer. De là cette affec-
« tation de présenter la vertu malheureuse, et
« le vice toujours triomphant. S'il parle d'une
« bataille, c'est pour faire remarquer que les
« combattants qui avoient pour eux la justice,
« ont eu les revers en partage. Ses réflexions
« sur les différents Princes ne tendent qu'à
« prouver que les plus méchants ont vécu dans
« la prospérité, et les plus vertueux dans l'in-
« fortune. Dès qu'il trouve la moindre trace de
« superstition, il étale un air de triomphe; il
« proscrit les abus avec un ton de confiance
« propre à persuader qu'il est le premier à les
« combattre, tandis qu'il est le seul à ignorer,
« ou à feindre d'ignorer qu'on les a condam-
« nés avant lui. Il fait plus; quand les faits ne

« prêtent pas assez à sa censure, ou ne ren-
 « trent pas dans son plan, il les transforme, les
 « envenime, les violente, pour les assujettir à
 « son but, et croit être Philosophe, toutes les
 « fois qu'il n'est qu'imposteur ou méchant. Que
 « penser, en effet, de tant d'anecdotes hazar-
 « dées, de tant de critiques puériles, de ce vain
 « appareil de sagacité qui ne se plaît à fouiller
 « que dans les cloaques, et en fait exhaler sans
 « cesse des vapeurs et des nuages qui corrom-
 « pent ou interceptent les vérités les plus con-
 « nues? »

Em final satisfação a alguns escrupulosos,
 que parece se resentirão de que se puzessem
 tão claras, e patentes as calumnias, e falsida-
 des do insolente, e petulante Voltaire, ainda
 accréscentarei ao que fica dito, o que o mes-
 mo Castres diz, (tom. IV, m. pag. 230) quando
 falla do seu celebrado *Ensaio sobre a Poesia
 Epica*. « Il n'y a rien de véritablement décidé
 « que l'ambitieuse manie de passer pour le dé-
 « positaire du génie de tous les Arts, pour un
 « littérateur universel, pour un homme uni-

« que. La plupart de ses Dissertations Littéraires
 « res sont un tribut d'hommages qu'il se paye
 « à lui-même, ou des arrêts prononcés contre
 « ses rivaux : ses Observations sur la Tragédie,
 « une justification de ses Pièces, et la satire
 « adroite de celles des autres; son *Essai sur la*
 « *Poésie Épique*, une Apologie de la *Henriade*,
 « et une censure injuste des autres Poèmes; la
 « *Connoissance des beautés et des défauts de la*
 « *Poésie et de l'Éloquence dans la langue fran-*
 « *çaise*, donnée sous un nom emprunté; l'apo-
 « théose de ses productions; mille autres ou-
 « vrages de sa façon, sont autant de trompettes
 « sonores qu'il consigne à la Renommée pour
 « préconiser son mérite en tout genre. »

O Leitor que quizer neste particular melhor
 instrucção, póde recorrer ao tomo IV, m.
 p. 201 dos Tres seculos da literatura Franceza
 do referido Castres; que eu, por não perder
 mais tempo, et papel com o ridiculo Thraso-
 nismo do desatinado Voltaire, o deixo já, até
 que sirva de festivo assumpto ás Declamações
 de algum futuro Menckenio. »

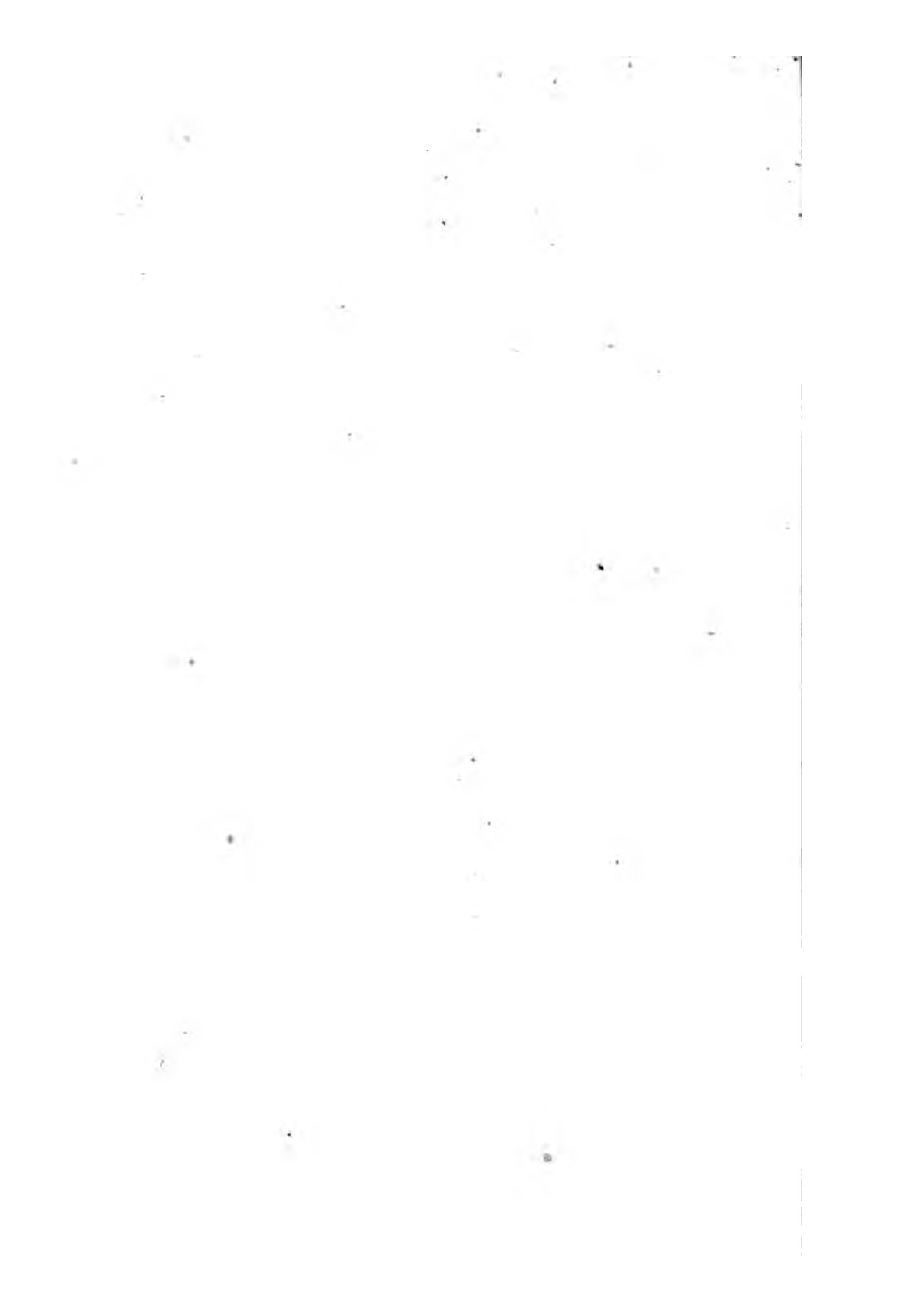
No mesmo paragrapho numero 28 do referido Discurso Preliminar, onde fallo das estimações, que entre os Alemães merece a illustre memoria de Luis de Camões, deve tambem accrescentar-se o distincto elogio, que, no tom. IV, pag. 78 da sua Geographia Universal (*), lhe faz o insigne Geographo Henrique Scherer, por estas palavras, em que bem mostra o quanto estava informado da adversidade da sua fortuna, e das horrorosas miserias em que tristemente acabou. *Ludovicus CAMÕES, insignis Poeta, dictus Virgilius Lusitanus, sed malignantis fortunæ lusus: diu namque in Orbe circumactus; tandem in patria miseris immortuus.*

Sobre o Rhythmo, e numero metrico algumas cousas havia que accrescentar aqui, ás annotações da pag. xv, e xvj da Prefação do tomo terceiro; porém essas as reservo para hum Tratado particular, que quasi se acha prompto para a impressãõ.

(*) August. Vindelicor. 1738.

Com o exemplo de outros muitos Poemas, cujos Cantos, ou Livros tem os Argumentos de diversos Authores já em verso, e já em prosa, me pareceo conveniente, nesta segunda Edição, ajuntar em cada hum dos Cantos da Lusíada, ao Argumento de João-Franco Barreto, outro em prosa; convencido tambem de que as cousas expendidas na oração solta, se percebem sempre melhor, que na ligada.

Isto he o que entendi, e julguei que devia advertir, e dar ao Leitor nesta segunda Edição; confiando, que na terceira, e nas demais que se seguirem, haja Editores, que mais digna, e cabalmente satisfaçaõ ao merecimento do nosso Poeta.



DISCURSO PRELIMINAR,

APOLOGETICO E CRITICO,

COM QUE SAHIO A PRIMEIRA EDIÇÃO.

INTENTAMOS dar ao Público na presente Edição todas as Obras que existem de Luis de Camões, Principe dos Poetas de Hespanha; empreza acometida por muitos, porém de nenhum concluida até ao presente; porque aquella adversidade de fortuna, que este Insigne Portuguez experimentou em quanto vivo, parece que tambem o persegue além da morte, não lhe consentindo o completo applauso, que elle merece pelos seus escriptos. Pelo espaço de mais de dous seculos tem suado os prélos Estrangeiros, e Portuguezes, na Imprensa, já de Traducções, já das Obras deste Grande Homem,

na mesma Lingua original em que elle as escreveu; mas sem que por agora nos embaracemos com aquellas, só nos queixaremos destas, pelo engano que alguns de seus Editores nos fizeram, não nos dando huma Edição completa, como aliàs nos haviam promettido. Desde o anno de 1572., em que o Poema de Luis de Camões sahio a primeira vez impresso, se multiplicáram de sorte as Edições, que affirma Pedro de Mariz, na vida que escreveo, e imprimio com algumas Rhythmas do Poeta em 1601., que até áquelle tempo, só do Poema se haviam consumido mais de doze mil exemplares. Manoel de Faria e Sousa, famoso, e incansavel investigador das Obras, e tambem das acções do mesmo Poeta, faz outra conta; e assevera, que distribuídas as Edições pelos annos que decorrerám desde o mesmo de 1572., até ao anno de 1639., em que elle imprimio os seus Commentarios, vinha a caber huma Edição a cada tres annos; que vem a fazer a somma de vinte e duas Edições.

2. Continuáram os prélos a treballiar, e

desde o anno de 1639. até ao presente se imprimiram estas mesmas Obras taõ repetidas vezes. que naõ será hoje facil o numera-las. Conseruamos exemplares de muitas destas Edições, que com grande cuidado, e curiosidade ajuntámos de muitos annos a esta parte; porque sempre meditámos vingar a este benemerito Portuguez, das injúrias, e affrontas que lhe haviam feito Editores ignorantes, nos multiplicados erros com que lhe tinham publicado as suas Obras; o mesmo que já temos practicado com as de outros Authores Portuguezes, que tambem, naõ sem grande trabalho nosso, tem sahido reimpressas desta nossa Officina, com a mais exacta fidelidade, inteireza, e correccão. Entrando, pois, na conferencia de huns com outros exemplares das referidas Edições, achámos, que em quanto à certeza do Poema, sómente entre si concordam duas, que são: a que se fez em Lisboa no anno do 1609. por Pedro Crasbeek, e dedicada por Domingos Fernandes, Livreiro, a D. Rodrigo da Cunha, Doutor em Canones, e Deputado do Santo

Officio, o qual foi depois Arcebispo de Lisboa, e bem conhecido pela vastidão da sua litteratura; e a outra, a que em Madrid, juntamente com os seus Commentarios, fez Manoel de Faria e Sousa, no anno de 1639. Não podemos saber hoje ao certo, que originaes ou exemplaresseguisse Pedro Crasbeek na sua Edição: sabemos, com tudo, que não seguiu as primeiras duas Edições do Poema, feitas no anno de 1572., nem tambem as outras que posteriormente se fizeram até áquelle tempo, porque dellas differe em alguns lugares. Nestes termos, com os melhores fundamentos assentamos, que ó mesmo Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, a quem a obra se dedicou, como taõ amante, e favorecedor das letras, ministrasse algum original do Poeta, para se regular aquella Edição. Não deve entrar em dúvida, que naquelle tempo fosse facil o apparecerem originaes do poema, ou Manuscriptos dignos de toda a fé, e credito; porque Manoel de Faria e Sousa, que escreveo, e imprimio trinta annos depois, os achou, como affirma

na vida do Poeta, e em varios lugares dos seus Commentarios.

3. Não he cousa crível, á excepção das duas referidas Edições de Crasbeek, e Faria, a negligencia, e incuria, com que os Impressores Portuguezes, desprezando o proprio credito, a honra do Poeta, e da Nação, e com os olhos só no sórdido interesse, imprimiram tão repetidas vezes este Poema, e estas Rhythmas. Faltar-nos-hia papel, e tempo, para numerarmos erros; e bastará dizer-se, que por descuido proprio, houve Impressor, que omittio oito Estancias em hum dos dez Cantos do Poema que imprimio, mas nem por isso deixou de vender: falta, que vinha já de outra Edição antecedente. Parece justo que façamos tambem aqui huma especial memoria da celebrada Edição de Paris, do anno 1759.; celebrada dissemos, mas por aquelles que contentando-se, e parando só na casca, ou superficie, não penetram o amago das cousas. Não sabemos na verdade, que aquella Edição tenha estimavel outra cousa mais, do que

hum papel claro. Se olhamos para a letra, vemos hum carácter que necessita de microscopio par se ler. Se lhe procuramos a inteireza, e boa correccão, achamos huma innumerabilidade de erros, especialmente nas Rhythmas, procedidos, assim da caixa, como do depravado exemplar, que na Impressão se seguio. Nada diremos do indecoroso de algumas das estampas, boas sómente para entreter ou enganar crianças. Promettêram - nos aquelles Editores hum corpo completo das Obras do Poeta, como atélli se não havia feito; porém nada menos, omittíram que huma Comedia, com o mais que nesta nossa Edição se achará. Todos estes defeitos, porém, e outros muitos de que por ora não fazemos menção, lhe perdoariamos de boa vontade, senão houvesse nessa mesma Edição Parisiense perturbação, e absurdo mais consideravel na ridicula idéa com que alli apparecem impressos os Poemas menores, como são : Canções, Odes, Eclogas, etc. Bem sabido he, ser doutrina assen-

tada pelos Mestres (*), que cada hum destes Poemas deve constar de certo número de Estancias, e que cada huma destas deve tambem conter certo número de versos, huns maiores, outros menores, collocando-se todos, a arbitrio do Poeta, em seus devidos lugares. Ora suppostos estes preceitos, faça-se diligencia por se ajustarem nestes Poemas, daquella Edicãõ, o número

(*) Muitos poderamos apontar, mas bastará por todos Lodovico Dolce, que diz assim no IV Livro *delle Osservazioni*, fallando da Canção: «Dovendo adunque » hora trattar dell'ordine, e modo di comporre, dico, » ciascuna Canzone dividersi in piu parti eguali; le quali » sono dimandate Stanze, per che in esse secondo pure » la opinion di Dante, stá, e si richiudi tutto l'artificio » della Canzone. E di queste Stanze, e regola maestra » è la prima. Percioche é in arbitrio dello Scrittore di » elegger quel numero di versi e quell'ordine di corris- » pondenze che piu gli piace: e poi col medesimo nu- » mero, e ordine seguire in sino al componimento » della Canzone. » O mesmo que Ludovico Dolce diz das Canções, se deve entender das Odes, Eclogas, Lyras, etc. nas quaes composições militam estas mesmas regras.

certo das Estancias, com os seus versos correspondentes, e ver-se-ha o que se acha. Tiveram abondade os Senhores Francezes, imprimindo indifferentemente todos os versos maiores mais fóra, e todos os menores mais dentro, de inverter, e transtornar tudo, pondo tudo na maior confusão, e na maior desordem; de sorte, que não ha achar alli, nem o número das Estancias, nem tam pouco o dos versos que cada huma dellas deve ter, para a boa correspondencia de humas com outras. E que bellos, e bem ordenados exemplares, para por elles se regularem os que se applicam ao estudo da Poesia, e á composiçã de semelhantes Poemas ! Não succederia isto certamente na Italia, verdadeiro berço das Musas, onde os Impressores, ainda os mais rudes, poderã certament ensinar os mais affamados da França a imprimir versos.

4. Por todas estas razões preferimos os exemplares da Ediçã de Manoel de Faria e Sousa, não só como mais certos, senã tambem como mais bem ordenados, e por elles regulámos

esta nossa. O trabalho, as despezas, e as fadigas litterarias de mais de vinte e cinco annos, com que este Illustre Escriptor tratou a Luis de Camões nas suas Obras, o constituem benemerito de que o sigamos. A grande vastidão de estudos que possuia em materia de Poetica, nos obriga além disto a que não nos separemos delle. Damos, demais do que atéqui se imprimio, 73. Estancias, que o Poeta desprezou ao tempo de imprimir o seu Poema a primeira vez; as quaes, sendo achadas pelo mesmo Faria em dous differentes Manuscriptos (*), que descobrio na Corte de Madrid, onde assistio pelo espaço de muitos annos, e onde fez

(*) A letra fazia recommendavel, e digno de fé o primeiro destes dous Ms. Era huma copia immediatamente tirada de cadernos que se haviam furtado ao Poeta, antes de passar á India, e comprehendia os premeiros seis Cantos do Poema. O secundo Ms. postoque alterado em partes por Manoel Correa Montenegro, de quem havia sido, sempre Manoel de Faria observou nelle o que vai apontado em seus lugares. Veja-se o mesmo Far. na vida do P. ao princ. da Lusitada.

os mais relevantes serviços a esta Corôa; este no-las deo impressas, naquelles lugares dos seus Commentarios a que respectivamente pertenciam, onde sómente existem, sem que outro algum Editor até ao presente fizesse caso dellas. Não deixamos com tudo de reconhecer, que em algumas dessas Estancias reprovadas pelo Poeta, se acham cousas mais baixas, e por isso mesmo menos relevantes, e attendiveis, como produccões da primeira idade, na qual tendo Luis de Camões meditado a Obra do seu Poema, consta que compuzera certos trossos delle: porém essas mesmas baixezas, além de ficarem assas compensadas com muitos lances verdadeiramente Poeticos, que ahi mesmo se encontram, sendo assim desprezadas pelo nosso Poeta, nos servem de documento, e nos advertem o como em annos mais maduros, e provectoros, devemos cortar pelos vicios da imaginação juvenil. Esta facilidade, e esta prudencia de se emendar a si mesmo não se acha certamente em todos; e por isso a cada passo encontramos em certos

Authores cousas que despertam o riso, e claramente mostram que tiveram origem em imaginação pueril, ou desconcertada. Damos tambem as Lições várias, observadas nos mesmos Manuscriptos pelo mesmo Faria; e imitamos nisto a cuidadosa diligencia daquelles, que, occupando-se em publicar o melhor que se escreveo na antiga, e moderna Roma, fizeram caso não só dessas mesmas Lições várias, achadas nos Manuscriptos; mas ainda dos fragmentos dos mesmos Authores. Ficamos por tanto com a gloria, e com huma total certeza, de que para o futuro, podendo fazer-se Impressões mais magnificas, e pomposas das Obras do nosso Poeta, todavia se não farão, nem mais certas, nem mais completas do que a presente, em quanto ao que elle escreveo.

5. Tambem julgámos senão deviam omittir as dez Estancias de João Franco Barreto, que servem de declarar o argumento de cada hum dos dez Cantos do Poema; conservando juntamente o Index dos nomes proprios, com-

posto pello mesmo Barreto, e tantas vezes impresso com a acceitaçãõ dos Eruditos.

6. Tudo isto fizemos por nos mostrarmos gratos á memoria de hum homem como Luis de Camões, verdadeiramente digno do nome de Portuguez, e que nas Hespanhas, sendo o primeiro que abriu caminho á Poesia Epica; chegou por elle onde, ainda fazendo os ultimos esforços, não pudéram chegar os que depois se lhe seguíram. Faz hum Douto a reflexãõ, de que Homero, e Virgilio, acháram os seus Idiomas em hum mui alto gráo de perfeiçãõ, a que os havia levado hum grande número de Poetas seus antecessores; o mesmo succedèra tambem ao Tasso na Italia: porém que antes de Luis de Camões, ninguem havia achado em Portuguez belleza alguma, ou elegancia Poetica. Que elle fora o primeiro, que reconhecendo nos Escriptores Gregos, e Latinos, o ornamento do dizer, e a gala da locuçãõ; e ponderando quanto deve ser engenhosa a invençãõ Poetica, e quão prudente a disposiçãõ; quanta variedade de cores

deva haver na phrase, e de quanta ficção deva ser adornado hum Poema; de quanta e quaõ varia doutrina semeado; tantára com feliz auspicio passar tudo isto á nossa Lingua, e o conseguira. E na verdade, que quem attentamente reparar na propriedade com que o nosso Poeta se accõmoda, e transforma no character daquellas pessoas que introduz a fallar, pasmará. He notavel a magestade, e o respeito que respiram as palavras de Jupiter no Concilio do Canto primeiro. A cólera com que descreve a Marte alli mesmo. A ternura e melindres com que pinta a Venus lastimada, diante de Jupiter, no Canto II., pedindo-lhe soccorro, e favor para os navegantes. Nos Cantos III., IV., e VIII. o ardor, bravosidade, e destimideza nas accões, e façanhas militares de tantos Capitães famosos; e outra vez no Canto III. a belleza, e a innocencia de D. Ignez de Castro exposta á tyrannia, e á crueldade, que lhe deo a morte. No Canto IV. são notaveis as despedidas na praia de Belem; e não se achará coração humano, por mais

obstinado que seja na dureza , e na impiedade, que lendo estas duas passagens se não enteneça e mova a lagrimas. Parece impossivel, que o mesmo espirito que descreveo a cólera de hum D. Nuno Alvares Pereira, e o sanguinolento daquella batalha no Canto IV.; o desafio dos doze de Inglaterra no Canto VI. , e no mesmo o furioso daquella tormenta, pudesse transformar-se nas ternuras que contém todo o Canto IX; e principalmente no amoroso Leonardo , para dizer á sua Nympha as altas, suaves , e finas expressões, que alli se lem. No Canto X., até á Estancia 72., he notavel o furor bellico, de que este espirito outra vez se reveste, para pintar, e descrever o valor, façanhas, e as proezas de tantos Heroes Portuguezes na Asia.. O mesmo estrondo das armas, parece que está entrando pelos ouvidos; e que com os olhos estão vendo os ares toldados com o pó, e com o fumo : em humas partes se está representando que discorre o furor, e em outras que corre o mesmo sangue.

7 Não obstante , porém , toda esta serie de

bellezas Poeticas, e mais preceitos da Poesia Epica com exacção observados, não faltáram em todos os tempos, assim dentro, como fóra do Reino, zoilos ladradores, que pertendessem escurecer, e denegrir a bem merecida fama de Luis de Camões. Mas deixados por agora os de casa, a que pennas mais eruditas fiseram já emmudecer, sómente diremos alguma cousa sobre o que contra o nosso Poeta escreveo na França o famoso Voltaire. O zelo nos faz pugnar pela verdade, e (não obstante reconhecermos nossas poucas forças, que não fazemos vulto na Republica litteraria, e que somos o minimo dos Portuguezes) nos obriga a sahir a campo a defender o nosso Poeta, das atrozes calúrnias com que a falsidade, e a ignorancia deste Estrangeiro pertendeo ultrajálo. Foi Mr. de Voltaire hum homem summamente soberbo, cheio de vaidade, e que mal enfarinhado, ou para melhor dizer, com huma leve tintura das materias, e das Faculdades, orgulhosamente pertendeo no seu tempo passar pelo maior Critico, e por hum dos homens mais

eruditos da Europa. Mas, sem sahirmos da Poetica, conhecemos a summa ignorancia com que atrevidamente fallava nas cousas. Elle intentou fazer hum juizo dos melhores Poetas das outras Nações; porém por falta de intelligencia dos Idiomas, nem ainda o que achou escripto a este respeito soube trasladar. Tratando do Homero, e Virgilio, e podendo dizer muito destes dous Poetas, (ainda sem entender as Linguas Grega, e Latina) elle se contentou com duas cousinhas, e essas bem pequeninas. Falla em Poetas Hespanhoes, e entre elles, havendo alli outros iguaes, ou talvez melhores, trata com especialidade de Alonso de Ercilla na sua Araucana: e para ostentar que sabia aquella Lingua, pondéra huma breve passagem deste Author, na verdade muito mal, e como quem totalmente o não entendia, ou não havia lido. Meteo-se a fallar dos Poetas Italianos, e o que dahi tirou, foi o que logo veremos, no que lhe respondeo entre outros o verdadeiramente erudito Joseph Baretti, na sua *Frusta Letteraria*. Chega final-

mente a Portugal, e a Luis de Camões, e aqui he onde brillhou em toda a sua extensão o charlatanismo do grande Voltaire. Transcreveremos huma ou outra passagem sua, e poremos na face do Mundo o como acertava no que escrivia este façanhoso Erudito dos nossos tempos. Diz que o (Camões (*), sendo de huma antiga familia Portugueza, nascêra na Hespanha, nos ultimos annos do célebre Reinado dos Reis Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel; tempo em que Dom João o segundo reinava em Portugal). Ora vamos ajustando estas contas com alguma miudeza, e com algum vagar. Em quanto (a Camões ser de huma antiga familia Portugueza) nisso estamos, porque nisso mesmo concordam todos os Escriptores da sua vida: em quanto ao mais não. A Rainha Catholica Dona Isabel, segundo

(*) « Camouens, d'une ancienne famille Portugaise, naquit en Espagne dans les dernières années du règne célèbre de Ferdinand et d'Isabelle, tandis que Jean second régnait en Portugal. »

Garibay na Historia de Hespanha , liv. 19. , cap. 16. , morreo em Medina del Campo à 25. de Novembro 1504 ; seu Marido , El Rei Dom Fernando o Catholico , conforme diz o mesmo Garibay , no tom. 2. , liv. 20. , cap. 23. ; Quintana , nas grandezas de Madrid , fol. 325. , Sousa , Histor. Genealogica , tom. 2. , pag. 163. e 164. ; Fuente , no Diario Historico , tom. 10. , pag. 119. , morreo na Villa de Madrigalejo à 23. de Janeiro de 1516. O nosso Rei Dom. João o II. concordemente dizem os nossos Historiadores , que morreo na Villa de Alvor a 25. de Outubro de 1495. Todos os Escriutores da vida de Luis de Camões , que são ; Pedro de Mariz , Manoel Severim de Faria , Manoel de Faria e Sousa , Gaspar de Faria Severim , o Abbade Diogo Barbosa Machado , e outros , o daõ nascido no anno de 1524. Logo com que verdade diz o charlatam Voltaire que (nacéra na Hespanha , nos ultimos annos do Reinado dos Reis Catholicos Dom Fernando , e Dona Isabel , tempo em que Dom João o II. reinava em Portugal ?) O dizer que (nacéra na Hesper-

nha) tambem he falso; porque dos mesmos Escriptores consta, que ao certo vio a luz do Mundo em Portugal. Duvidáram alguns se foi em Santarem, Coimbra, ou Lisboa; mas ultimamente Manoel de Faria e Sousa, não deixando lugar a dúvidas, e fundado em documentos dignos de toda fé, assenta que foi em Lisboa.

8 Continúa o mesmo Voltaire, e diz: que (despois (*)) da morte d'ElRei Dom Joaõ o II. viera á Corte de Lisboa, no primeiro anno do Reinado d'ElRei Dom Manoel.) Pessimo Chronologo. ElRei Dom Manoel principiou a reinar em 1495., e deixou de viver em 1521.; e sendo isto assim, como podia Camões, que nasceo no anno de 1524, vir a Lisboa *no primeiro anno do Reinado d'ElRei Dom Manoel?*

9 Diz mais: que (**)) *ElRei Dom Manoel,*

(*) « Après la mort de Jean il vint à la Cour de « Lisbonne la première année du règne d'Emmanuel.»

(**) « Emmanuel, déterminé à suivre le projet qui « avait échoué tant de fois de s'ouvrir une route aux « Indes Orientales par l'Océan, fit partir en 1497

determinado a seguir o projecto, que tantas vezes se tinha mal-logrado de abrir hum caminho pelo Oceano ás Indias Orientaes, fez partir em 1497. a Vasco da Gama, com huma Armada para esta famosa empreza, (empreza lhe chama, sem nenhuma propriedade) que era reputada como temeraria, e impraticavel, so porque era nova.

10 Tudo isto aqui se acha confundido: o projecto do descobrimento da India, não foi *tantas vezes mal-logrado*: cometteo-se a Vasco da Gama em 1497., e Vasco da Gama deo conta delle. Das expedições que houve antes desta, nenhuma *se mal-logrou*; todas se empregáram nos descobrimentos da Costa de Africa, que eram os fins a que se dirigiam. Repare-se hum pouco no modo de discorrer deste impostor: diz que a empreza *era reputada por temeraria, e impraticavel, só*

« Vasco da Gama avec une flotte pour cette fameuse
« entreprise, qui était regardée comme téméraire et
« impraticable, parce qu'elle était nouvelle. »

porque era nova : o ser *nova* he que a fazia re-
 putar *por temeraria*, e *impraticavel* : e qual
 sera a *empreza*, ou *projecto*, que nos seus
 principios seja velho? Aqui he *empreza nova*,
 e acima he *empreza tantas vezes mallograda*.
 Que bella coherencia! E he o famoso *Criticaõ*,
 que nos diz, que nos *Episodios do Poema de*
Camões, naõ ha nexo com o assumpto prin-
 cipal.

Vai por diante, e diz: (que o (*) *Gama*,
 e os que tiveram o atrevimento de se embar-
 car com elle, passáram por insensatos, por-
 que muito por sua vontade se sacrificáram.
 Que todos a huma voz clamavam contra o
 Rei; e que Lisboa toda, vio partir com indi-

(*) « Gama et ceux qui eurent la hardiesse de s'em-
 « barquer avec lui, passèrent pour des insensés qui se
 « sacrifiaient de gaité de cœur. Ce n'était qu'un cri
 « dans la ville contre le Roi : tout Lisbonne vit partir
 « avec indignation et avec larmes ces Aventuriers, et
 « les pleura comme morts : cependant l'entreprise
 « réussit et fut le premier fondement du commerce que
 « l'Europe fait aujourd'hui avec les Indes par l'Océan. »

gnação, et com lagrimas, estes Aventureiros, e os chorou como mortos :) concluindo, (que a empreza teve bom successo, e que foi o primeiro fundamento do commercio, que a Europa faz hoje com as Indias pelo Oceano.

12 Não ha embusteiro igual : exceptuado o ultimo periodo acima, tudo o que se contém nos demais, he tão falso, como seu Author. Tanto não passáram por insensatos, que o maior Chronista d'ElRei D. Manoel, Damião de Goes, na Chronica do Principe Dom João, cap. 6., m. fol. 4. fallando destes descobrimentos, e da navegação da carreira da India pelo Oceano, a que então se dava principio, diz : « Das quaes navegações admiração foi
« então tamanha, que por esse respeito vie-
« ram a estes Regnos muitos homêes letrados,
« e curiosos; dos quaes hũus vinhaõ com ten-
« ção de ir ver estas terras, provincias, e
« novos costumes dos habitadores dellas; ou
« para tambem ajudarem a descobrir outras
« com esperanza do proveito, que se lhes
« disso podia seguir : outros vinhaõ sómente

« para verem has cousas, que destas novas
« provincias hos nossos traziaõ; ou para scre-
« verem o que ouviaõ da quelles que das taes
« navegações tornavaõ; por cuja industria,
« e stylo se divulgavaõ entaõ pelo Mundo hos
« casos, e acontecimentos spantosos, com que
« se cada dia ha nossa Nação Portugueza en-
« contrava : ho que estes homões estrangeiros
« faziaõ, ou de suas proprias vontades, ou man-
« dados de Cidades, Respublicas, e Principes,
« desejosos de saberem, ha certeza de taman-
« has novidades- »

13 Por concordar em tudo com Damiaõ de Goes, e por serem summamente raras as Obras do nosso insigne Mathematico Pedro Nunes, em obsequio aos curiosos da Historia Portugueza, daremos aqui o exordio do seu Tratado em defensaõ da Carta de marear, no qual diz assim, fallando das navegações dos Portuguezes, e particularmente desta empreza, á qual a eloquencia do Bispo Hieronymo Osorio (*)

(*) Emmanuel negotium magnitudine clarum, sim-
h.

chama, pela sua vastidão, famosa, e digna de eterna gloria. « Naõ ha dúvida (*diz Pedro*

piternaque gloria dignum suscepit. Osor. de Reb. Gest. Emman. lib. 1. m. p. 21.

Muitos outros Authores Nacionaes, e ainda Estrangeiros, se podiam ajuntar aos referidos; porém só faremos memoria de Duarte Nunes do Leão, no seu *Tratado de vera Regum Portugalæ Genealogia*, fol. 36. « Fuit Emmanuel inter felicissimos totius Or-
 « bis Principes numerandus. Orientis portas pri-
 « mus aperuit, et multa majoribus nostris incognita
 « manifestavit. Ætiopiæ, Indiæ et Persidis partem non
 « minimam, Malacam, Molucos, Brasiliam, e innu-
 « meras Oceani Insulas, antea non repertas, ex qui-
 « bus magnas habuit utilitates; Imperio suo adjecit.
 « Multos Reges subegit; et tanto maris, et terræ spa-
 « tio dissitus tributarios, et vectigales reddidit; mul-
 « tos in clientelam, et amicitiam suscepit. Babylonix
 « Regis classes superavit. Maximas auri, argenti,
 « lapillorum, margaritarum, aromatum, et aliarum
 « Orientalium mercium divitias in Portugalam invexit.

« Tanta vis auri suo tempore fuit, ut prætia rerum
 « mallent multi argento, ut ære, quam auro puro
 « puto solvi, quod difficilis ejus esset permutatio. »

« *Nunes*) que as navegações deste Reino, de
« cem annos a esta parte, são as mayores :
« mais maravilhosas : de mais altas : e mais dis-
» cretas conjeyturas, que as de nenhuma ou-
« tra gente do mundo. Os Portugueze ousa-
« raõ cometer o grande mar Oceano : entraraõ
« por elle sem nenhum receo : descobriraõ
« novas ylhas, novas terras, novos mares, no-
« vos povos : e o que mais he : novo ceo : e
« novas estrellas. e perderaõ-lhe tanto o medo :
« que nem a quentura da torrada Zona : nem
« o descompassado frio da extrema parte do
« Sul : com que os antigos Escriptores nos
« ameaçavaõ, lhes põde estorvar : que per-
« dendo a estrella do Norte, e tornando a
« cobrar : descobrindo, e passando o temeroso
« Cabo de Boa esperança : o mar de Ethiopia :
« de Arabia : de Persia : podéraõ chegar á In-
« dia. Passaraõ o rio Ganges tam nomeado : a
« grande Taprobana ; e as ylhas mais Orien-
« taes. Tiraraõnos muitas ignorancias : e amos-
« traraõnos ser a terra mór que o mar : e aver
« hi Antipodas : que até os Santos duvidáraõ :

« e que não ha regiaõ : que nem por quente,
« nem por fria se deixe de abitar (*). E que
« em hum mesmo clima, e igual distancia da
« Equinoxial, há homões brancos, e pretos :

(*) Joaõ Manardo, famoso Medico de Ferrara, nas suas Epistolas Medicas, que imprimio em Leaõ de França no anno de 1549., pag. 107., para provar contra Aristoteles, e Averroes, que as terras que jazem debaixo de linha Equinoxial eram habitadas, se val destes mesmos descobrimentos dos Portuguezes, por palavras : « Siquidem Lusitanorum in extremo Occi-
« dente habitantium hominum, per Oceanum Atlan-
« ticum, ad Austrum primo, deinde ad Orientem navi-
« gatio clarè nos docuit, sub Æquatore, diversis in
« locis, in quibus nec mare, nec alia res impedit, varias
« gentes habitare. Quod si quis credere non vult, plus
« Aristotelis auctoritati tribuens, et Averrois Cordu-
« bensis, quam apertæ veritati plurimorum fide dig-
« nissimorumque virorum testimonio, qui ad ea loca
« navigarunt, approbatæ, cum eo certe non esset alio
« modo disputandum, quàm eo quo cum negantibus
» ignem esse calidum disputat Aristoteles : ut scilicet
« cogeretur cum Astrolabio stylo et abaco illuc navi-
« gare, rem ipsam exploraturus. »

« e de muy differentes calidades. E fezeraõ o
« mar tam cham : que não há quem hoje ouse
« dizer, que achasse nouamente alguma pe-
« quena ylha : algũus baixos : ou sequer algum
« penedo : que per nossas navegações não seja
« já descoberto. » Eisaqui como os Portugue-
zes « passáram por insensatos »; e eis-aqui tam-
bem as erudições, e as críticas (antes ignoran-
rancias malevolas) do famoso Voltaire.

14 Não duvidamos com tudo, que esse pro-
jecto do descobrimento da India, assim como
todas as emprezas grandes, padecesse suas
contradicções; porém não as padeceo certa-
mente pelo principio que Voltaire entendeu :
enganou-se nesta parte, como ignorante, não
só da Lingua, se não tambem da Historia Por-
tugueza. Outros mui differentes foram os fun-
damentos (que nos não he necessario por ora
expendere) que deram occasiõ a essa contro-
versia, e diversidade de votos. Não duvidamos
tambem, que no embarque, e despedida da-
quelles segundos Argonautas interviessem la-
grimas; assim nos que ficavam, como em

alguns dos que hiam; porém este sentimento, sendo como era, de pura saudade, nada diminuia da grandeza daquella acção, nem tam pouco do gosto, e contentamento, com que geralmente todos para ella concorriam. Os que são vistos nas nossas cousas, sabem que não houve aqui constrangimento, ou violencia. O mesmo Poeta, por quem, annos depois, passáram esta saudade, e estas lagrimas, confirmará esta verdade, pois fallando no Canto X., Estancia 147., com ElRei Dom Sebastiam, e representando - lhe com vivas expressões o gosto, e o ardor marcial com que os seus vassallos se empregavam no serviço da Patria, e em adquirir novos dominios para a Coroa Portugueza, lhe diz assim :

Olhai que lédos vão por várias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros;
Dando os corpos a fomes, e a vigias,
A ferro, a fogo, a sétas, e pelouros;
A quentes Regiões, a plagas frias,
A golpes de idolátras; e de Mouros;
A perigos incognitos do Mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo.

Por servir-vos a tudo apparelhados,
 De vós taõ longe sempre obedientes
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos, e contentes:
 Só com saber que são de vos olhados,
 Demonios infernaes, negros, e ardentes,
 Cometteraõ comvosco, e naõ duvido,
 Que vencedor vos façam, naõ vencido.

Esta mesma alegria, e contentamento no ser-
 viço do seu Rei, se confirma tambem no Can-
 to I., Estancia 51., quando, aportando o Gama
 em Moçambique, e perguntando aquelles Gen-
 tios aos Portuguezes, quem eram, e que mares
 haviam cortado, os mesmos Portuguezes res-
 pondêram:

Do mar temos corrido e navegado
 Toda a parte do Antartico, e Callisto;
 Toda a Costa Africana rodeado,
 Diversos Ceos, diversas terras visto.
 De hum Rei potente somos taõ amado,
 Taõ querido de todos, e bemquisto,
 Que naõ no largo mar com léda fronte,
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

No Canto IV., Estancia 84., fallando o mesmo Gama com o Rei de Melinde, e dando-lhe conta das disposições, a alegria com que haviam sahido do porto de Lisboa, para aquella navegação, lhe diz assim :

E já no porto da inclyta Ulysséa,
 Co'hum alvoroço nobre, e co'hum desejo,
 (Onde o licor mistura a branca area
 Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
 As naõs prestes estaõ : e naõ refrea
 Temor nenhum o juvenil despejo.
 Porque a gente maritima e a de Marte,
 Estaõ para seguir-me a toda parte.

Póde tambem ver-se a este proposito a Estancia 72., do Canto V., que naõ transcrevemos por brevidade.

15 Vai por diante o famoso embrulhador Voltaire, e metendo-se novamente a Chronista de Luis de Camões, (gabo-lhe a bella digestaõ com que escreve) diz: (*) « Hum desejo vago de

(*) « Un désir vague de voyager et de faire fortune,
 « et l'éclat que faisaient à Lisbonne ses galanteries

« viajar e de fazer fortuna: e o ruído que faziam
 « em Lisboa as suas galantarias indiscretas: o
 « seu descontentamento da Corte: e princi-
 « palmente a curiosidade, inseparavel de
 « huma grande imaginação, o arrancáram
 « da sua patria.» Eis-aqui o que em Portu-
 guez corrente se chama andar as apalpadel-
 las. Desta sorte bem podia continuar com o
 aranzel, e dizer que tinha ido por conversar
 com o Preste João; persuadido pelos amigos;
 porque seu pai o mandára, etc. Em fim, não
 ha aqui achar cousa certa.

16 Prosegue a ignorancia, e diz: (*) « ao
 « principio servio como voluntario em huma
 « nao, e perdeu hum dos olhos, em hum com-
 « bate naval. Os Portuguezes tinham já neste

« indiscretas, ses mécontentemens de la Cour, et sur-
 « tout cette curiosité assez inséparable d'une grande
 « imagination, l'arrachèrent à sa patrie.»

(*) « Il servit d'abord volontaire sur un vaisseau,
 « et il perdit un œil dans un combat de mer. Les Por-
 « tugais avaient déjà un vice-roi dans les Indes, etc.»

« tempo hum Vice-Rei nas Indias, etc. » Nova confusão : esta perda do olho, este combate naval, não foram na India, foram em Ceuta, cá na Africa, do Estreito para dentro; onde, primeiro que passasse á Asia, militou o Poeta: no que concordam todos os Escriptores da sua vida; que Monsieur de Voltaire não entendeu (*). Tambem aqui diz, como de passagem, que o Poeta fora degradado da India para a China, e que lá compuzera o seu Poema; o que tambem se convence de falso, pois consta ao certo, que de Portugal o levára já composto, e que lá sómente accrescentára algumas cousas.

17 Depois de todas estas ignorancias, passa

(*) A vaidade, a malevolencia, a calúmnia, e a soberba, cegáram a Mr. de Voltaire, e por isso talvez não vio, no tom. 4., pag. 440., e seg. do *Jugement des Savans*, do seu Compatriota Adriano Baillet, noticias da vida, e acções do nosso Poeta, mais verdadeiras, e mais certas, do que aquellas que aqui nos dá. Os curiosos as poderão ver, e combinar humas com outras.

a traduzir em muito má prosa as primeiras quatro Estancias do Poema, onde diz cousas, que o Poeta nem disse, nem certamente sonhou dizer (*). Mete-se a fazer-lhe seus reparos, e a descobrir-lhe seus defeitos, e vem a cahir nas mesmas ridiculas accusações, em que já outros se occupáram, e cahíram. Não necessita o nosso Poeta de novas Apologias em sua defesa; assaz se tem escripto na materia: mas ainda assim, sempre de passagem responderemos a algumas cousas. Diz que o Camões dera companheiros a Vasco da Gama, Heroe do seu Poema: como se Enéas os não tivera

(*) Mostrou-se taõ insolente a ignorancia de Voltaire nesta traducção, que até os Criticos Estrangeiros se scandalizáram, chegando a publicar hum delles, que: « La poca fedeltá di Voltaire nel tradurre un « passo tratto dal l'Araucana d'Ercilla, e l'invocazione « alle Nimfe del Tago da esso fatta di propria inven- « zione, e quindi supposta a Camões, mi sono, come « dissi già convincentissime prove, che'egli entende lo « Spagnuolo, e il Portoghese, quanto gli elefanti del « Gran Mogollo. » Frust. Letter. pag. 121., col. 2.

em Virgilio, e Achilles em Homero ! Diz que o Camões cantára os Barões assignalados : e nós dizemos que cantou

..... O peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

He digno de ver-se a este proposito dos companheiros do Heroe no Poema Epico, o judicioso Muratori, na sua Perfeita Poesia Italiana, livro 2., cap. 13., defendendo a Torquato Tasso, accusado tambem nesta parte, pela taõ injusta, quanto ignorante critica de Renato Rapin (*). Pro brevidade, e porque

(*) Deste mesmo Rapin ha tambem na *Lingua Franca* certos reparos criticos sobre o Poema de Luis de Camões, dos quaes fazendo menção, e rindo-se Adriano Baillet, conclue : « Non obstant tous ces
« défauts, il est bon de savoir que le Public s'est
« obstiné à demeurer dans l'estime et dans l'amour
« qu'il a témoigné pour le Poëme des Lusiades. C'est
« ce qui l'a fait passer très souvent par la presse des
« imprimeurs. C'est ce qui l'a fait aussi tourner en
« plusieurs langues, etc. » *Jugement des Savans*, tom. 4.

estes livros andam nas mãos de todos, não transcrevemos o lugar, ou os lugares. Diz mais o famoso Voltaire: que o Camões metêra no Poema a Historia de Portugal: supponmos que queria que fosse buscar huns Episodios á Tartaria, ou semelhantes aos de que usou Cervantes no seu D. Quixote. Diz que introduzira os deuses da Gentilidade: visto mostrar-se tão escrupuloso, bem podia acabar com os seus Francezes, que dessem principio a deitar fóra da Astronomia esses mesmos deoses fabulosos; pois não sabemos que haja mais razão para se conservarem nesta, do que para se estranharem tanto no ornamento da Poesia. Falla tambem na Ilha de Anchediva: ficção que certamente mereceo o applauso dos Sábios: e sobre tudo o que mais o espantou,

pag. 442. He o mais principal dos taes reparos de Rapin, que o Camões he escuro nas suas composições, e que os seus versos são totalmente mysteriosos. E poderá, quem assim entende a Lingua Portugueza, fazer reparos nas Obras de Luis de Camões?

foi perguntar o Gama ao Rei de Melinde, se as navegações de Enéas, ou Ulysses, tinham comparação com a sua. *Como se hum barbaro (*) Africano (exclama) das Costas de Zanguebar, soubesse quem fora o seu Homero, ou o seu Virgilio!* Não ha Crítico mais espantado do que este. Como se a instrucção de hum Rei se deva regular pela rudeza, e barbaridade dos vassallos: como se fosse necessario ler *o seu Homero, ou o seu Virgilio*, para ter noticia das navegações de Enéas, e Ulysses: como se naquelle caso, para o Rei de Melinde fazer conceito das navegações daquelles dous Heroes, não bastasse sómente a pergunta do mesmo Gama, e fosse necessario que tivesse lido dellas alguma cousa. Como, finalmente, se o mesmo Camões na Estancia cxi. do Canto II. com muita advertancia, não prevenira e precavêra antes este reparo, fazendo dizer ao mesmo Rei que fallava com o Gama:

(*) « Comme si un barbare Africain des côtes de « Zanguebar savait son Homère et son Virgile! »

Naõ tanto desviado resplandece

De nós o claro Sol, para julgares,

Que os Melindanos tem-taõ rudo peito,

Que naõ estimem muito hum grande feito.

Léam-se tambem as duas Estancias seguintes, e pondere-se, se a hum Rei que assim se pinta e descreve instruido, he cousa impropria perguntar-se-lhe pelas navegações de Enéas, e Ulysses.

18 Desta casta saõ os reparos deste grande Crítico, que intentando sahir a público com huma Obra que ficasse no Mundo servindo, como de norma para os Poemas Epicos, publicou a sua *Henriade*, a qual na estimação dos doutos, e intelligentes da Poetica, a bom livrar, e a fazerem-lhe muito favor, nenhuma outra cousa he, se naõ huma simples e arida relação, acompanhada do *tim tim*, e *tom tom* dos consoantes; ou, para melhor dizer, huma Gazeta rhythmada. Sobre tudo o que fica dito, se Voltaire nota como erro ou defeito o fallar « Vasco da Gama nas navegações de Enéas, « e Ulysses ao Rei de Melinde, porque era hum

« barbaro Africano, e não havia lido o seu « Homero, ou o seu Virgilio; » estamos nos mesmos termos; e pela mesma regra deve notar tambem em Virgilio, no livro 3. da Eneida, huma larga, e miuda relação, que da sua derrota faz Enéas a Dido: relação tal, e tão circumstanciada, que quando pouco, para bem entendê-la, sería necessario entre outras cousas, que aquella Princeza Africana tivesse huma completa instrucção da Géographia, e de tudo o que diz respeito a esta parte da Mathematica. Mas esta regra de Voltaire he tão falsa, e fallivel, como todos as suas, as quaes ninguém de são entendimento deve seguir, ou ter por seguras.

19. Sería hum nunca acabar se nos engolfassemos nas casquilhas, futilidades, e ridicularias deste nugivendolo; e assim, para que os nossos Leitores se désenganem, e façam hum verdadeiro conceito de quanto este charlatam podia ser juiz competente para com os Poetas das outras Nações, bastará que concluamos com o que sobre elle, e em defesa

dos Poetas Italianos, escreveo o Erudito Author da Frusta Letteraria, pag. 115. «Ho detto
« che Voltaire non sa un'acca della Lingua
« nostra, e non l'ho detto per esagerare come
« un vero Italiano istizzito contro uno Stra-
« niero que cerca torne l'onor nostro; ma l'ho
« detto per dire la pura verità. I suoi molti
« giudizj sopra gli Autori nostri, e il picciol
« numero de' nostri Poeti e Prosatori ch' egli
« nomina quando parla dell' Italico sapere,
« dovrebbero essere una prova quasi bastevole
« del pocco, anzi del nulla ch' egli intende
« della nostra Lingua, considerando la perpe-
« tua smania ch' egli ha di parlare di tuti gli
« Autori forestieri; ma non contentandomi di
« questo argomento, que non è forte e convin-
« cente abbastanza, referirò quì un passo di
« Dante da lui tradotto. Confrontate, Italiani
« Leggitori che intendete bene il Francese,
« la sua truffaldinesca Traduzione col grave
« Originale, e poi ditemi se chi traduce in
« questo modo, intende la Lingua che tra-
« duce.

ORIGINALE DI DANTE.

Mentre ch' io forma fui d'ossa e di polpe
 Che la Madre mi die, l'opere mie
 Non furon leonine, ma di volpe.
 Gli accorgimenti, e le coperte vie
 I' seppi tutte, e sì menai lor arte
 Che al fine della Terra il suono uscie.
 Quand' io mi vidi giunto in quella parte
 Di mia età, dove ciascun dovrebbe
 Calar le vele, e raccoglièr le sarte,
 Ciò che pria mi piaceva allor m'incerebbe,
 E pentuto, e confesso mi rendei :
 Ahi miser lasso, e giovato sarebbe !

TRADUZIONE DI VOLTAIRE.

..... Quand j'étais sur la Terre
 Vers Rimini je fis long-tems la guerre
 Moins, je l'avoue, en héros qu'en fripon :
 L'art de fourber me fit un grand renom :
 Mais quand mon chef eut porté poil grison,
 Tems de retraite, où convient la sagesse,
 Le repentir vint ronger ma vieillesse,
 Et j'eus recours à la confession.
 Oh repentir tardif et peu durable !

« E sarà premesso a chi traduce l'Italiano in
 « questo modo, di giudicare della Lingua Ita-
 « liana? Molte altre prove, oltre a questa in-
 « negabile, potrei qui addurre per mostrare
 « l'ignoranza di Voltaire sul fatto della Lingua
 « nostra, e per conseguenza la brutta impos-
 « tura de suoi giudizi sú tal particolare; ma
 « troppo bisognerebbe estendermi; onde me
 « lo serberò per qual ch' altra occasione. »

20. Poucos periodos abaixo acrescenta: « E
 « potrei anche dire, que Voltaire pizzica di
 « matto quando parla di Milton, d'Ercilla, e
 « di Camões; e que a questo Camões, Poeta
 « Epico Portoghese, suppose sfrontatamente
 « un Passo che non ha nella sua Lusiada, per
 « deprimere con una bugiarda asserzione un
 « Poeta Inglese, chiamato Derham. »

21. Depois das maledicencias, e calum-
 niosas accusações do célebre impostor Voltaire,
 parece que pedia a razão, e a justiça, que
 com claros testemunhos, sólidos, e verdadei-
 ros documentos, largamente patenteassemos
 a estimação, e o apreço, em que sempre se

conserváram no Mundo Litterario as Obras do nosso Poeta ; porém este Discurso passaria de Prologo a livro, se nos metessemos a seguir esta derrota, e a repetir os louvores, e os applausos, que lhes tributáram Homens insignes. Aos Authores que escrevêram a vida do mesmo Luis de Camões, dos quaes acima fizemos menção; e especialmente ao Erudito Abbade Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, podem recorrer os que nesta parte desejarem mais extensas e copiosas noticias. Por agora só faremos memoria de hum, ou outro daquelles Escriptores, de que ninguem atéqui se lembrou; os quaes como tivessem as condições necessarias, souberam verdadeiramente avaliar o incomparavel merecimento de Luis de Camões em materia de Poesia. Seja o primeiro o insigne Francisco Leitaõ Ferreira, Academico da Academia dos Arcades de Roma; da Portugueza, que foi instituida no Palacio do Conde da Ericeira; da dos Anonymos; e ultimamente do número da Real da Historia Portugueza. Os dous to-

mos da Arte de conceitos deste doutissimo Escriptor são hum indelevel testemunho , e seraõ hum eterno elogio do merecimento de Luis de Camões. Nas Obras deste judicioso Poeta achou a delicadeza do entendimento daquelle Sabio , huma immensidade de lugares , os mais adequados , e concludentes , para comprovar , e exemplificar as suas asserções em toda a sorte de conceito ; ou , como elle se explica , em todo o *character de dizer*. São dignas dos Estudiosos as reflexões que este engenhoso cultor do Parnaso , faz sobre muitos lugares do Poema , e Rhytmas ; e com especialidade as que se acham na lição trigesima , § 2. , num. 16. , pag. 144. , ponderando o vivo retrato , que no Canto V. , Estancia 39. , tem Luis de Camões , do Gigante Adamastor.

22. O Erudito , e célebre Hespanhol Francisco de Cascales , nas suas *Tablas Poeticas* , impressas em Murcia no anno de 1617. , Obra em que mostrou os abalizados estudos que possuia nesta divina Arte , tambem se diffundio

nos maiores elogios, e louvores do nosso Poeta; já appellidando-o o divino Camões, já o incomparavel Camões.

23. O nosso João Franco Barretto, Philologo notavel do seculo passado tambem mostrou ao Mundo o quanto estimava a Luis de Camões no seu Poema, compondo-lhe o Index de todos os nomes proprios, com a declaração dos mesmos, e (o que certamente se não faria, sem hum grande estudo na mesma Obra) reduzindo-lhe o conteúdo em cada hum dos dez Cantos aos admiraveis argumentos, que em oitava rhythma compoz, e repetidas vezes se tem impresso. Mas parecendo isto muito, não parou aqui, nem se contentou só com estas demonstrações o ardente affecto deste Author; ainda passou a maior excesso; porque sabendo que alguns malevolos, e ignorantes, com atrevida critica, haviam escripto contra certa passagem do Poema escreveo hum « Dis-
« curso Apologetico sobre a visã do Indo, e
« Ganges, introduzida com excellente Prosa-
« popéia, pelo insigne e heroico Poeta Luis

« de Camões, no Canto IV. da sua *Lusidada*, » que era o lugar censurado. Entre algumas Obras manuscriptas, que de João Franco Barreto conservava certo curioso, tivemos o gosto de ver este Discurso, no qual se admirava, não sómente a vastidão dos estudos Poeticos; mas huma ampla comprehensão.

24. Não passaremos em silencio Fernando Alvares do Oriente, contemporaneo de Luis de Camões, e João Soares de Brito, Abbade da Igreja de Sant-Iago D'antas: o primeiro glossando muitos versos do nosso Poeta, na sua engenhosa Obra da *Lusitania Transformada*, impressa em Lisboa no anno 1607; e o segundo defendendo-o em huma doutissima *Apologia* dos reparos, e das calúrnias, com que hum Crítico do seu tempo pertendeo insultálo, no Canto IV. do Poema, desde a Estancia 67., até á 75.; e na Estancia 21. do Canto II. Não declara João Soares de Brito em toda aquella *Apologia* quem fosse este Zoilo mordedor; porém de Joao Franco Barreto, na sua *Orthographia da Lingua Portugueza*, pag. 208., e

209., consta que fora hum certo Causidico, chamado Manoel Pires de Almeida.

25 Mas para cabalmente capacitarmos os nossos Leitores, da estimaçaõ, e do conceito, que da Lusitada de Luis de Camões fazia Joaõ Soares de Brito, naõ lhe podemos dar testemunho mais claro, que o que este Author deixou escripto no seu *Theatrum Lusitanicæ Litterarium*, livro que naõ vio a luz pública, e cujo original (de que só huma cópia se extrahio) se conserva na Livraria d'El Rei Christianissimo. E porque este juizo que Joaõ Soares fez de Luis de Camões, e do seu Poema, se conserve melhor na posteridade, e nada perca da sua energia na nossa traducçaõ, o daremos a ler na mesma elegancia Latina em que foi composto, como se segue: « De celeberrimo auctem ejus (CamonI) Lusiadum Poemate Epico, in quo Indicam Lusitanorum expeditionem, sub auspiciis Emmanuelis Regis ad sidera usque evexit, sic statuimus: divinum illud esse opus, siue fabulam, et mores, siue sententiam, et dictionem spectes. Actionem

« vero suis distinctam partibus, et episodiis, op-
 « timo principio, congruenti medio, et aptis-
 « simo fine constare; neque aliquid in ea de-
 « siderari, quod juxta Poeticæ Artis præcepta,
 « ad veram, et perfectam Epopciæ rationem
 « requiratur. Tametsi vero scioli non defue-
 « rint, qui CamonI scripta morsibus, seu po-
 « tius latratibus impetierint; tamen Viri egre-
 « gii defenderunt: et Nos, edita Olisipone Apo-
 « logia, ab omni erroris, aut minimi lapsûs
 « nota, pro temporis, ac virium mensura vin-
 « dicavimus, haud passi inultam tanti Viri er-
 « rare umbram. »

26 Deste mesmo parecer de Joaõ Soares de Brito foi tambem o douto André Nunes da Sylva, bem conhecido entre os Litteratos pelos seus escriptos Poeticos: existem disto evidentes provas, em huma larga, e erudita Lição Academica, sobre o Poema de Luis de Camões, a qual com outras Obras do mesmo André Nunes, se conserva manuscripta na Livraria dos Padres Theatinos desta Corte, e em poder de alguns curiosos.

27 A este mesmo proposito de reconhecer o incomparavel merecimento de Luis de Camões, em materia de Poetica, pudemos apontar outros muitos Escriptores, Varões insignes, e doutissimos, dos quaes, nem o Abade Diogo Barbosa Machado, Erudito investigador de antiguidades, nem algum outro Escriptor da vida do Poeta faz menção; porém attendemos á brevidade a que vamos cingidos. Não passaremos com tudo adiante, sem nos lembrarmos das multiplicadas traducções, com que, cada huma no seu Idioma, as mais polidas Nações da Europa intentáram possuir este Poema, em toda a sua energia. Principiando, pois, da Lingua Latina, quatro traducções tem apparecido do Poema neste Idioma: a do Illustrissimo Bispo de Targa D. Fr. Thomé de Faria, que se imprimio em Lisboa no anno de 1621.: a de André Baiaõ, Portuguez, natural de Goa, donde, passando á Europa, e a Roma, foi ahi mesmo Mestre de Rhetorica no Collegio dos Gregos, cujo original se conserva na Bibliotheca Romana: a de Antonio Mendes,

Presbytero secular, e insigne Grammatico do seu tempo, de que dá noticia João Franco Barreto; e a que, por insinuação do Marquez de Niza, D. Vasco Luis da Gama, Embaixador extraordinario á Corte de Paris, e quinto Neto do Heroe, que foi assumpto do Poema, fez o célebre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que conservam manuscripta alguns Eruditos, e de que vimos huma grande parte. A'lém das versões referidas, que foram trabalhadas em verso, traduzio tambem este Poema em elegantissima prosa Latina, na verdade como intelligente dos mais profundos mysterios deste Idioma o douto Philippe Jeseph da Gama, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e da dos Arcades de Roma: e he para magoar, que hum trabalho de tanto credito para o mesmo Poeta, e para seu Author, percesse no incendio, que successivo ao terremoto, abrazou huma grande parte de Lisboa no anno de 1755., como elle mesmo nos communicou por várias vezes. Houve tambem cinco versões deste mesmo Poema na Lingua

Castelhana : a de Bento Caldeira , Portuguez , e assistente em Madrid , impressa em Alcalá , no anno de 1580. : a de Luis Gomes de Tapia , impressa em Salamanca , em 1580. : a de Henrique Garcez , tambem Portuguez , que se imprimio em Madrid em 1591. : a de Manoel Correa Montenegro , e a de Dom Francisco de Aguilar : estas duas ultimas , que não chegaram a imprimir-se , vio Manoel de Faria e Soussa , e dellas faz menção , tanto na vida do Poeta , como em diversos lugares dos Commentarios ao Poema. Na Lingua Italiana acham-se duas traducções; huma feita pelo Genovez Carlos Antonio Paggi , e impressa em Lisboa no anno de 1658. , em doze ; e outra por hum Anonymo , e impressa em Turin no anno de 1772. , tambem em doze. Por não fazermos avultar demasiadamente este escripto , deixamos de mostrar , com lugares de ambas estas versões , e do original , quanto em fidelidade a de Paggi excede a Anonyma , que nos seguram ser feita pelo Conde Laureanni , (bemerito aliás em outros estudos) que assistio por

algum tempo nesta Corte de Lisboa. A má escolha que este Cavalheiro teve no exemplar de que se servio para traduzir, deo tambem occasião a que se enganasse em alguns lugares do Poema; para que acabe de se conhecer, quanto huma impressão errada he prejudicial na Republica Litteraria. Ha tambem na Lingua Franceza huma traducção, illustrada com bastantes notas a cada hum dos dez Cantos, por Mr. Du Perron de Casterá, que sahio impressa em Paris no anno de 1735., em 3. tomos de 12 (*).

28. Na Lingua Ingleza foi tambem traduzido este Poema pelo Cavalheiro Ricardo Fanshaw, Enviado por ElRei de Inglaterra

(*) Desta Traducção diz De Bure na sua Bibliographia : « Traduction assez estimée : elle est jusqu'à « présent la seule qui ait été publiée de ce fameux « Poëme. » No Jugement des Savans, tom. 4., pag. 442., da Edicção de Paris de 1722., Adriano Baillet faz menção de outra traducção tambem na Lingua Franceza, feita por hum Anonymo, e pelos annos de 1612.

nesta Corte de Lisboa. Imprimio-se esta versãõ em Londres no anno de 1655., in fol. Modernamente sahio segunda vez traduzido em verso Inglez, pelo Cavalheiro Guilherme Julio Mickle, assistente, e graduado na Universidade de Oxford; o qual para vir no conhecimento das bellezas deste Poema, muito de proposito estudou a Lingua Portugueza. He notavel no asseio, e magnificencia, esta ediçãõ, que se fez em Londres, anno de 1776.; naõ deixando tambem de ser esta segunda versãõ de summo credito para Luis de Camões, pelo delicado gosto que hoje possui a Nação Britannica em materia de Poetica. Naõ nos consta que haja versãõ deste Poema na Lingua Alemãa) porém sabemos ao certo, e o sabem os que saõ versados na Historia Litteraria daquella Nação, que os Alemães respeitam seu Author: isto se vê claro na Bibliotheca de Menckenio, e em outros. A'vista, pois, de tantas e taõ diversas Nações, familiarizadas, pela lição do seu Poema, com o nosso Poeta, bem parece que com igual (ou talvez mais)

razaõ, e justiça, podia Luis de Camões dizer o mesmo que de si vaticinou o Lyrico Latino na Ode XX. do Livro II. :

Me Colchus, et, qui dissimulat metum

Marsæ cohortis, Dacus, et ultimi

Noscent Geloni: me peritus

Discet Iber, Rhodanique potor.

29. Em ultimo lugar daremos aqui hum abreviado extracto, ou resumo do que se contem nos dez Cantos deste Poema, para que com mais facilidade se possa perceber, e admirar na sua contextura tudo quanto pôde abranger a vastissima comprehensãõ de seu Author. He, pois, o seu assumpto principal o descobrimento da India, feito por Dom Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e por ordem do Senhor Rei Dom Manoel, de feliz memoria.

30. No Canto primeiro he notavel o concilio dos deoses; a magestade com que Jupiter alli falla; a cólera com que Marte se descreve; a opposiçaõ de Baccho, e a efficacia com que Venus

se interessa pelos Portuguezes. Contém além disto este Canto a chegada a Moçambique, onde aos nossos appareceram algumas embarcações de Genticos, dos quaes o Poeta faz a descripção, que principia na Estancia 45., e acaba na 69. Tambem aqui se faz memoria do encontro, e primeira acção militar, que os nossos naquellas praias tiveram com os Genticos, que pretendiam defender-lhe a agua. Esta narraçãõ tem principio na Estancia 86.

31. No principio do Canto segundo se refere o como chegarãam a Mombaça. Referem-se as astucias do demonio, que suggeria ao Rei, que destruisse os navegantes: arma-lhes este traicões: isto até á Estancia 17. Aqui por hum modo admiravel se introduz Venus, e as Nereidas, desviando do perigo as Naos. Tem este mesmo Canto, desde a Estancia 33., até á 54., a admiravel pintura de Venus, quando, fallando com Jupiter, intercede pelos Portuguezes: tem a resposta do mesmo Jupiter: a descripção de Mercurio, e a sua mensagem ao Rei de Melinde, que começa na Estancia 54.

e corre até á 64. Na 72., principia a descripção da chegada a Melinde, do alvoroço da gente, da pessoa do Rei, do Gama; das demonstrações de alegria; de como o Rei o obriga a que lhe dê conta em particular de si, e da sua patria; no que dá fim este Canto.

32. No Canto terceiro se faz a descripção da Europa, e das acções militares d'ElRei Dom Afonso Henriques, o primeiro de Portugal, e de Algumas de seus successores: isto até á Estancia 98. Na Estancia 102., apparece em Portugal a Rainha de Castella Dona Maria, pedindo soccorro a ElRei seu pai, para a batalha do Salado. He digna de attenção a pintura que o Poeta faz desta Matrona rogando, e do Rei condescendendo com os seus rogos. Sahe o Rei armado com a sua gente á batalha, a qual se vence. Aqui entram os amores de D. Iguez de Castro, e o lastimoso e triste successo da sua morte, que logo se continúa. Na Estancia 138. principia a referir-se, como ElRei Dom Fernando se deixou vencer da desordenada affeição, que teve a D. Leonor

Telles de Menezes, com a qual, sendo casada, se casou. Apontam-se casos semelhantes, e castigos que a estes sobrevieram; e ultimamente se desculpa este acontecimento, breve, elegante e eruditamente.

33. No Canto quarto entram as guerras de Portugal com Castella sobre a successão: dá-se conta da batalha de Aljubarrota; da victoria desta, e de mais algumas. Apparece o grande Dom Nuno Alvares Pereira, chefe desta acção. He inimitavel a pintura que o Poeta faz deste Heroe, com a espada na mão, animando a todos os que o seguiam, e persuadindo-lhes a razão, e a justiça da causa, que devia movê-los. Seguem-se as expedições d'ElRei Dom João o segundo, para descobrir a India, as quaes começam na Estancia 60.: o sonho d'ElRei Dom Manoel, e a visão dos rios Indo, e Ganges, que lhe fallam; e a descripção das terras por onde correm: como se prevenio, e determinou a viagem de Vasco da Gama, e a resolução da gente na mesma. Aqui se acham as saudosas despedidas entre pais, filhos, e ir,

maõs; de esposas, parentes, e amigos nas praías de Belem. Tambem aqui se introduz aquelle velho, que exclamando diz cousas admiraveis.

34. No Canto quinto refere Vasco da Gama ao Rei de Melinde, por hum modo certamente exquisito, tudo quanto foi vendo desde que sahio de Lisboa, até que chegou a Melinde, em que entra tambem o caso de Fernão Velloso. Ha tambem aqui a fabula de Adamastor, que principia na Estancia 37., invenção propria do Poeta, fundada no Cabo de Boa Esperança, ao chegar o Gama defronte delle. Com esta ficção chega até á Estancia 60., da qual até ao fim continúa com a relação do restante da viagem.

35. No Canto sexto ha a descripção do mar, do Palacio do Neptuno, do ajuntamento dos deoses marítimos, da pessoa de Tritão, e da entrada de Baccho alli. Propõe-se a causa da vinda do mesmo Baccho, e se referem as suas iras. Ha tambem a agradavel historia dos doze de Inglaterra; e depois se refere huma horrorosa tormenta marítima, que padeceo Vasco da

Gama naquelles mares Orientaes. Aqui apparecem as Nymphas , applicando com a sua formosura , e com os seus amores a furia dos ventos.

36. O Canto septimo entra com huma exhortação , ou advertencia aos Principes Christãos. Segue-se a descripção do Malabar; a introdução do Mouro Monçaide , e a sua relação daquellas partes; a entrada dos navegantes em Calecut; a esculptura das portas do Palacio daquelle Rei , e o que se passou com elle. Na Estancia 78. entra a declarar as pinturas de humas bandeiras , que o Gentio queria ver decifradas , com cuja declaração se passa ao Canto oitavo.

37. No principio de Canto oitavo continúa a declaração das mesmas pinturas , que todas eram de famosos Heroes. Aqui se descobre a cópia , e a variedade no dizer; porque sendo muitos , e louvando-se em todos huma só cousa , que he o esforço , em cada hum delles usa o Poeta de novos termos , todos inimitaveis. Depois , com a occasião do que alli succedeo ao Gama ,

descreve nelle hum Capitam prudente, vigilante, industrioso, e de grande constancia, e coração. Tambem aqui se acha a prática que o mesmo Gama tem com o Rei de Calecut, sobre o haver-lhe dado a entender que era Cossario.

38. No Canto nono são innumeraveis as bellezas, e artificios Poeticos; o cuidado de Venus em prevenir descanso, e premio aos navegantes, que principia na Estancia 18.; o passar no seu carro ao monte Idalio, que principia na 24.; a descripção do exercicio dos Cupidos, que principia na 30.; a chegada de Venus, e falla que faz a Cupido, que tem principio na 36., a acção delle em ferir as Nereidas; a pintura da Ilha, e de hum valle, que principia na 54.; o desembarque dos navegantes, e encontro das Nymphas variamente entretidas, que principia na 64.; os pensamentos amourosos de Leonardo, correndo em seguimento de Ephyre, que principiam na 75.; a posse que tomáram das suas Esposas os Soldados, e de Tethys o Gama, que começa na 84. Se-

guem-se algumas moralidades até ao fim do Canto.

39. O Canto decimo principia com o convite que Tethys faz ao Gama; a que se segue o canto da Serêa, que alli se introduz, com a declaração da musica, que juntamente he prophécia das façanhas de tantos Heroes Portuguezes na India: tudo acaba na Estancia 72. Na 76. vai o Gama guiado por Tethys ao cumede hum monte, em que se descreve a Esphera, e o Mundo; ou como diz o mesmo Poeta, a máchina etherea, e elemental. Segue-se depois huma Geographia de toda a terra, que continúa até á Estancia 142., desde a qual se continúa o embarque dos navegantes para a Patria, e o fim do Poema.

BREVE NOTICIA

DA VIDA

DE LUIS DE CAMÕES.

POR nos não apartarmos do costume practicado pelos Editores de Poetas, somos obrigados a dar ao Público, na presente Edição, huma noticia da vida de Luis de Camões, o que faremos breve e summariamente, remetendo os nossos Leitores, que quizerem mais copiosas informações, a Manoel Severim de Faria, e Manoel de Faria e Sousa, que mais extensamente a escrevêram.

O mais antigo ascendente de Luis de Camões, de que se acha noticia nas Historias, (deixadas por ora conjecturas, fundadas em etymologias de nomes, que de ordinario não

saõ os mais solidos fundamentos) he Vasco Pires de Camões, que em tempo d'ElRei Dom Henrique de Castella, chamado o Bastardo, passou de Galliza a Portugal. De quem fosse filho este Vasco Pires de Camões não consta ao certo: he porém indubitavel, que foi casado neste Reino com huma filha de Gonçalo Tenreiro, General das Armadas de Portugal, o qual teve tambem o titulo de Mestre da Ordem de Christo. Deste matrimonio nascêram Gonçalo Vasde Camões, Joaõ Vaz de Camões, e D. Constança Pires de Camões. De D. Constança, e de Gonçalo Vaz de Camões, houve descendencia illustre, e que se tratou sempre com grande luzimento, da qual nos não he necessario por ora tratar. O segundo filho, que foi Joaõ Vaz de Camões, vassallo d'ElRei Dom Afonso V., titulo muito distincto e honorifico por aquelles tempos, foi de notavel valor nas guerras de Africa, e contra Castella, e de extremada prudencia na paz. Teve seu domicilio em Coimbra, em cuja Sé tem tambem magnifica, e sumptuosa sepultura, de que al-

guns inferíram (erradamente) ser o nosso Poeta natural daquela Cidade. Cassou João Vaz de Camões com Ignez Gomes da Sylva, filha bastarda de Jorge da Sylva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Sylva, e neto de Diogo Gomes da Sylva, irmão de João Gomes da Sylva Alferes môr d'ElRei Dom João I., e Senhor de muitas terras. Teve della a Antão Vaz de Camões, que casou com Guimar Vaz da Gama, (dos Gamas do Algarve, que trazem sua origem dos do Alemtejo) da qual houve a Simão Vaz de Camões, que casou com Anna de Macedo, da Villa de Santarem. Estes dous ultimos, assistentes em Lisboa, no bairro da Mouraria, Freguezia naquelle tempo de S. Sebastiam, foram os progenitores de Luis de Camões, que nasceo na mesma Cidade, no anno de 1524.

O Licenciado Manoel Correa, contemporaneo, e amigo do Poeta, na vida que escreveo do mesmo, por mera conjectura, ou por hum pouco mais, ou menos, o dá nascido no anno de 1517., porém Manoel de Faria e Sousa,

tendo seguido antes a mesma opinião, fundado depois nos irrefragaveis documentos das Listas da Casa da India, que vio, faz ao nosso parecer mais certo cálculo, e prova nascêra no anno de 1524. acima apontado.

« No anno de 1643. (*diz Faria*) veio ás minhas mãos o Registo da Casa da India de Lisboa, de todas as pessoas mais principaes que passaram a servir áquelles Estados, desde o anno de 1500., até estes nossos tempos, e na Lista do anno de 1550. achei este assento: » « Luis de Camões, filho de Simão Vaz, e Anna de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, Escudeiro de 25 annos, de barba ruiva; trouxe por fiador a seu pai: vai na Náo de São Pedro dos Burgalezes ». Esta Náo era a em que hia o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha, que então passava á India.

Naõ embarcou Luis de Camões no anno de 1550., posto que se alistasse, mas sim no anno de 1553., em que foi por Capitam mór de quatro Náos Fernando Alvres Cabral: no Registo da gente dellas, e no titulo da gente de

guerra achou o mesmo Faria este assento: « Fernando Casado, filho de Manoel Casado, « e de Branca Queimada, moradores em Lis- « boa, Escudeiro; foi em seu lugar Luis de « Camões, filho de Simão Vaz, e Anna de Sá, « Escudeiro, e reccebo 2,400. reis, como os « demais ». Destes dous assentos, que são de certeza indubitavel, conclue Faria, que se o Poeta no anno de 1550. tinha 25. de idade, sem dúvida havia nascido no anno de 1524. Em quanto ao appellido de Sá, que em ambos os assentos se dá a sua Mãi, se responde, que se appellidava de Sá e Macedo, e que o Es- crivam por brevidade lhe tiraria o Macedo, assim como a seu Marido o de Camões, di- zendo sómente Simão Vaz.

Educado Luis de Camões até á idade de doze ou treze annos, passou á Universidade, que já naquelle tempo, por ordem d'ElRei Dom João III., se havia mudado segunda vez de Lis- boa para Coimbra. Foram notaveis os progres- sos que alli fez nas Artes, e nas Sciencias, com a direção daquelles Homens insignes, que o

mesmo Rei chamára de fóra do Reino, para instruirem a mocidade. Não podemos ter melhor, nem mais certa prova, que os mesmos escriptos do nosso Poeta. Desta assistencia em Coimbra se lembrou sempre Luis de Camões, com huma viva saudade, como consta do soneto 133.:

Doces e claras aguas do Mondego, etc.

Da Canção IV.

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo, etc.

E ainda do mesmo Poema, onde no Canto VII., Est. 78. diz:

..... Mas oh cego
Eu, que cometto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho taõ arduo, etc.

Acabados os estudos, e restituído a Lisboa, como he provavel se entregasse ao ocio, entrou logo a experimentar os damnos que delle

resultam, particularmente na idade juvenil. Afeicou-se a certa Dama; e esta afeição deo causa a que o desterrassem da Corte. Crem alguns, que este desterro foi em Santarem, fundados na elegia que começa: *O Sulmo-nense Ovidio desterrado, etc.* onde chora a saudade da Corte, e onde diz que estava vendo o Tejo, e as concavas barcas que cortavam a sua corrente:

Vejo o puro, suave, e brando Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando,
Vaõ pondo em doce effeito seu desejo.

Voltando a Lisboa, e tornando a reincidir na mesma culpa amorosa, houve segundo desterro. Manoel de Faria he de opiniaõ, que não foi segundo; mas que elle mesmo, vendo-se impossibilitado para vir á Corte fizera o primeiro mais dilatado, tomando a resoluçãõ de ir servir a Ceuta. Nesta Praça militou, e assistio por algum tempo, como consta da Elegia que começa: *Aquella que de amor descomedido, etc.* onde diz:

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterraneo, etc.

Pelejando valerosamente aqui mesmo, em
hum combate naval, perdeu o olho direito,
como elle toca na Canção que começa:

Vinde cá meu taõ certo Secretario, etc.

Que esta perda do olho fosse na Africa, e
naõ na Asia, se entende claramente da pri-
meira carta que escreveo da India a hum ami-
go, na qual fallando de hum certo Manoel
Serraõ, em quem havia a mesma falta, diz:
Que, sicut et nos, manqueja de hum olho. Re-
putava este defeito com já antigo, e como
coisa notoria nelle em Portugal.

Depois de haver militado em Ceuta por al-
gum tempo, veio a Lisboa, persuadindo-se
conseguiria algum premio por aquelles servi-
ços militares; mas perdendo totalmente as
esperanças do que pertendia, tomou a reso-
lução de passar á India. Era o seu projecto

embarcar no anno de 1550., com o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha; porém tendo desvio aquella resolução, (como acima fica tocado) veio a fazer viagem no anno de 1553. Embarcou Luis de Camões na mesma Nao em que hia Fernando Alvres Cabral, e das quatro que este Commandante governava, esta foi a unica que naquelle anno chegou á India. Desembarcando em Goa no mez de Setembro, e achando que o Viso-Rei D. Afonso de Noronha, que então o era daquelle Estado, estava de partida com huma grossa Armada contra o Rei da Pimenta, inimigo do de Cochim, e Porcá, amigos nossos, se embarcou, por servir naquella occasião, da qual sahimos com victoria, como elle refere na Elegia que começa: *O Poeta Simonides fallando, etc.* na qual dà tambem conta da sua viagem.

Continuando no exercicio das armas, passou no anno de 1555. ao Estreito de Meca, em outra Armada, de que foi Capitam mór Manoel de Vasconcellos. Ahi se demorou por algum tempo, supportando incommodidades

gravissimas, como consta da Canção X, que escreveo em Goa, e principia :

Junto de hum secco, duro, esteril monte, etc.

Em muitos lugares dos seus Poemas lamenta Luis de Camões os seus infortunios, e muito particularmente na Canção XI, que, depois de voltar da India, escreveo já neste Reino, na qual, á imitação de Petrarca na Canção IV, e de Garcilasso em outra do mesmo número, nos deo hum Compendio da sua vida, e dos innumeraveis trabalhos, e calamidades de que em toda ella se vio combatido. Deixarei aqui a Estancia X, para que o Leitor nestas poucas palavras lea, e pondere huma pequena parte da horrorosa, e dilatada Iliada das suas desgraças.

A piedade humana me faltava,
A gen e amiga já contraria via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia;
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, em fim, o tempo, e o Mundo.

Que segredo taõ arduo , e taõ profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella !
E naõ poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida !
Em fim, naõ houve trance de fortuna,
Nem perigo, nem casos duvidosos,
(Injustiças de aquelles que o confuso
Regimento, do Mundo antigo abuso,
Faz sobre os outros homêes , poderosos !)
Que eu naõ passasse, atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

No princípio da Ecloga XI, escripta tambem depois de haver chegado a Portugal, debaixo do nome de Limiano faz as mesmas queixas dizendo : que, cuidando acharia descanso, socego, e abrigo na patria, em lugar disto, achára sómento huma continuação das mesmas, ou maiores adversidades. Estas são as palavras :

Podia ser ; que muito tempo fóra
Andei desta ribeira, patria minha,

Onde triste me vez andar agora.

Tinha lá para mi, que a vida tinha
Mais socegada cá, e mais segura,
Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.

Foi d'outro parecer minha ventura:
Discordias sós achei, e achei dureza,
Em lugar de socego, e de brandura.

Era Luis de Camões acerrimo Censor dos vicios; e vendo que alguns que serviam Officios publicos se desmandavam, escreveu huma Satyra, na qual fortemente os reprehendia. Tambem compoz, depois desta, outra, contra alguns Grandes da Cidade, que haviam festejado a entrada do Governador Francisco Barreto com hum jogo de cannas. Estas foram as accões mais reprehensiveis que se encontram na vida do nosso Poeta, visto que nenhum homem ingenuo, e prudente, deve romper em taes desatinos.

Estimulado Francisco Barreto, talvez por queixas dos offendidos, que costumam fazer as culpas ainda mais aggravantes, fez prender a Luis de Camões, e o degradou para a China.

Aquiservio o Officio de Provedor dos defuntos, e ausentes, na Cidade de Macào, de pouco tempo fundada pelos Portuguezes. Tendo, porém noticia de haver entrado no Governo da India o Viso-Rei D. Constantino de Bragança, se resolveo a voltar a Goa. Nesta viagem padeceo hum naufragio; e sahindo núnas praias do Rio Mecon, sómente pôde salvar o seu Poema, qual outro Cezar, em semelhante acontecimento, os seus Commentarios.

No anno de 1561. chegou finalmente a Goa, onde recebeo particulares mercês do Viso-Rei D. Constantino de Bragança, e não menos do successor no Governo, o Conde de Redondo Dom Francisco Coutinho. Não foram com tudo tão poderosos estes favores, que chegassem a tirar Luis de Camões da prisaõ em que o haviam metido: dizem huns que por algumas travessuras, outros que por falsas accusações de cousas, que diziam respeito ao Officio, que o Poeta havia servido em Macào.

Estando nesta prisaõ, e já ao tempo de sahir della, o embargou Miguel Rodrigues Coutinho

Fios Seccos, por algum dinheiro que lhe havia emprestado. Neste aperto recorre ao Conde Viso-Rei, que estando de partida com huma lustrosa Armada, para celebrar pazes com o Çamorim, deixou ordem para que fosse solto.

Achando-se Luis de Camões em huma tão triste situação, cercado de trabalhos, e em summa pobreza; e vendo que lhe não aproveitava diligencia alguma, para sahir de tão extremas misérias, se lhe offereceo Pedro Barreto para o levar comsigo a Sofala, onde passava com o posto de Capitam. Seguiu o Poeta a Pedro Barreto, mas chegando a Sofala experimentou nelle hum tratamento tal, que aportando alli humas Naos da India, que vinham para o Reino, se resolveo a embarcar nellas: embargava-o Pedro Barreto (como já Miguel Rodrigues Fios Seccos) dizendo lhe devia duzentos cruzados, que com elle havia despendido; mas a esta dívida acudiram promptamente alguns Cavalheiros, que para o Reino vinham nas mesmas Naos, e a pagáram de

boa vontade, só pelo interesse de trazerem na sua companhia a Luis de Camões. Foram estes Heitor da Sylveira, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferraõ, e outros. Resgatado assim Luis de Camões, voltou na companhia daquelles Cavalheiros para a Patria. No anno de 1569. chegou a Lisboa, que achou ardendo em hum horrivel contagio. Aqui em lugar do premio que merecia pelas suas gloriosas fadigas litterarias, e marciaes, entrou a experimentar novas, e talvez mais fortes adversidades, chegando a tanta miseria, que hum escravo seu chamado Antonio, pedia de noite de porta em porta para o sustentar.

Desta sorte acabou hum homem, cuja memoria, a pezar da inveja, será eterna entre os Eruditos. Morreo em Lisboa no anno de 1579., com 55. de idade; por aver nascido no de 1524. Deo-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da entrada da porta da Igreja do Convento de Santa Anna de Religiosas Franciscanas. Poucos annos depois, que foi no de 1595., D. Gonçalo

Coutinho lhe deu nova sepultura, no meio da Igreja, e lhe fez gravar na campa esta Inscripção:

AQVI IAZ LUIS DE CAMÕES,

PRINCIPE

DOS POETAS DE SEU TEMPO:

VIVEO POBRE E MISERAVELMENTE:

E ASSI MORREO.

ANNO DE M. D. LXXIX.

Ultimamente Martim Gonçalves da Camera fez com que se lhe gravasse na lapide o seguinte Epitaphio:

*Naso Elegis, Flaccus Lyricis, Epigrammate Marcus,
Hic jacet Heroo carmine Virgilius.*

Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia, famam:

Unam nobilitant Mars, et Apollo manum.

Castalium fontem traxit modulamine: at Indo,

Et Gangi telis obstupescit aquas.

India mirata est, quando aurea carmina lucrum

Ingenii haud gazas ex Oriente tulit.

Sic bene de patria meruit dum fulminat ense:

At plus dum calamo bellica facta refert,

Hunc Itali, Galli, Hispani, vertere Poetam:

Quælibet hunc vellet terra vocare suum.

Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni

Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

Foi Luis de Camões nobilissimo por ascendencia, Poeta clarissimo, valeroso Soldado, e de costumes correspondentes ás suas qualidades. Foi de mediana estatura, e bem formado; olhos grandes, nariz no meio levantado, boca grossa, e cabello tirante a açafreado. Em tudo lhe faltou a fortuna, senão na perpetuidade do nome, que ha de competir com a duração dos seculos.

ELOGIOS,

QUE A LUIS DE CAMÕES

DEDICARAM ALGUNS ESCRIPTORES.

DE MANOEL DE SOUSA COUTINHO

EPIGRAMMA.

Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus alto

Quod Sophocles tristi, Naso quod ore canit;

*Moestitiam, casus, horrentia prœlia, amores,
Juncta simul cantu, sed graviore damus.
Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum
Lysia in Eoas imperiosa plagas.
Unus tanta dedit? Dedit, et majora daturus
Ni celeri facto corriperetur, erat.
Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo
Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque novæ fuit ille Camœnæ,
Debita jure sibi sceptrâ Poësis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit antra, lyras,serta, fluenta, deas.
Currere Castalios nostra de rupe licores
Jussit ab invicto prata virere solo.
Cerne per incultos Tempe meliora recessus,
Cerne satas sterili cespite, veris opes.
Omnibus occidui rident tibi floribus horti,
Non ego jam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes
Traxit, et ab stygio squalida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum stumine montes
Pieridumque trahis, Cœlituumque choros.
Sunt majora tuæ Orphæis miracula vocis
Attica, quid faceres si tibi lingua foret?*

INCERTI AUCTORIS
EPIGRAMMA.

*Laurea Camonium circumdedit : illa virescens
Semper, quamquam ætas prona senescat, erit.*

D. THOMAS TAMAIO DE VARGAS, H. R.

IN EFFIGIEM MAGNI LUD. DE CAMÕES

EPICORUM POETARUM IN HISPANIA PRINCIPIS.

EPIGRAMMA.

*Grandia Iysiadum solus celebrare trophæa
Andinâ merui Mæoniâque tubâ.*

DE CAMÕES COGNOMINE**EPIGRAMMA.**

*Indidit ipsa suum tibi docta Camœna Camoës
Nomen, ut à Musæ vox tua voce sonet.*

LUDOVICUS CAMONIUS**MILES, ET VATES.****EPIGRAMMA.**

*Dextera Camonii gladium tenet, ipsa lyramque :
Et Phoëbo, et Marti militat una manus.*

INCERTI AUCTORIS**EPITAPHIUM.**

*Hic situs est Lysius Camonius ille, Camoenis
Qui dedit, et sumpsit nomen, amœnus olor.
Lysiacæ princeps, atque unica gloria Musæ,
Seu cantare lyrâ, sive sonare tubâ.
Dulcibus auritum tenuit qui cantibus Orbem
Dum Lysicæ ad numeros arma, virosque canit.
Mors ipsa argutæ capta est dulcedine vocis,
Nec passa omnino tale perire melos.
Post cineres adeo viva illa silentia cantat:
Lingua illâ tumulus clamat, et Orbis amat.*

*Quin etiam variis modulatur carmina Linguis
Italo, et Hispano, Gallico et ore sonat.
Quæ vitam Heroum factis modulamine laudum
Lingua dedit, nunquam debuit illa mori.
Contigit huic uni, quod Musa negavit oleri:
Nam sua post etiam funera cantat olor.*

TORQUATO TASSO
A LUIS DE CAMÕES
SONETO.

Vasco, le cui felici ardite antenne
In contro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Dove egli par, che di cadere accenne:
Non piu di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio, et scorno:
Ne chi turbo l'Arpie nel suo soggiorno,
Né die piu bel subietto à colte penne.

Na grande Ediçaõ que das Obras de Torquato Tasso se fez em Veneza, no anno de 1736., em 12 volumes de quarto, achará o Leitor este Soneto, que vem na segunda parte do volume sexto, pag. 227. e he no número o 384.

Et hor quella del colto, e buon Luigi
Tant' o'tre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge.

Ond' aquelli, acui s'alza il nostro Polo,
Et achi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del cor o tuo la fama aggiunge.

DE D. LEONARDO TURRIANO

SONETO.

Celeste Cigno de' gran fatti egregi
Del popol Lusitano, ardito, e forte,
Ch' in alto Canto, ad onta della morte,
E del tempo, gli auvivi, et anco infregi.

Se ne gl' alti Elisi, di stellati fregi
L'Eroico Vasco orna le tempie accorte;
Per te, dal basso Occaso al' alte porte
Dell' Oriente, ha i più lodati pregi.

A lui la Palma; a te il lauro si deve,
Luigi, degno Apollo, e degno Omero,
E degno Sol della tua penna stessa.

Vive per lei fra mil'e lingue; e in breve
Rivolga questo, e quell' altro Emisfero.
In vive carte la tua fama impressa.

DE FRANCISCO LOPES
A LUIS DE CAMÕES

SONETO.

Está o Pintor famoso attento, e mudo
Pintando, e recebendo mil louvores
Pelo que retratou de varias cores,
Com engenho subtil, vivo e agudo:

Quem he este que falla, e pinta tudo;
O Ceo, a Terra, o Mar, o campo, as flores,
Aves, e animaes, Nymphas, Pastores
Co' o divino pincel do grande estudo?

O Principe será do gram Parnasso,
Ou o Grego excellente, e soberano
Ou Torquato tambem, que em Verso canta:

E senão he Virgilio, Homero, ou Tasso,
E he, como parece, Lusitano,
He Luis de Camões, que o Mundo espanta.

DE DIOGO TABORDA LEITAÓ,**CONTEMPORANEO DO POETA,****SONETO.**

**Espirito, que ao Empyreo Ceo voaste,
Das Musas cá na terra taõ chorado;
Quanto melhor terás já lá cantado
Do muito que taõ bem nos cá cantaste!**

**Partiste-te de nós, sós nos deixaste,
A ser lá de outro louro laureado,
Differente daquelle que te haõ dado
Os que cá com teus versos tanto honraste,**

**Lá Hymnos, Odes, Cantos mais suaves
Podes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde essa voz de cisne mais se apura.**

**Nem te podem faltar materia graves,
Em que occupes melhor a phantasia;
Que, em fim, o de cá passa, o de lá dura.**

DE DIOGO BERNARDES**SONETO.**

Quem louvará Camões que elle não seja?

Quem não vê, q̄ em vão cansa engenho, e arte?

Elle só a si se louva em toda a parte,

E só elle toda parte enche de iujeja.

Quem juntos n'hum espirito ver deseja

Quantos dões, entre mil, Phebo reparte,

(Quer elle de amor cante, quer de Marte)

Por mais não desejar a elle só veja.

Honrou a patria em tudo: imiga sorte

A fez com elle só ser encolhida,

Em premio de estender della a memoria,

Mas se lhe foi fortuna escaça em vida,

Naõ lhe pôde tirar depois da morte

Hum rico amparo de sua fama, e gloria.

DE AUTHOR INCERTO

SONETO.

Quem he este, que na arpa Lusitana
Abate as Musas Gregas, e Latinas;
E faz que ao Mundo esqueçam as Plautinas
Graças, com graça alegre, e lyra ufana?

Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influio partes divinas,
Com que espiram as flores, e boninas,
Da Homérica Musa, e Mantuana.

Se tu, triumphante Roma, este alcançáras
No teu Theatro, e Scena luminosa,
Nunca do Grão Terencio te admiráras.

Mas antes, sem contraste, curiosa
Estatua de ouro alli lhe levantáras,
Contente de ventura taõ ditosa.

DE MANOEL DE FARIA E SOUSA**SONETO.**

Si a escribir tu pluma aspira,
Y si espirando no escribe,
Toda Musa por ti vive,
Y toda contigo espira.

Siempre suena, siempre admira,
Nunca su valor prescribe,
Tu aliento, ò mano, cultive
Ya la tuba, ya la lira.

Bien por el Orbe està llano
Que Apollo en el se escusára
Teniendote Apollo Hispano:

Que al Mundo, si se repara,
Cada rasgo de tu mano
Es un rayo de su cara.

DO MESMO AUTHOR
EPITAPHIO.

Cierra esta pyra una llama
Que nueva vida recibe:
Porque no murió quien vive
En las alas de la fama.

Mas no la cierra esta pyra,
Solamente se ausentó;
Porque Apollo le llamó
Para entregarle su lyra.

EPITAPHIO

PARA A SEPULTURA

DE LUIS DE CAMÕES,

ACHADO EM ALGUNS VERSOS DAS SUAS RHYTHMAS,

POR JOAÃO GOMES DO PEGO.

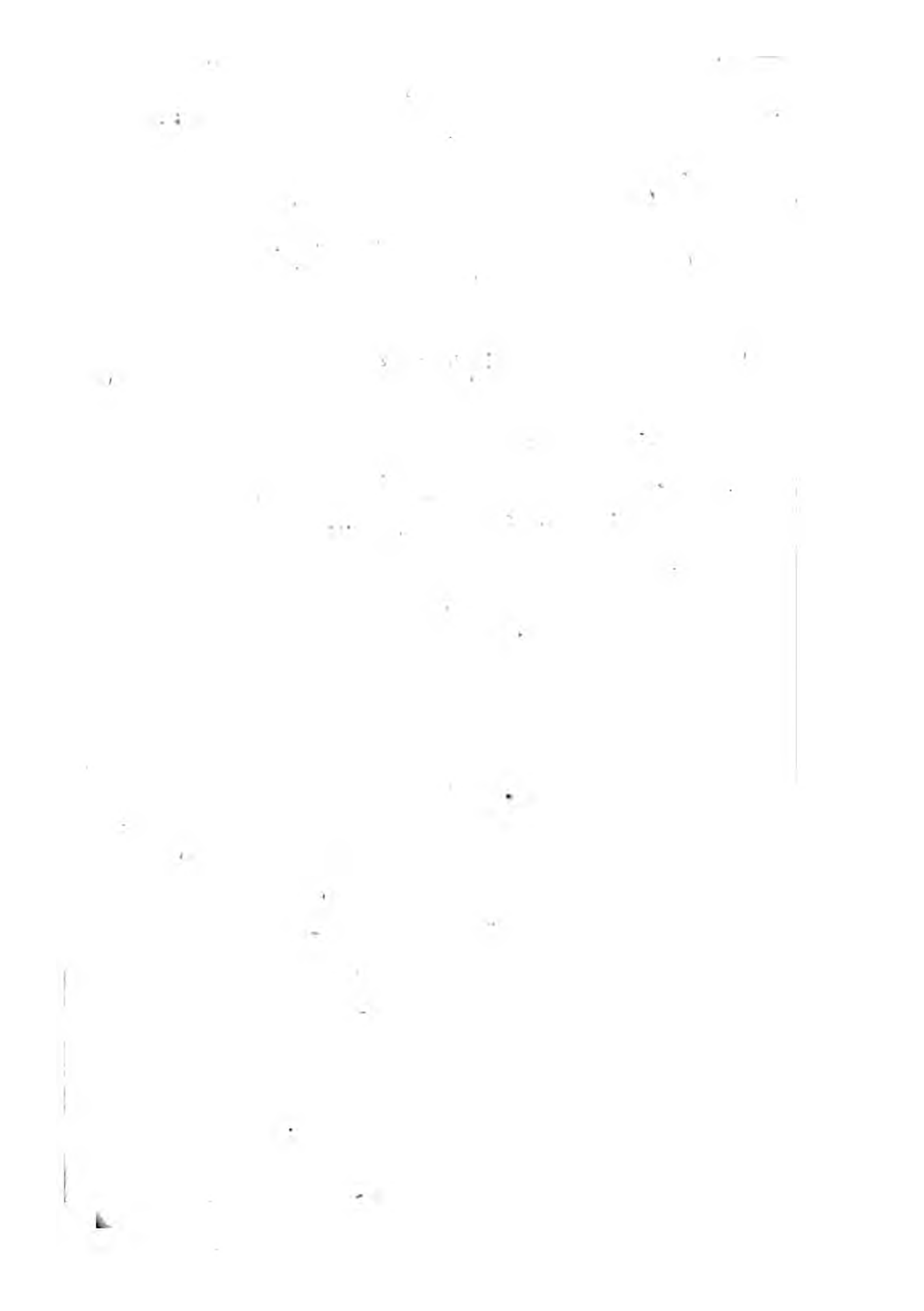
SONETO.

Debaixo desta pedra está metido
Hum Varaõ sapiente, em quem Thalia
Nos versos saudosos que escrevia
Alegra o Mundo todo entristecido.

Sempre será famoso, e conhecido:
Que ao juizo das gentes merecia
Da fama eterna ter perpétuo dia,
Que já por exercicio lhe he devido.

Musica com voz alta, e mui subida;
Copioso exemplario para a gente,
Onde sua fineza mais se apura:

Huma memoria nova, e nunca ouvida,
Hum peito magoado, e descontente,
Jazem debaixo desta sepultura.



LUSIADA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.
CANTO PRIMEIRO.

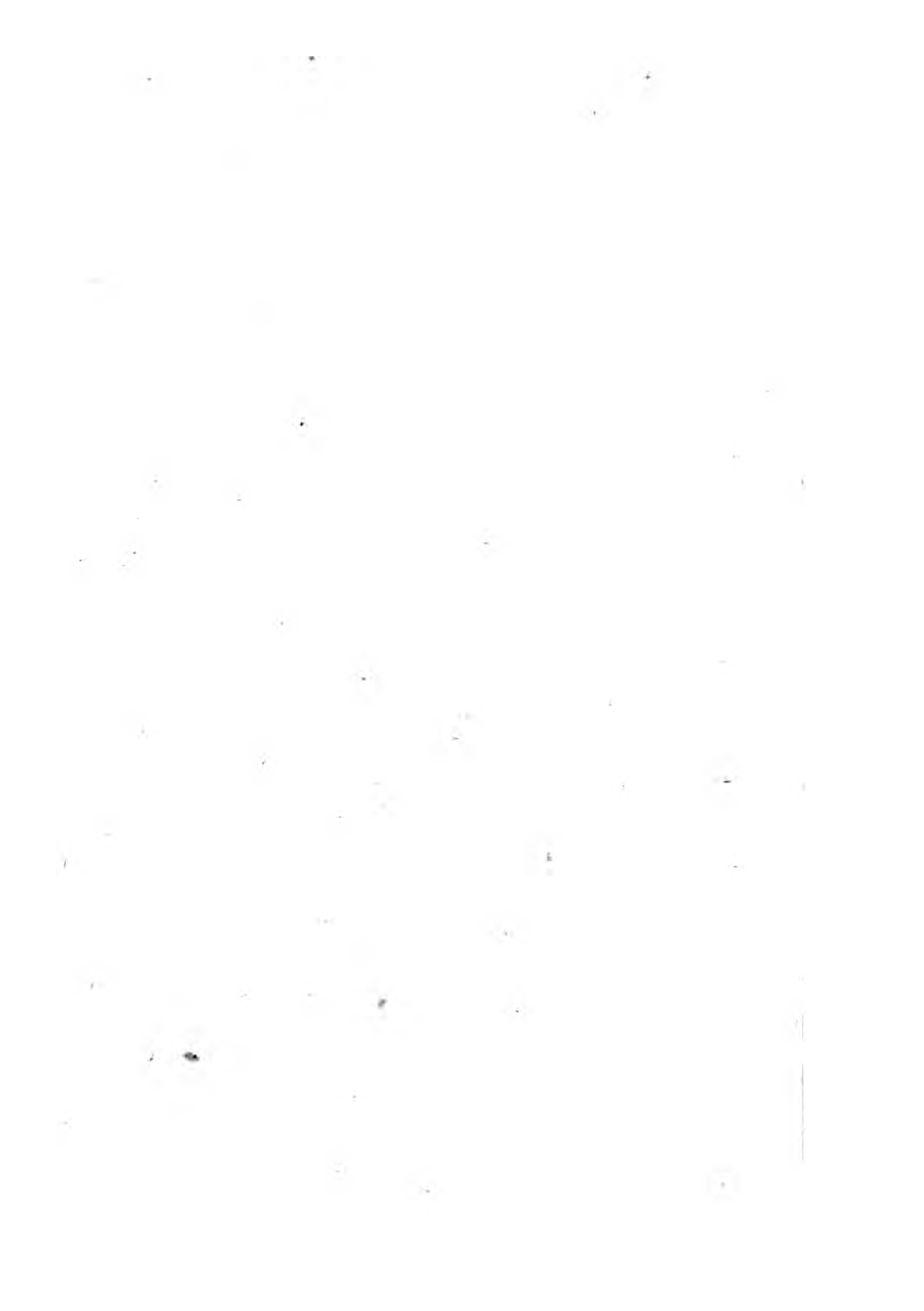
ARGUMENTO

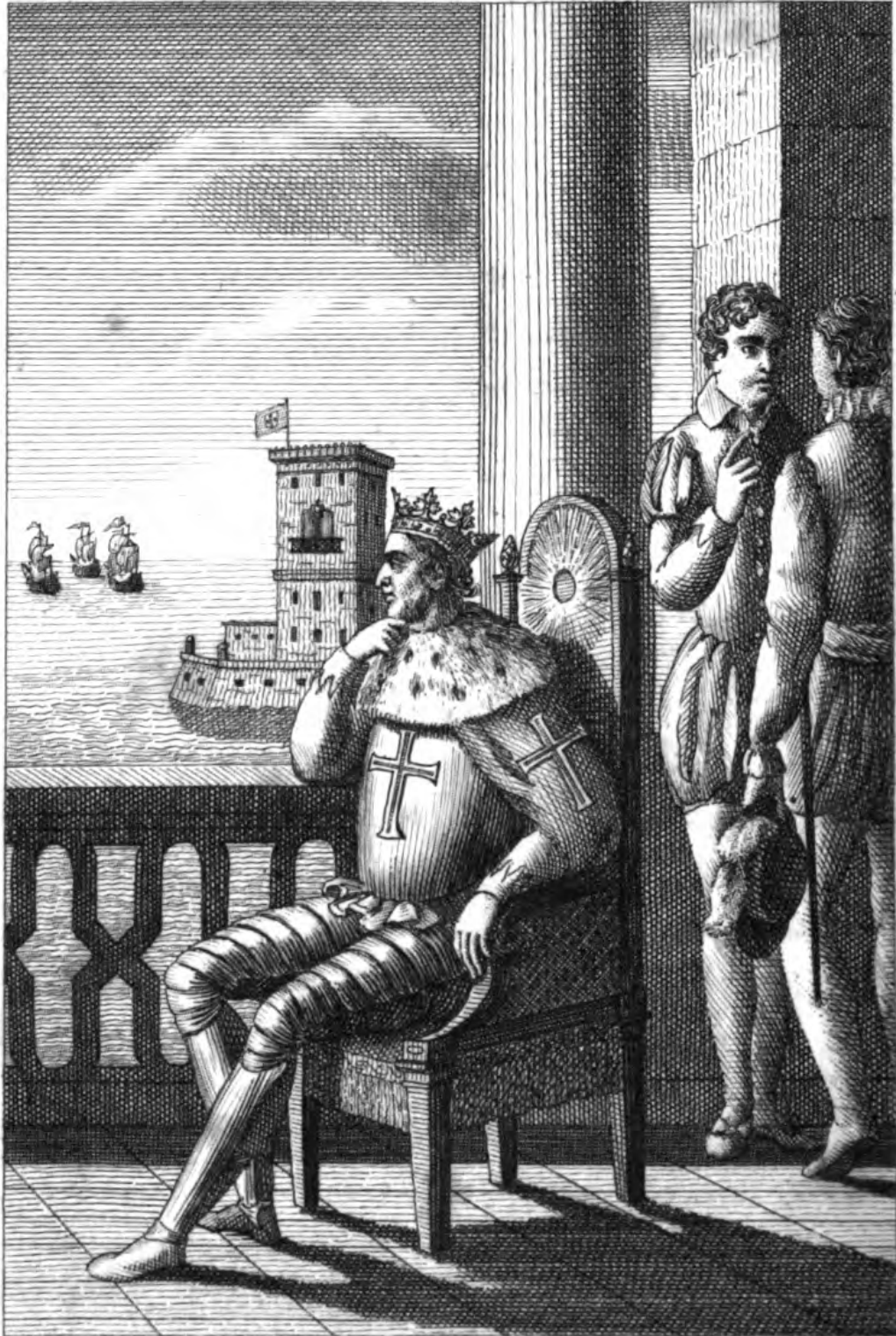
DO CANTO PRIMEIRO.

NAVEGAÇÃO os Portuguezes pelos mares Orientaes: fazem os Deoses seu Concilio: oppõem-se Baccho á esta navegação: favorece Venus, e Marte aos navegantes: chegaõ a Moçambique, cujo Governador pretende destrui-los. Encontro, e primeira acção militar dos nossos contra os Gentios: levaõ ferro, e passando por Quilóa, surgem em Mombaça.

OUTRO ARGUMENTO.

Fazem Concilio os Deoses na alta Corte,
Oppõem-se Baccho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fora.





Ambroise Tardieu del. et sculp. Paris 1815.

**Taõ brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:**

Canto 1.^o Est. 43.

LUSIADA.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As Armas, e os Barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados;
Passáram ainda além da Taprobana:
Que em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificáram
Novo Reino, que tanto sublimáram:

II.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andáram devastando:
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandro, et de Trajano,
A fama das victorias que tiveram :
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram :
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente;
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente ;
Dai-me agora hum som alto, e sublimado ;
Hum estylo grandiloco, e corrente ;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me huma furia grande, e sonora,
E não de agreste avena, ou frauta ruda ;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda :
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda ;
Que se espalhe, e se cante no Universo ;
Se tão sublime preço cabe em verso.

CANTO I.

5

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade;
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade;
Dada ao Mundo por Deos, que todo o mande,
Para do Mundo a Deos dar parte grande :

VII.

Vós tenro, e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente
Cesárea, ou Christianissima chamada :
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amosra a victoria já passada;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou :

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto Imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do Hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro :
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro;
Do Turco Oriental, e do Gento,
Que inda bebe o licor do sancto rio.

I.

IX.

Inclinaí por hum pouco a magestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na inteira idade
Quando subindo ireis ao eterno Templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão. Vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregaõ do ninho meu paterno.
Ouvi, vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois Senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do Mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rogeiro;
E Orlando, indaque fora verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao Reino tal serviço;
Hum Egas, hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobião.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Enéas toma a fama.

XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu Reino a segurança
Deixou co'a grande e próspera victoria;
Outro Joanne invicto Cavalleiro;
O quarto e quinto Alfonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos Reinos lá da Aurora,
Se fizeram por armas taõ subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte;
E outros em quem poder não teve a morte.

XV.

/ E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as rédeas vós do Reino vosso,
 Dareis materia a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o pezo grosso
 (Que pelo Mundo todo faça espanto)
 De exercitos, e feitos singulares,
 De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
 Em quem vê seu exicio affigurado:
 Só com vos ver o barbaro Gentio
 Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
 Thetis todo o ceruleo senhorio
 Tem para vós por dote aparelhado;
 Que affeiçãoada ao gesto bello, e tenro;
 Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
 Dos dous Avôs as almas cá famosas;
 Huma na paz Angelica dourada,
 Outra pelas batalhas sanguinosas:
 Em vós esperam ver-se renovada
 Sua memoria, e obras valerosas:
 E lá vos tem lugar no fim da idade,
 No Templo da suprema eternidade.

CANTO I.

9

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam :
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado :
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Oceano navegavam
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as vélas concavas inchando :
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prótheo são cortadas.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente :
Pizando o crystallino Geo formoso
Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixam dos sete Ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado;
 Alto poder, que só co'o pensamento
 Governa o Ceo, a terra, e o mar irado:
 Alli se acháram juntos n'hum momento
 Os que habitam o Arcturo congelado,
 E os que o Austro tem, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 N'hum assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo, e soberano:
 Do rosto respirava hum ar divino,
 Que divino tornára hum corpo humano;
 Com huma coroa, e sceptro rutilante,
 De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
 Os outros deoses todos assentados
 Como a razaõ e a ordem concertavam.
 Precedem os antiguos mais honrados;
 Mais abaixo os menores se assentavam;
 Quando Jupiter alto assi dizendo,
 C'hum tom de voz começa, grave, e horrendo:

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero Polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento;
Deveis de ter sabido, claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi (bem o vistes) concedido
Com poder taõ singelo, e taõ pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana taõ temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria
Teve os trophéos pendentés da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu Capitam, que peregrino
Fingio na cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vêdes bem, que comettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro Inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem taõ asperos perigos,
Tantos climas e Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E tendo guarneçada a lassa frota
Começarão a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O Padre Baccho alli nao consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria
De que Nisa celebra inda a memoria,

XXXII.

Vê que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou Caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua de Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu taõ célebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella
 Afeiçoada á gente Lusitana,
 Por quantas calidades via nella
 Da antigua taõ amada sua Romana:
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostráram na terra Tingitana,
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupçãõ crê que he Latina.

XXXIV.

Estas cousas moviam Cytheréa;
 E mais, porque das Parcas claro entende,
 Que ha de ser celebrada a clara dêa,
 Onde a gente belligera se estende.
 Assi que, hum pela infamia que arrecêa;
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, e na porfia permanecem;
 A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero ou Boreas na espessura,
 De sylvestre arvoredõ abastecida,
 Rompendo os ramos vaõ da mata escura,
 Com impeto, e braveza desmedida:
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida;
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia;
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
D'entre os deoses em pé se levantava
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para traz medonho, e irado.

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante,
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co' o conto do bastão no solio puro,
O Ceo tremeo, e Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro Hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste;
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es Juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

XXXIX.

Que se aqui a razaõ se naõ mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fõra que aqui Baccho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu taõ privado.
 Mas esta tençaõ sua agora passe,
 Porque em fim vem de estomago damnado;
 Que nunca tirará alheia inveja,
 O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinaçaõ que tões tomada,
 Naõ tornes por detraz; pois he fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e á sétta bem talhada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mavorte valeroso,
 E nectar sobre todos esparzio:
 Pelo caminho Lacteo glorioso
 Logo cada hum dos deoses se partio,
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Para os determinados aposentos,

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, e do Oriente:
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Taõ brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Serenos o ar e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava.
Novas Ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece;
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia;
 Hũus pequenos batéis, que vem daquella
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga véla:
 A gente se alvoroça, e de alegria
 Nao sabe mais, que olhar a causa della.
 Que gente será esta? (em si diziam)
 Que costumes, que Lei, que Rei teriam?

XLVI.

As embarcações eram, na maneira,
 Mui veloces, estreitas, e compridas;
 As vélas com que vem eram de esteira
 De humas folhas de palma bem tecidas:
 A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaetaõ, nas terras accendidas,
 Ao Mundo deo de ousado, e não prudente:
 O Padre o sabe, e Lampethusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos,
 De várias cores; brancos, e listrados:
 Hũus trazem de redor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados:
 Da cinta para cima vem despídos;
 Por armas tem adagas, e terçados:
 Com toucas na cabeça, e navegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co' os pannos e co' os braços acenavam
A's gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás Ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam vélas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido, em cima salta.

XLIX.

Naõ eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia:
No gesto lédos vem, e humanamente
O Capitam sublime os recebia:
As mesas manda pôr em continente:
Do licor que Lieo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Phaetaõ queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, doñde vinham;
Quem eram, de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antartico, e Callisto;
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos Ceos e terras temos visto:
De hum Rei potente somos, taõ amado,
Taõ querido de todos, e bemquisto,
Que naõ no largo mar, com léda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos Phocas se navega.
Mas já razaõ parece que saibamos,
Se entre vós a verdade naõ se nega,
Quem sois; que terra he esta que habitais;
Ou se tendes da India algũus sinais.

LIII.

Somos (hum dos das ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, lei, e naçaõ;
Que os proprios saõ aquelles que criou
A Natura sem lei, e sem razaõ.
Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abrahaõ,
Que agora tem do Mundo o senhorio;
A mãi Hebreá teve, e o pai Gentio.

LIV.

Esta Ilha pequena , que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa , de Mombaça , e de Sofala :
E por ser necessaria procuramos ,
Como proprios da terra , de habitala :
E porque tudo em fim vos notifique
Chama-se a paquena Ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais ,
Buscando o Indo Hydaspe , et terra ardente ,
Piloto aqui tereis , por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente :
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco , e que o Regente
Que esta terra governa , que vos veja ,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo o Mouro , se tornou
A seus batéis com toda a companhia :
Do Capitam e gente se apartou ,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas agoas encerrou
Co' o carro de crystal o claro dia ;
Dando cargo á irmãa , que allumiasse
O largo Mundo , em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
 Com estranha alegria, e não cuidada;
 Por acharem da terra taõ remota,
 Nova de tanto tẽmpo desejada.
 Qualquer entaõ comsigo cuida, e nota,
 Na gente, et na maneira desusada;
 E como os que na errada seita crêram,
 Tanto por todo o Mundo se estendêram.

LVIII.

Da Lũa os claros raios rutilavam
 Pelas argenteas ondas Neptuninas;
 As estrellas os Ceos acompanhavam,
 Qual campo revestido de boninas:
 Os furiosos ventos repousavam
 Pelas covas escuras peregrinas;
 Porém da armada a gente vigiava,
 Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
 Os formosos cabellos espalhou
 No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hyperionio que acordou;
 Começa a embandeirar-se toda a armada,
 E de toldos alegres se adornou,
 Por receber com festas, e alegria,
 O Regedor das Ilhas que partia.

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino
O Imperio tomáram a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitam alegremente
O Mouro, e toda sua companhia,
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia :
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Naõ usado licor, que dá alegria :
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem taõ barbara, e enleada :
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o traje, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII.

E mais, lhe diz tambem, que ver deseja
 Os livros de sua Lei, preceito, ou Fé,
 Para ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como cré.
 E porque tudo note, e tudo veja,
 Ao Capitam pedia, que lhe dê
 Mostra das fortes armas de que usavam
 Quando co' os inimigós pelejavam.

LXIV.

Responde o valeroso Capitaõ,
 Por hum que a lingua escura bem sabia :
 Dar-te-hei, Senhor illustre, relação
 De mi, da Lei, das armas que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geraçaõ,
 Das gentes enojosas de Turquia;
 Mas sou da forte Europa bellicosa,
 Busco as terras da India taõ famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo Imperio
 Obedece o visibil, e invisibil;
 Aquelle que creou todo o Hemispherio;
 Todo o que sente, e todo o insensibil:
 Que padeceo deshonna, e vituperio,
 Soffrendo morte injusta, e insoffribil;
 E que do Ceo á terra em fim desceo,
 Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI.

Deste Deos Homem, alto, e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tões dito,
Cumprido esse desejo te seria;
Com'amigo as verás, porque eu m'obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros a mostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras:
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras;
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, taõ damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes taõ poucas, e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razaõ;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leaõ.

LXIX.

Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe, que largo premio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro com tenção
De peito venenoso, e taõ damnado,
Que a morte se podesse neste dia
Em lugar de Pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade
Que o Filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
A 'quelles de quem foste tanto amigo!

CANTO I.

27

LXXII.

Partio-se nisto em fim co' a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortáram os batéis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido;
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido,
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas.
E eu só filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizeram os deoses que tivesse
 O filho de Philippo nesta parte
 Tanto poder, que tudo somettesse
 Debaixo de seu jugo o fero Marte.
 Mas ha se de soffrer que o fado dêsse
 A taõ poucos tamanho esforço, e arte,
 Que eu co' o grão Macedonio, e co' o Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Naõ será assi; porque antes que chegado
 Seja este Capitam, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente.
 Eu descerei á terra, e o indignado
 Peito revolverei da Maura gente;
 Porque sempre por via irá direita
 Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
 Sobre a terra Africana descendeo,
 Onde vestindo a fôrma e gesto humano,
 Para o Prasso sabido se moyeo:
 E por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteo,
 De hum Mouro em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co'o Xequê mui válido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas,
 A' sua falsidade accommodadas,
 Lhe diz, como eram gentes roubadoras
 Estas, que ora de novo são chegadas :
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas
 Foram por estes homêes que passavam,
 Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido
 Com roubos, com incendios violentos :
 E trazem já de longe engano ordido
 Contra nós; e que todos seus intentos
 São para nos matarem, e roubarem,
 E mulheres e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tem determinado
 De vir por agoa á terra, muito cedo,
 O Capitam dos seus acompanhado,
 Que da tenção damnada nasce o medo.
 Tu debes de ir tambem co' os teus armado
 Esperá-lo em cilada occulto, e quedo;
 Porque sahindo a gente descuidada
 Cahiráo facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda não ficarem deste feito
 Destruídos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginado no conceito,
 Outra manha, e ardil, que te contente:
 Manda-lhe dar Piloto que de geito
 Seja astuto no engano, e tão prudente,
 Que os leve aonde sejam destruídos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou
 O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho:
 E logo nesse instante concertou,
 Para a guerra o belligero apparelho;
 Para que ao Portugez se lhe tornasse
 Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano,
 Mouro que por Piloto á nao lhe mande;
 Sagaz, astuto, e sabio, em todo dano;
 De quem fiar-se possa hum feito grande.
 Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
 Por taes costas e mares co' elle ande,
 Que, se daqui escapar, que lá diante
 Vá cahir onde nunca se levante.

LXXXIV.

**Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabathêos accendido,
Quando Gama co' os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos batéis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coração presago nunca mente.**

LXXXV.

**E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo Piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia,
Em tres batéis sómente que trazia.**

LXXXVI.

**Mas os Mouros que andavam pela praia
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo abraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e sétta ervada;
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E porque o caso leve se lhe faça,
Põe huus poucos diante por negaça.**

LXXXVII.

Andam pela ribeira, alva, arenosa,
 Os bellicosos Mouros acenando,
 Com a adarga, e co' a hastea perigosa,
 Os fortes Portugezes incitando.

Naõ soffre muito a gente generosa
 Andarlh'os cães os dentes amostrando:
 Qualquer em terra salta, taõ ligeiro,
 Que nenhum dizer póde que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
 Vend' a formosa dama desejada,
 O touro busca, e pondo-se diante,
 Salta, corre, sibila, acena, e brada:
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, mata, e põe por terra.

LXXXIX.

Eis nos batéis o fogo se levanta
 Na furiosa e dura artilheria:
 A plumbea péla mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba, e assovia:
 O coração dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue lhe resfria:
 Já foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.

X C.

Naõ se contenta a gente Portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue, e mata:
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardêa, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou comprá-la mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

X C I.

Fugindo, a sétta o Mouro vai tirando,
Sem força de covarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a Ilha, e todo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

X C II.

Hũus vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portugez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada,
 Co' o despojo da guerra, e rica presa;
 E vão a seu prazer fazer aguada,
 Sem achar resistencia, nem defesa.
 Ficava a Maura gente magoada,
 No odio antigo mais que nunca accesa:
 E vendo sem vingança tanto dano,
 Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes cometter manda arrependido,
 O Regedor daquella iniqua terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra:
 Porque o Piloto falso promettido,
 Que toda a má tenção no peito encerra,
 Para os guiar á morte lhe mandava,
 Como em sinal das pazes que tratava.

XCV.

O Capitam, que já lhe entãõ convinha
 Tornar a seu caminho acostumado,
 Que tempo concertado, e ventos tinha,
 Para ir buscar o Indo desejado;
 Recebendo o Piloto que lhe vinha,
 Foi delle alegremente agasalhado;
 E respondendo ao mensageiro attento,
 As vélas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia :
O Capitam, que não cahia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da india toda, e costas que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte, ou captiveiro, novos damnos,
Antes que á India chegue lhe prepara ;
Dando razaõ dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara :
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais, co' o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma Ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitam, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede,
Que a Ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta Ilha, que se chama
Qniloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a léda frota,
Mas a deosa em Cythére celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada;
Não consente que em terra taõ remota
Se perca gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o Piloto falso a leva e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz; que pois as aguas discorrendo,
Os leváram por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava :
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava :
O Capitam, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vélas a Ilha demandava :
Mas não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a Ilha á terra taõ chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia :
Huma Cidade nella situada,
Que na frente do mar apparecia :
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra a longe descobria;
Regida por hum Rei d'antigua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitam chegado,
Estranhamente lédo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera;
Eis vem batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era :
Que Baccho muito d'antes o avisára,
Na fórma d'outro Mouro que tomára.

CV.

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

LUSIADA.

CANTO SEGUNDO.

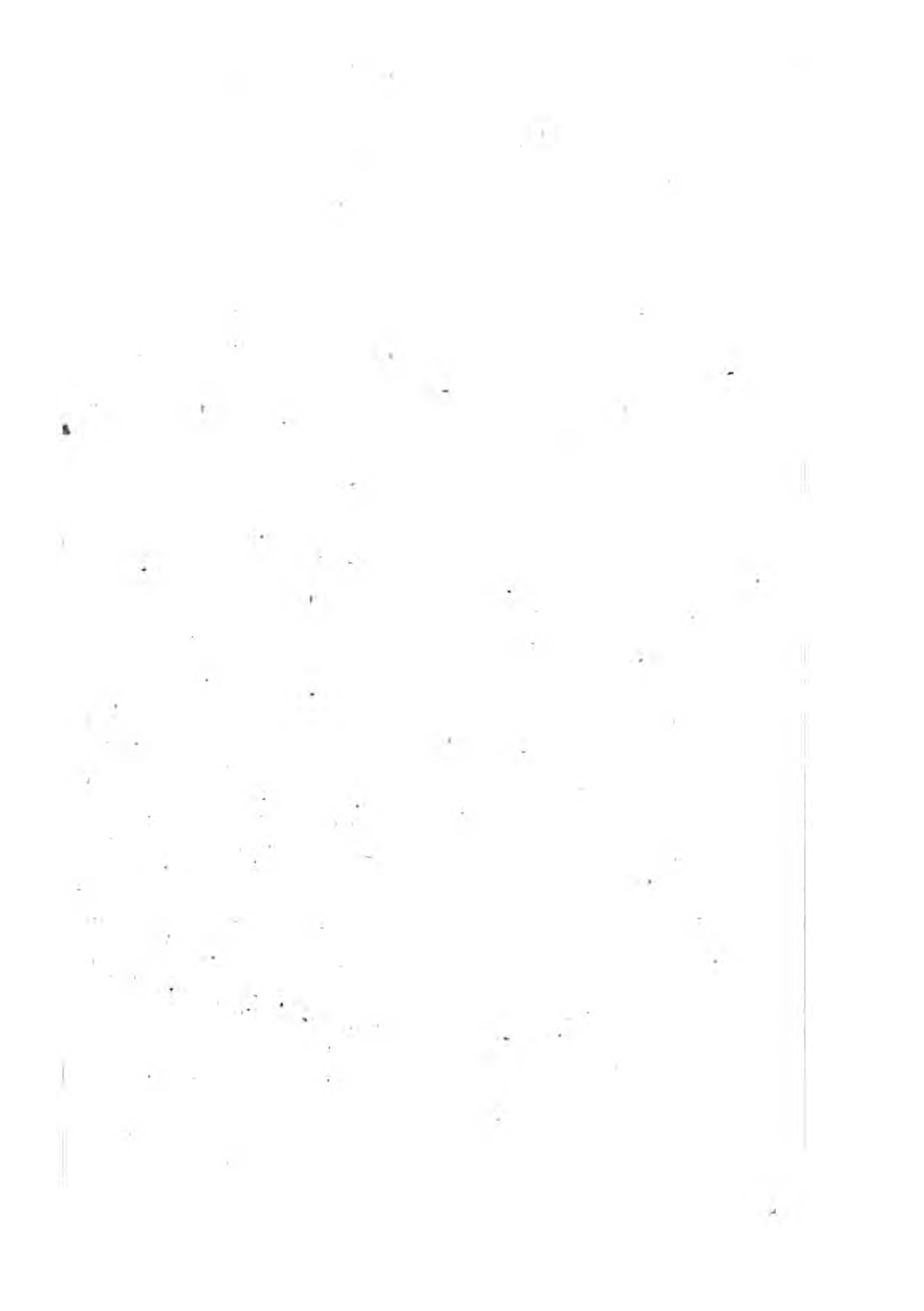
ARGUMENTO

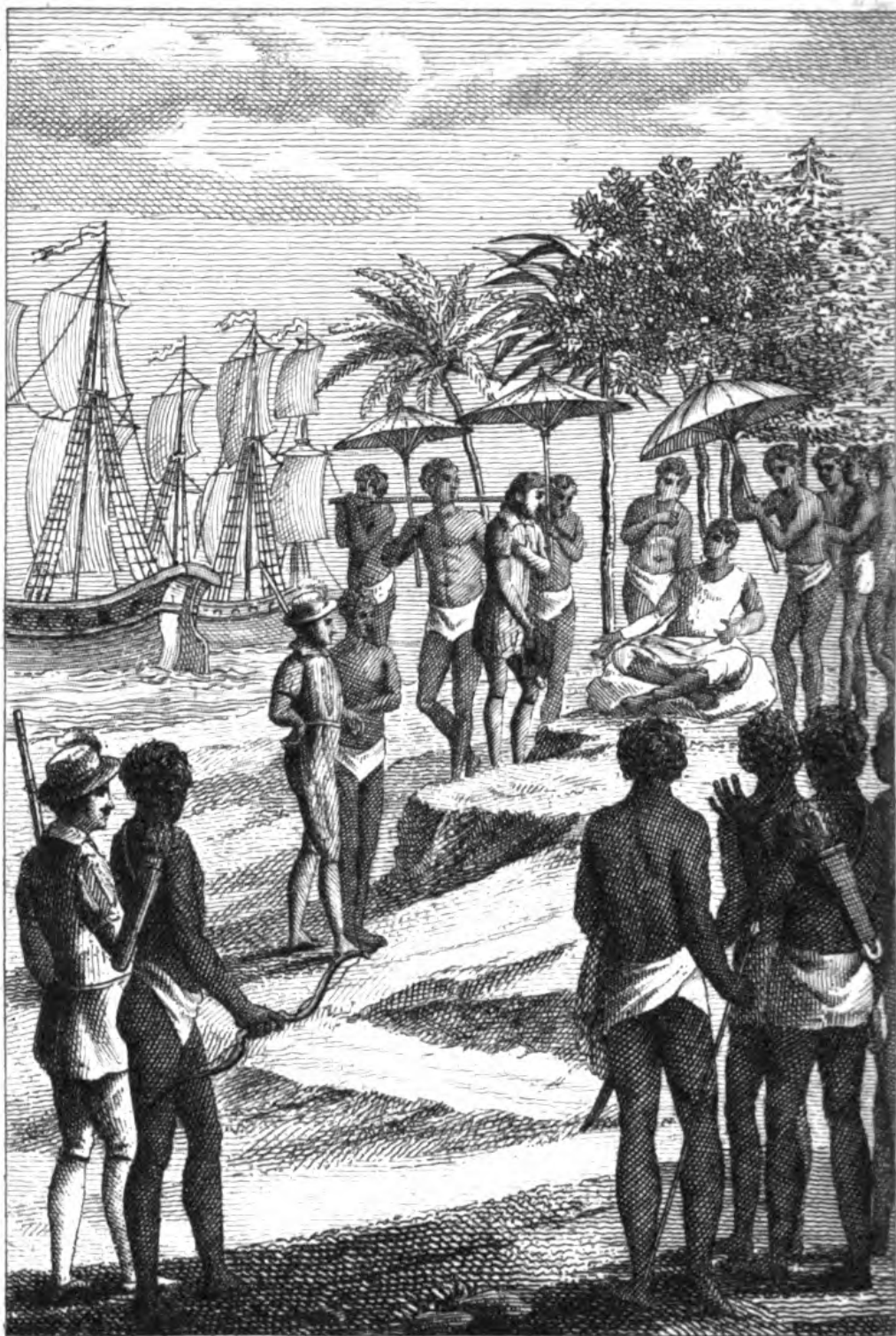
DO CANTO SEGUNDO.

INSTIGADO do demonio pertende El Rei de Mombaça destruir os Navegantes : dispõem-lhes traições debaixo de fingida amizade : apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes : elle lhe promette favorece-los, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente : em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaça : levaõ ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda bénignamente.

OUTRO ARGUMENTO.

Dar El Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama Illustre, com mortal engano :
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a fallar sobe ao Padre soberano :
Jove os casos futuros lhe declara :
Apparece Mercurio ao Lusitano :
Chega a frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.





Gravé par Ambroise Tardieu, à Paris quai des augustins N.º 59.

**Mas da sôberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas,**

. Canto 2. Est. 80 .

LUSIADA.

CANTO SEGUNDO.

I.

JÁ neste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta,
Lhe estava o deos Nocturno a porta abrindo,
Quando as fingidas gentes se chegaram
A's naos que pouco havia que ancoráram.

II.

D'entre elles hum que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitam valeroso, que cortado
Têes de Neptuno o Reino, e salsa via;
O Rei que manda esta Ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

1.

4

III.

E porque está em extremo desejoso
 De te ver, como coisa nomeada,
 Te roga que de nada receoso,
 Entres a barra, tu com toda a armada;
 É porque do caminho trabalhoso
 Trarás a gente debil, e cansada,
 Diz que na terra podes reformá-la,
 Que a natureza obriga a desejá-la.

IV.

E se buscando vás mercadoria
 Que produz o aurifero Levante,
 Canellà, cravo, ardente especiaria,
 Ou droga salutifera, e prestante;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O rubi fino, o rigido diamante,
 Daqui levarás tudo taõ sobejo,
 Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitam responde,
 As palavras do Rei agradecendo:
 E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
 Não entra para dentro obedecendo:
 Porém que como a luz mostrar por onde
 Vá sem perigo a frota, não temendo,
 Cumprirá sem receio seu mandado,
 Que a mais por tal Senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
 Christãos, como o Piloto lhe dizia:
 O mensageiro astuto, que não erra,
 Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
 Desta sorte do peito lhe desterra
 Toda a suspeita, e cauta phantasia:
 Por onde o Capitam seguramente
 Se fia da infiel e falsa gente.

VII.

E de algũus que trazia condenados
 Por culpas, e por feitos vergonhosos,
 Porque podessem ser aventurados
 Em casos desta sorte duvidosos;
 Manda dous mais sagazes, ensaiados;
 Porque notem dos Mouros enganosos,
 A Cidade, e poder, e porque vejam
 Os Chistãos, que só tanto ver desejam.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda,
 Porque a boa vontade que mostrava,
 Tenha firme, segura, limpa, e branda,
 A qual bem ao contrário em tudo estava.
 Já a companhia, perfida, e nefanda,
 Das naos se despedia, e o mar cortava;
 Foram com gestos lédos, e fingidos,
 Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E depois que ao Rei apresentáram
Co' o recado os presentes que traziam,
A Cidade corrêram, e notáram
Muito menos daquillo que queriam:
Que os Mouros cautelosos se guardáram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malícia está receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava em huma casa da Cidade
Com rosto humano, e hábito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura:
A candida Pombinha debuxada
Sobre a unica Phenis Virgem pura.
A companhia santa está pintada
Dos doze, taõ torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahíram
De fogo, varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Bacco estava,
Põe em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos que o Mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeira
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, n'hum momento
Appareceo no rubido Horizonte
Na moça de Titam a roxa fronte :

XIV.

Tornam da terra os Mouros co' o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitam tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo :
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra víram
Sacras aras, e Sacerdote santo;
Que alli se agasalháram, e dormíram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto :
E que no Rei e gentes não sentíram
Senaõ contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo aver suspeita,
N'huma mostra taõ clara, e taõ perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam :
Que levemente hum animo se fia
De mostras que taõ certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam :
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente aparelhavam,
Armas, e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem.
E com esta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenazes vão levando
Com a nautica grita costumada :
Da proa as vélas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e taõ secreta,
Vôa do Ceo ao mar como huma séta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerúlea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia :
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa
Co' as argénteas caudas branca escuma;
Cloto co' o peito corta, e atravessa,
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespá em força suma :
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de hum Tritaõ com gesto acceso
 Vai a linda Diõne furiosa :
 Naõ sente quem a leva o doce peso
 De soberbo com carga taõ formosa.
 Já chegam perto donde o vento teso
 Enche as vélas da frota bellicosa :
 Repartem-se, e rodêam nesse instante
 As naos ligeiras que hiam por diante.

XXII.

Põe-se a deosa com outras em direito
 Da proa Capitaina, e alli fechando
 O caminho da barra, estaõ de geito,
 Que em vão assopra o vento a yéla inchando.
 Põe no madeiro duro o brando peito,
 Para detraz a forte nao forçando :
 Outras em de redor levando-a estavam,
 E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes para a cova as próvidas formigas
 Levando o peso grande accommodado,
 As forças exercitam de inimigas
 Do inimigo Inverno congelado :
 Alli são seus trabalhos e fadigas,
 Alli mostram vigor nunca esperado :
 Taes andavam as Nymphas estorvando
 A' gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Marêam vélas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e outro atravessando.
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mete medo.

XXV.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha.
Naõ sabem a razão de furia tanta;
Naõ sabem nesta pressa quem lhe valha:
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que haõ de ser pos isso aqui punidos.

XXVI.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando na agua a nado se acolhiam.
D'hum bordo, e d'outro, subito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvática alagoa,
As rãas, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
Daqui e dalli saltando o chareo soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem :

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amára.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce, e chara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O Piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente.
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia :

XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sábiamente,
Se lá de Cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI.

Bem nos mostra a Divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança;
O' tu Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas, perfida, e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dióne, e commovida,
De entre as Nymphas se vai, que saudosas
Ficáram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira Esphera recebida
Avante passa; e lá no sexto Ceo
Para onde estava o Padre se moveo.

XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,
Taõ formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, o Ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos onde faz seu filho o ninho
Hûus espiritos vivos inspirava
Com que os Polos gelados accendia,
E tornava do fogo a Esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentára.
Se a víra o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo a Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o matáram;
Que primeiro desejos o acabáram.

XXXVI.

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia :
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e não se via :
Da alva pretina flammæ lhe sahiam,
Onde o menino as almas accendia :
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII.

Co' hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo :
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo dos roxos lirios pouco avaro :
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no Angelico semblante
Co' o riso huma tristeza misturada ;
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada ;
Que se queixa, e se ri n'hum mesmo instante,
E se mostra entre alegre magoada ;
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas que eu do peito amasse
 Te achasse brando, affabil, e amoroso,
 Postoque a algum contrário lhe pezasse:
 Mas pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse,
 Faça-se como Baccho determina;
 Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que he meu, por quem derramo
 As lagrimas que em vão cahidas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo:
 Por elle a ti rogando choro, e bramo,
 E contra minha dita em fim pelejo.
 Ora, pois, porque o amo he mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui. . . E nisto de mimosa
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co' o orvalho fica a fresca rosa.
 Callada hum pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa:
 Torna a segui-la, e indo por diante,
 Lha atalha o poderoso, e grão Tonante.

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que movêram de hum tigre o peito duro,
Co' o vulto alegre, qual do Ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro :
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que dalli, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

XLIII.

E co' o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem o affaga o choro lhe accrescenta :
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta :
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo :

XLIV.

Formosa filha minha: não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos :
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia Ilha eterno escravo;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo;
 E se o piedoso Enéas navegou
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
 Os vossos móres cousas intentando,
 Novos Mundos ao Mundo iraõ mostrando.

XLVI.

Fortalezas, Cidades, e altos muros,
 Por elles vereis, filha, edificados;
 Os Turcos bellacissimos, e duros,
 Delles sempre vereis desbaratados:
 Os Reis da India livres, e seguros,
 Vereis ao Rei potente subjugados;
 E por elles, de tudo em fim senhores,
 Seraõ dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis, este que agora presuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,
 Tremer delle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas aguas encrespando.
 Oh caso nunca visto, e milagroso!
 Que trema e ferva o mar em calma estando!
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della haõ medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra que a agua lhe tolhia,
 Que inda ha de ser hum porto mui decente,
 Em que vaõ descançar da longa via
 As naos que navegarem do Occidente.
 Toda esta costa, em fim, que agora ordia
 O mortifero engano, obediente
 Lhe pagará tributos, conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo taõ famoso,
 Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso
 Duas vezes tomado, e subjugado.
 Alli vereis o Mouro furioso
 De suas mesmas séttas traspassado;
 Que quem vai contra os vossos, claro veja,
 Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo:
 Alli se mostrará seu preço, e sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo.
 Invejoso vereis o grão Mavorte
 Do peito Lusitano fero, e horrendo:
 Do Mouro alli veraõ, que á luz extrema,
 Do falso Mafamede ao Ceo Blasphema.

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co' os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro frêo porá, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a Fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e taõ potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que Cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo, e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís actias guerras animoso,
O Capitam venceo Romano injusto:
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactro Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica
Preso da Egypcia linda, e não pudica:

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso,
Co' os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolátra e Mouro preso,
De Nações differentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea Chersoneso
Até o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Occeano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostraráo esforço mais que humano,
Que nunca se verá taõ forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano:
Nem das Boreaes ondas ao Estreito
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o Mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacífico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitam se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cylenêo voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galéro costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro:
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o têm, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co' o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado;
 E as estrellas no Ceo co' a luz alhêa
 Tinham o largo Mundo allumiado,
 E só co' o somno a gente se recrea.
 O Capitam Illustre, já cansado
 De vigiar a noite que arrecêa,
 Breve repouso então aos olhos dava:
 A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
 Da cilada que o Rei malvado tece,
 Por te trazer ao fim, e extremo dano:
 Fuge, que o vento e o Ceo te favorece;
 Sereno o tempo tées, e o Occeano,
 E outro Rei mais amigo n' outra parte,
 Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Naõ tées aqui senaõ apparelhado
 O hospicio que o crú Diomédes dava,
 Fazendo ser manjar acostumado
 De cavallos a gente que hospedava.
 As aras de Busiris infamado,
 Onde os hóspedes tristes immolava,
 Terás certas aqui, se muito esperas.
 Fuge das gentes perfidas, e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa percorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade.
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria;
E para a India certa e sábia guia.

LIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitam, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura tréva,
De huma subita luz, e raio santo.
E vendo claro quanto lhe relewa
Naõ se deter na terra iniqua tanto,
Com novo espirito ao Mestre seu mandava,
Que as vélas desse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai vélas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda:
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda:
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando-á costa, destruidos :
Mas com vista de lince vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos :
Elles como acordados os sentíram,
Voando, e não remando, lhe fugíram.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento :
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando ;
Que mal se perderáõ do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E n' outra começava, quando víram
Ao longe dous navios, brandamente
Co' os ventos navegando, que respiram :
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as vélas víram :
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar, a gente á costa dava.

LXIX.

Naõ he o outro que fica taõ manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano.
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Naõ teve resistencia, e se a tivera
Mais damno resistindo recebêra.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
Mas naõ lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos Ceos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharáõ Piloto certo.

LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitam o assella por verdade,
Porque já lho dissera deste geito
O Cylenêo em sonhos, e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador de Europa a luz Phebea;
 Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
 E Flora derramava o de Amalthea:
 A memoria do dia renovava
 O presuroso Sol, que o Ceo rodêa;
 Em que aquelle a quem tudo está sujeito
 O sello poz a quanto tinha feito.

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
 Ondé o Reino Melinde já se via,
 De toldos adornada, e léda de arte,
 Que bem mostra estimar o sancto dia.
 Treme a bandeira, vòa o estandarte;
 A còr purpurea ao longe apparecia;
 Sòam os atambores, e pandeiros;
 E assi entravam lédos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
 De gente que vem ver a léda armada;
 Gente mais verdadeira, e mais humana,
 Que toda a de outra terra atraz deixada.
 Surge diante a frota Lusitana;
 Péga no fundo a ancora pezada:
 Mandam fóra hum dos Mouros que tomáram,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestáram.

LXXV.

O Rei que já sabia da nobreza,
 Que tanto os Portuguezes engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto préza,
 Quanto a gente fortissima o merece.
 E com verdadeiro animo, e pureza,
 Que os peitos generosos ennobrece,
 Lhe manda rogar muito que sahissesem,
 Para que de seus Reinos se servissem.

LXXVI.

São offercimentos verdadeiros,
 E palavras sinceras, não dobradas,
 As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
 Que tanto mar, e terras tem passadas.
 Manda-lhe mais, lanigeros carneiros,
 E gallinhas domesticas, cevadas,
 Com as fructas que então na terra havia;
 E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitam alegremente
 O mensageiro lédo, e seu recado;
 E logo manda ao Rei outro presente,
 Que de longe trazia aparelhado:
 Escarlata purpurea, côr ardente;
 O ramoso coral, fino, e prezado,
 Que debaixo das aguas molle crece,
 E como he fóra dellas se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na prática elegante,
Que co' o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava :

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado que temido :
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas Cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas :
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas,
Da India grande, e rica, por mandado
De hum Rei que temos alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente,
 Que barbaro costume, e usança fêa,
 Que não védem os portos tamsómente,
 Mas inda o hospicio da deserta arêa?
 Que má tenção, que peito em nós se sente,
 Que de tão pouca gente se arrecêa?
 Que com laços armados tão fingidos,
 Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu em quem mui certo confiamos
 Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
 A teu porto seguros navegamos,
 Conduzidos do Interprete Divino:
 Que pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que es de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
 O nosso Capitam esclarecido
 A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberás que o fez, porque cumprisse
 O regimento em tudo obedecido
 De seu Rei, que lhe manda que não saia,
 Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Naõ quererás, pois tões de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça :
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo que elle, e os seus puderem
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia, e todos juntamente,
Hũus com outros, em prática, fallando,
Louvam muito o estomago da gente,
Que tantos Ceos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande; e mui subido
O do Rei, que he taõ longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e lédo aspéito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima :
Toda a suspeita má tirai do peito;
Nenhum frio temor em vós se imprima :
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Naõ póde ter subido pensamento.

LXXXVII.

De Naõ sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento naõ consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos taõ leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém como a luz crástina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Com a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra que buscavam,
E assi lédos a noite festejavam.

XC.

Naõ faltam alli os raios de artificio,
Os trémulos Cometas imitando :
Fazem os bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estaõ queimando :
Outros com vozes, com que o Ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co' o raio volteando, com zonido :
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se levanta ao Ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido;
E naõ menos a terra : e assi festeja.
Hum ao outro á maneira de peleja.

XCII.

Mas já o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho :
E já a mái de Memnon a luz trazendo
Ao somno longo punha certo atalho.
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em fresco orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em de redor ferver as prais
 Da gente, que a ver só concorre léda :
 Luzem da fina purpura as cabaias ;
 Lustram os pannos de tecida seda.
 Em lugar de guerreiras azagaias,
 E do arco, que os cornos arremeda
 Da Lũa, trazem ramos de palmeira ;
 Dos que vencem, corôa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas cores,
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado
 De Nobres de seu Reino, e de Senhores.
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes, e primores ;
 Na cabeça huma fóta, guarnecida
 De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino
 Da Tyria côr, entre elles estimada ;
 Hum colar ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada :
 Com resplendor reluze adamantino,
 Na cinta a rica adaga bem lavrada :
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
 N'hũa alta e dourada hastea enxerido,
 Hum ministro a Solar quentura veda,
 Que naõ offenda, e queime o Rei subido.
 Musica traz na proa; estranha, e léda,
 De aspero som, horrisono ao ouvido;
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Naõ menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus batéis, da frota se partia
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia.
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
 Mas Franceza era a roupa que vestia,
 De setim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cõr que a gente tanto préza.

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
 Ond' o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal que fortuna a tantos nega:
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibaõ ajunta, e achega:
 Ao Italico modo a aurea espada;
 Pluma na gorra hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o Murice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do traje differente.
Tal o formoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella Nympba, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resonando:
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavam
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co' a cortezia, que a razaõ
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
Co' humas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava;
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus Reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se sôa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a corôa
Do Reino, onde as Hesperidas vivêram.
E com muitas palavras apregôa
O menos que os de Luso merecêram;
E o mais que pela fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

Oh tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana!
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, e rege a gente humana
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apolo
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos hórridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
Em quanto apascentar o largo Polo
As estrellas, e o Sol der luz ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama, e gloria,
Viviráo teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas para o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co' as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co' os anafijs os Mouros respondiam.

CVII.

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
Na agua o batel ligeiro que os levava,
Por falar devagar co' o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em práticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas, e excellentes,
Co' o povo havidas, que a Mafoma adora :
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora ;
Agora pelos povos seus visinhos ;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes valeroso Capitão
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do Mundo onde morais, distinctamente
E assi de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co' os successos das guerras, do começo,
Que sem sabê-las, sei que são de preço.

CX.

E assi tambem nos conta dos rodéos
Longos, em que te traz o mar irado ;
Vendo os costumes barbaros, e alhéos,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta : que agora vem co' os aureos frêos
Os cavallos que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem ;
O vento dorme ; o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co' o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares :
 Que quem ha, que por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares?
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro Sol, para julgaes
 Que os Melindanos tem taõ rudo peito,
 Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Comettêram soberbos os Gigantes
 Com guerra vãa o Olympto claro, e puro;
 Tentou Pirithoo, e Théseo, de ignorantes,
 O Reino de Plutaõ horrendo e escuro :
 Se houve feitos no mundo taõ possantes,
 Não menos he trabalho illustre, e duro,
 Quanto foi cometter Inferno, e Ceo,
 Que outrem cometta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado Templo de Diana,
 Do subtil Ctesiphonio fabricado,
 Herostrato, por ser da gente humana
 Conhecido no Mundo, e nomeado :
 Se tambem com taes obras nos engana
 O desejo de hum nome avantajado,
 Mais razãõ he que queira eterna gloria
 Quem faz obras taõ dignas de memoria.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

LUSIADA.

CANTO TERCEIRO.

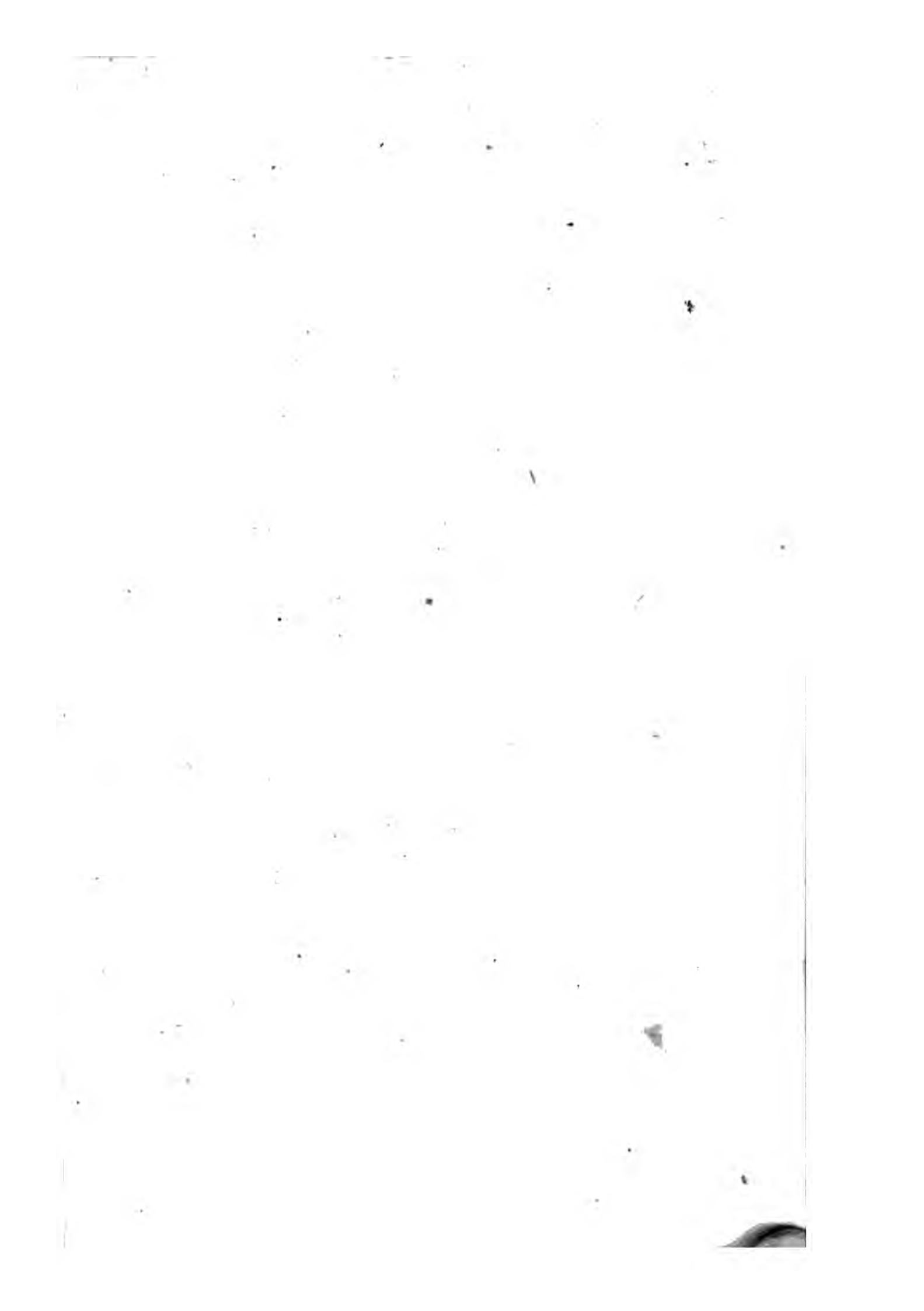
ARGUMENTO

DO CANTO TERCEIRO.

PRÁTICA de Vasco da Gama com El Rei de Melinde, em que lhe faz a descripção da Europa : dá-lhe conta dos principios do Reino de Portugal, de seus Reis, (até El Rei D. Fernando) e das suas acções principaes : feito notavel de Egas Moniz : vem a Portugal a Rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado : amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro : alguns successos del Rei D. Fernando.

OUTRO ARGUMENTO.

A populosa Europa se descreve ;
De Egas Moniz o feito sublimado ;
Lusitania, que Reis, que guerras teve ;
Christo a Afonso se expõem crucificado :
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado :
Mostra-se o vil descuido de Fernando ,
E o grão poder de hum gesto suave , e brando.





Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro.

Canto 3. Est. 128.

LUSIADA.

CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu Calliope me ensina
O que contou áo Rei o Illustre Gama
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido como soe.

II.

Põe tu Nympha em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o Mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na agua soberana;
Senaõ direi, que tens algum recêo,
Que se escureça o teu querido Orpheo.

III.

Promptos estavam todos escuitando
 O que o sublime Gama contaria;
 Quandô despois de hum pouco estar cuidando,
 Alevantando o rosto, assi dizia:
 Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
 De minha gente a grão genealogia:
 Naõ me mandas contar estranha historia;
 Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alhêo,
 Cousa he que se costuma, e se deseja:
 Mas louvar os meus proprios, arrecêo
 Que louvor taõ suspeito mal me esteja.
 E para dizer tudo temo, e crêo,
 Que qualquer longo tempo curto seja:
 Mas pois o mandas, tudo se te deve,
 Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

A' lém disso, o que a tudo em fim me obriga,
 He naõ poder mentir no que disser,
 Porque de feitos taes por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer.
 Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
 Segundo o que desejas de saber;
 Primeiro tratarei da larga terra,
 Despois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a Zona que o Cancro senhorêa,
Méta Septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arrecêa
Tanto como a do meio por ardente;
Jaz a soberba Europa, a quem rodêa,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Occeano,
E pela Austral o mar Mediterraneo.

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha: mas o rio
Que dos montes Rhipheos vai correndo,
Na alagôa Meotis, curvo, e frio,
As divide: e o mar, que fero, e horrendo,
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante,
Naõ vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do Polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co' o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apolo
Os raios que no Mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antiguamente grande guerra
 Tiveram sobre a humana antiguidade,
 Co' os que tinham entãõ a Egypcia terra :
 Mas quem taõ fóra estava da verdade,
 (Já que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ao campo Damasceno o perguntára.

X

Agora nestas partes se nomêa
 A Lappia fria, a inculta Noroega :
 Escandinavia Ilha, que se arrêa
 Das victorias que Italia naõ lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas naõ refrêa
 O congelado Inverno, se navega
 Hum braço do Sarmatico Oceano,
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, é o Tanais vive estranha
 Gente; Ruthenos, Moscos, e Livonios,
 Sarmatas outro tempo; e na montanha
 Hercyna, os Marcomanos saõ Polonios.
 Sujeitos ao Imperio de Alemanha
 Saõ Saxones, Bohemios, e Pannonios,
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria taõ querida;
Onde co' o Hemo, o Rhódope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem, a seu serviço indino;
Boa injúria do grande Constantino.

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia;
Que criastes os peitos eloquentes;
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E naõ menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que taõ baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Naõ menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cêrca o Reino Neptunino
 Co' os muros naturaes por outra parte :
 Pelo meio o divide o Apennino,
 Que taõ illustre fez o patrio Marte.
 Mas despois que o Porteiro tem divino,
 Perdendo o esforço veio, e bellica arte;
 Pobre está já da antigua potestade :
 Tanto Deos se contenta da humildade.

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
 Co' os Cesareos triumphos foi no Mundo,
 Que do Sequana, e Rhodano he regada,
 E do Garumna frio, e Rheno fundo :
 Logo os montes da Nympha sepultada
 Pyrene se alevantam, que segundo
 Antiguidades contam, quando ardêram,
 Rios de ouro, e de prata entaõ corrêram.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
 Como Cabeça alli de Europa toda,
 Em cujo senhorio, e gloria estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda.
 Mas nunca poderá com força, ou manha,
 A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
 Que lha não tire o esforço, e ousadia,
 Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido Estreito se ennobrece
 Com o extremo trabalho do Thebano.
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Occeano;
 Todas de tal nobreza, e tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tem o Tarragonez, que se fez claro
 Sujeitando Parthenope inquieta:
 O Navarro; as Asturias, que reparo
 Já foram contra a gente Mahometa.
 Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta
 Restituidor de Hespanha, e Senhor della,
 Betis, Leaõ, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da Cabeça
 De Europa toda, o Reino Lusitano,
 Onde a terra se acaba, e o mar começa,
 E onde Phebo repousa no Occeano.
 Este quiz o Ceo justo que florea
 Nas armas contra o torpe Mauritano,
 Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
 Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada;
 A' qual se o Ceo me dá, que sem perigo
 Torne, com esta empreza já acabada,
 Acabe-se esta luz alli comigo.
 Esta foi Lusitania derivada
 De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos foram, parece, ou companheiros,
 E nella entaõ os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
 Se yê que de homem forte os feitos teve;
 Cuja fama ninguem virá que dome,
 Pois a grande de Roma não se atreve.
 Esta, o velho que os filhos proprios come,
 Por decreto do Ceo ligeiro, e leve,
 Veio a fazer no Mundo tanta parte,
 Criando-a Reino illustre; e foi desta arte.

XXIII.

Hum Rei por nome Afonso foi na Hespanha,
 Que fez aos sarracenos tanta guerra,
 Que por armas sanguinas, força, e manha,
 A muitos fez perder a vida, e a terra.
 Voando deste Rei a fama estranha,
 Do Herculano Calpe á Caspia serra,
 Muitos para na guerra esclarecer-se,
 Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

X X I V.

E co' hum amor intrinseco accendidos
 Da Fé, mais que das honras populares,
 Eram de várias terras conduzidos,
 Deixando a patria amada, e proprios Lares.
 Depois que em feitos altos, e subidos,
 Se mostráram nas armas singulares;
 Quiz o famoso Afonso, que obras taes
 Levassem premio digno, e dões iguaes.

X X V.

Destes Henrique, dizem, que segundo
 Filho de hum Rei de Hungria experimentado,
 Portugal houve em sorte, que no Mundo
 Entaõ não era illustre, nem prezado.
 E para mais signal de amor profundo,
 Quiz o Rei Castelhana, que casado
 Com Teresa sua filha o Conde fosse;
 E com ella das terras tomou posse.

X X V I.

Este depois que contra os descendentes
 Da escrava Agar, victorias grandes teve,
 Ganhando muitas terras adjacentes,
 Fazendo o que a seu forte peito deve;
 Em premio destes feitos excellentes,
 Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
 Hum filho que illustrasse o nome ufano
 Do bellicoso Reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
 Da Cidade Hierosolyma sagrada,
 E do Jordão a arêa tinha vista,
 Que vio de Deos a carne em si lavada;
 Que não tendo Gothfredo a quem resista,
 Depois de ter Judéa subjugada,
 Muitos que nestas guerras o ajudáram,
 Para seus Senhorios se tornáram.

XXVIII.

Quando chégado ao fim de sua idade,
 O forte, e famoso Hungaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O espirito deo a quem lho tinha dado.
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pai deixava seu traslado,
 Que do Mundo os mais fortes igualava,
 Que de tal pai, tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado,
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,
 Conta que a mãe tomando todo o Estado,
 Do segundo Hymenéo não se despreza
 O filho órfão deixava desherdado,
 Dizendo que nas terras a grandeza
 Do Senhorio todo, só sua era,
 Porque para casar, seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o Principe Affonso, que desta arte
 Se chamava, do avô tomando o nome,
 Vendo-se em suas terras não ter parte,
 Que a mãe com seu marido as manda, e come;
 Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
 Imagina consigo como as tome.
 Revolidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
 Co' o sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
 A seu filho negava o amor, e a terra.
 Com elle posta em campo já se via,
 E não vê a soberba o muito que erra
 Contra Deos, contra o maternal amor;
 Mas nella o sensual era o maior.

XXXII.

Oh Progne crua! Oh magica Medéa!
 Se em vossos propios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa alhêa,
 Olhai que inda Teresa pecca mais.
 Incontinencia má, cobiça fêa,
 São as causas deste erro principais:
 Scylla por huma, mata o velho pai,
 Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãe levava;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porém vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava :
Mas de Deos foi vingada em tempo breve :
Tanta veneração aos pais se deve.

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Naõ passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, Amo foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu Senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhana, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do Moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhana já aguardava,
Que o Principe a seu mando submettido,
Lhe dêsse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos e mulher se parte
A levantar com elles a fiança;
Descalços, e despídos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pertendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido,
A te pagar co' a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes,
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;
 Se a peitos generosos, e excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fera morte.

Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes:
 Nellas sós exprimenta toda a sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estilo
 De Scinis, e do touro de Perilo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Põe no cepo a garganta, e já entregado
 Espera pelo golpe taõ temido:
 Tal diante do Principe indignado,
 Egas estava a tudo offerecido:
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde em fim que a ira a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza,
 De vassallo que tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto, e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que mil vezes, dizendo suspirava;
 Que mais o seu Zopyro são prezára,
 Que vinte Babylonias que tomára.

XLII.

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'álém do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente tão pequeno.

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senaõ no summo Deos que o Ceo regia;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum Cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte Dama,
De quem tanto os Troianos se ajudáram,
E as que do Thermodoonte já gostáram.

XLV.

A matutina luz serena, e fria,
As estrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso o animava.
Elle adorando a quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi grivata:
Aos infieis, Senhor, aos infieis;
E não a mim que creio o que podeis.

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza, inflammados levantavam
Por seu Rei natural, este excellente
Principe, que do peito tanto amavam.
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando o Ceo tocavam;
Dizendo em alta voz: Real, Real,
Por Afonso, alto Rei de Portugal.

XLVII.

Qual co' os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rábido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso.
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido,
 Por Deos, e pelo povo juntamente,
 O barbaro comette apercebido,
 Co' o animoso exército rompente.
 Levantam nisto os perros o alarido
 Dos gritos; tocam arma, ferve a gente:
 As lanças e arcos tomam; tubas sôam;
 Instrumentos de guerra tudo atrôam.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateadada
 Foi nos áridos campos (assoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co' o vento o secco mato vai queimando.
 A pastoral companhia, que deitada
 Co' o doce somno estava, despertando.
 Ao estridor do fogo, que se atêa,
 Recolhe o fato, e foge para a aldêa:

L.

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
 Toma sem tento as armas mui depressa;
 Naõ foge, mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
 Hũus cahem meios mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcoraõ.

L I.

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se daõ medonhos, e forçosos;
Por toda a parte andava accesa a guerra :
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

L II.

Cabeças pelo campo vaõ saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E de outros as entranhas palpitando,
Pállida a cõr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cõr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

L III.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophéos, e presa rica :
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fôra vendido;
Escrevendo a memoria em vária tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o número cumprido;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em Cruz pintado veio.

LV.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas taõ sereno.

LVI.

A estas nobres villas sobmettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da Lũa conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço:
Cintra, onde as Naiades escondidas,
Nas fontes vaõ fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu nobre Lisboa, que no Mundo
Facilmente das outras es Princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedecestes á força Portuguesa;
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co' o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama entãõ subia aos Ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a Lúa se escondêra,
E outras tantas mostrára chêo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha taõ sanguina, e fera,
Quanto obrigava o firme presuppuesto
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte, em fim, tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
E em fim co' o Betis tanto algûs puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que Cidade taõ forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Naõ póde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co' o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes:
E tu, Lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere do Sal, estaõ rendidas.

LXIII.

/ Eis a nobre Cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antiguamente;
 Onde ora as aguas nitidas de argento
 Vem sustentar de longe a terra, e a gente;
 Pelos arcos Reaes, que cento, e cento,
 Nos ares se alevantam nobremente;
 Obedeceo por meio, e ousadia
 De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Já na Cidade Beja vai tomar
 Vingança de Trancoso destruida
 Afonso, que não sabe socegar,
 Por estender co' a fama a eurta vida.
 Não se lhe póde muito sustentar
 A Cidade: mas sendo já rendida,
 Em toda a cousa viva a gente irada
 Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas subjugada foi Palmella,
 E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbarata hum exército potente.
 Sentio-o a Villa, e vio-o o Senhor della,
 Que a soccorrê-la vinha diligente
 Pela fralda da serra, descuidado
 Do temeroso encontro inopinado.

LXVI.

O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumerados peões, de armas e de ouro
Garnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
Co' os ciumes da vacca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto, e cego amante,
Saltêa o descuidado caminhante :

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura :
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
De hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
Naõ mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança,
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia,

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
 O castigo daquelle que o merece;
 Ou para que se emende ás vezes tarda,
 Ou por segredos que homem não conhece;
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
 Dos perigos a que elle se offerece,
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldiçaõ da mãi, que estava presa.

LXX.

Que estando na Cidade que cercára,
 Cercado nella foi dos Leonezes,
 Porque a conquista della lhe tomára,
 De Leaõ sendo, e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assi como acontece muitas vezes,
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
 À batalha onde foi vencido, e preso.

LXXI.

O' famoso Pompeio, não te pene
 De teus feitos illustres a ruina;
 Nem ver que a justa Nemesis ordene,
 Ter teu sogro de ti victoria dina:
 Postoque o frio Phasis, ou Syene,
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
 O Bootes gelado, e a Linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente.

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Eniocos, e Colchos, cuja fama
O véo dourado estende; e os Cappadoces;
E Judéa, que hum Deos adora, e ama:
E que os molles Sophenos, e os atroces
Cilicios, com armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e santo monte.

LXXIII.

E posto em fim que desde o mar de Atlante,
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Afonso verás soberbo, e ovante,
Tudo render, e ser depois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto e celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do Divino Juizo castigado,
Dispois que em Santarem soberbamente,
Em vaõ dos Sarracenos foi cercado:
E depois que do Martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado,
Do sacro Promontorio conhecido,
A' Cidade Ulysséa foi trazido.

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho,
 Que ás terras se passasse de Alemtejo,
 Com gente, e co' o belligero apparelho.
 Sancho de esforço, e de animo sobejo,
 Avante passa, e faz correr vermelho
 O rio que Sevilha vai regando
 Co' o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
 Já não descansa o moço até que veja
 Outro estrago como este, temeroso,
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Assi estragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
 O corpo fez perder que teve o Ceo:
 Já vem do Promontorio de Ampelusa,
 E de Tingi que assento foi de Anteo.
 O morador de Abyla não se escusa,
 Que tambem com suas armas se moveo
 Ao som da Mauritana, e ronca tuba,
 Todo o Reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Miralmuminim em Portugal :
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial.
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem :
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardijs de guerra mil o Mouro iroso :
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso.
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham Já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego :
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da Cidade;
Que não perde a presteza com a idade.

LXXXI.

E co' a famosa gente á guerra usada,
 Vai soccorrer o filho, e assi ajuntados,
 A Portugueza furia costumada,
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina, que todá está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallos, jaezes, presa rica,
 De seus Senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida:
 O Miralmuminim só não fugio,
 Porque antes de fugir lhe foge a vida.
 A quem lhe esta victoria permittio,
 Daõ louvores, e graça sem medida:
 Que em casos taõ estranhos claramente,
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
 O velho Afonso, Principe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
 Da larga et muita idade foi vencido.
 A pálida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido;
 E pagáram seus annos deste geito,
 À triste Libitina o seu direito.

LXXXIV.

Os altos Promontorios o choràram;
 E dos rios as aguas saudosas
 Os semeados campos alagáram,
 Com lagrimas correndo piedosas.
 Mas tanto pelo Mundo se alargáram
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu Reino chamaráõ,
 Afonso, Afonso; os eccos; mas em vaõ.

LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que ficára
 Imitando a seu pai na valentia,
 E que em sua vida já se exprimentára,
 Quando o Betis de sangue se tingia:
 E o barbaro poder desbaratára,
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
 E mais quando os que Beja em vão cercáram
 Os golpes de seu braço em si prováram.

LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado,
 Havendo poucos annos que reinava,
 A Cidade de Sylves tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lavrava.
 Foi das valentes gentes ajudado
 Da Germanica armada, que passava,
 De armas fortes, e gente apercebida,
 A recobrar Judéa já perdida.

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exército em defesa
Da Cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido, co' a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do Sancto Marte:
Assi como a seu pai acontecêra
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX.

E se tantos trophéos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte.
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Vio ter a muitas Villas suas visinhas,
Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas, entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal, por derradeiro,
Porque d'antes os Mouros o tomáram;
Mas agora estruidos o pagáram.

XCI.

Morto depois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso, e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado:
Porque, como por elles se regía,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Naõ era Sancho, naõ, taõ deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem taõ cruel ás gentes, e molesto,
Que a Cidade queimasse, onde vivia;
Nem taõ máo como foi Heliogabalo;
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem erá o povo seu tyrannizado,
 Como Sicilia foi de seus Tyranos;
 Nem tinha como Phálaris achado
 Genero de tormentos inhumanos.
 Mas o Reino de altivo, e costumado
 A Senhores em tudo soberanos,
 A Rei não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o Reino governou
 O Conde Bolonhez, depois alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
 Este, que Afonso o Bravo se chamou,
 Depois de ter o Reino segurado,
 Em dilatá-lo cuida; que em terreno,
 Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co' o braço, e deita fóra
 O Mouro mal querido já de Marte.
 Este de todo fez livre, e senhora
 Lusitania, com força, e bellica arte;
 E acabou de opprimir a nação forte
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre, e dina;
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberalidade Alexandrina.

Com este o Reino próspero florece,
(Alcançada já a paz aurea, divina,
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicon as Musas fez passar-se,
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres Villas de novo edificou,
Fortalezas, Castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte, e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co' o peito desprezou firme, e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entráram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorrella.

C.

Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhanao
A força inexpugnabil, grande, e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte:
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem amanda, e filha amada,
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes Paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos Angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai lédo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera, e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha.
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada.
E se não for contigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do Reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, e sem ventura.

C V.

Por anto, ò Rei, de quem com puro medo
 O corrente Moluca se congela;
 Rompe toda a tardança; acude cedo
 A' miseranda gente de Castella.
 Se esse gesto que mostras claro, e lédo,
 De pai o verdadeiro amor assela,
 Acude, e corre pai; que senão corres,
 Póde ser que não aches quem soccorres.

C VI.

Naõ de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pai favor pedia,
 Para Enéas seu filho, navegando;
 Que a tanta piedade o commovia,
 Que cahido das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

C VII.

Mas já co' os esquadrões da gente armada
 Os Eborenses campos vão coalhados;
 Lustra co' o Sol o arnez, a lança, a espada;
 Vão rinchando os cavallo jaezados.
 A canóra trombeta embandeirada,
 Os corações á paz acostumados,
 Vai as fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima
 Das insignias Reaes acompanhado
 O valeroso Afonso, que por cima
 De todos leva o colo alevantado :
 E sómente co' o gesto esforça, e anima,
 A qualquer coração amedrontado :
 Assi entra nas terras de Castella,
 Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente,
 Nos campos de Tarifa, estão defronte
 Da grande multidão da cega gente,
 Para quem são pequenos campo, e monte.
 Não ha peito tão alto, e tão potente,
 Que de desconfiança não se affronte
 Em quanto não conheça, e claro veja,
 Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos, quasi rindo
 Do poder dos Christãos, fraco, e pequeno;
 As terras como suas repartindo
 Antemaõ entre o exército Agareno;
 Que com titulo falso possuindo
 Está o famoso nome Sarraceno;
 Assi tambem com falsa conta, e nua,
 A' nobre terra alhêa chamam sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
 Do Rei Saul com causa taõ temido,
 Vendo o Pastor inerme estar diante,
 Só de pedras e esforço apercebido;
 Com palavras soberbas o arrogante,
 Despreza o fraco Moço mal vestido:
 Que rodeando a funda o desengana,
 Quanto mais póde a fé, que a força humana!

CXII.

Desta arte o Mouro pérfido despreza
 O poder dos Christãos, e não entende,
 Que está ajudado da alta fortaleza,
 A quem o inferno horrifico se rende:
 Com ella o Castelhana, e com destreza,
 De Marrocos o Rei comette, e offende:
 O Portuguez, que tudo estima em nada,
 Se faz temer ao Reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças e espadas retiniam
 Por cima dos arnezes: bravo estrago!
 Chamam (segundo as Leis que alli seguiam)
 Hūs Mafamede, e outros Sant-Iago.
 Os feridos com grita o Ceo feriam,
 Fazendo de seu sangue bruto lago;
 Onde outros meios mortos se affogavam,
 Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está co' o Mauritano.

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o Ponente o Vespero, trazendo
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no Mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Naõ matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrêram neste vencimento,
Quando as aguas co' o sangue do adversario
Fez beber ao exército sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de annéis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
 Mandar ao Reino escuro de Cocito,
 Quando a sancta Cidade desfizeste
 Do povo pertinaz no antigo rito;
 Permissaõ e vingança foi celeste,
 E não força de braço, ó nobre Tito;
 Que assi dos Vates foi prophetizado,
 E depois por Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta taõ próspera victoria,
 Tornando Afonso á Lusitana terra,
 A se lograr da paz com tanta gloria,
 Quanta soube ganhar na dura guerra;
 O caso triste, e digno da memoria,
 Que do sepulchro os homêes desenterra,
 Aconteceo da misera, e mesquinha,
 Que depois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua,
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Déste causa á molesta morte sua,
 Como se fora perfida inimiga.
 Se dizem, fero Amor, que a sede tua,
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,
 He porque queres aspero, e tyrano,
 Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
 De teus annos colhendo doce fruto,
 Naquelle engano da alma, lédo, e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muto;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
 O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondiam
 As lembranças que na alma lhe moravam;
 Que sempre ante seus olhos te traziam,
 Quando dos teus formosos se apartavam;
 De noite em doces sonhos que mentiam,
 De dia em pensamentos que voavam;
 E quanto em fim cuidava, e quanto via,
 Eram tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas Senhoras, e Princezas,
 Os desejados thalamos engeita;
 Que tudo em fim, tu puro Amor, desprezas,
 Quando hum gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pai sisudo, que respeita
 O murmurar do povo, e a phantasia
 Do filho, que casar-se não queria :

CXXIII.

Tirar Ignez ao Mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso;
 Credo co' o sangue só da morte indina,
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Qual furor consentio; que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Traziam-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade,
 Mas o povo com falsas e ferozes
 Razões á morte crua o persuade.
 Ella com tristes e piedosas vozes,
 Sahidas só da mágoa, e saudade
 Do seu Principe, e filhos, que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV.

Para o Ceo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos;
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Hum dos duros ministros rigorosos:
 E depois nos meninos attentando,
 Que taõ queridos tinha, e taõ mimosos,
 Cuja orphandade como mãi temia,
 Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem taõ piedoso sentimento,
Como co' a mãe de Nino já mostráram,
E co' os irmãos que Roma edificáram :

CXXVII.

O' tu, que tões de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar hũa donzella
Fraca, e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencella)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tões á morte escura della :
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se vencendo a Maura resistencia
A morte sabes dar com fogo, e ferro;
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpétuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me onde se use toda a feridade;
 Entre leões, e tigres; e verei
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.
 Alli co' o amor intrinseco, e vontade,
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras que o magôam;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino,
 Que desta sorte o quiz, lhe não perdôam.
 Arrancam das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito alli pregôam.
 Contra hũa dama, ó peitos carniceiros,
 Ferozes vos mostrais, e Cavalleiros?

CXXXI.

Qual cóntra a linda moça Policena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se aparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
A' quelle que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam férvidos, e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia.
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida, e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada,
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada;
Tal está morta a pállida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co' a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoráram;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformáram:
 O nome lhe pozeram, que ainda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passáram.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Naõ correo muito tempo que a vingança
 Naõ visse Pedro das mortaes feridas;
 Que em tomando do Reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas:
 De outro Pedro cruissimo os alcança;
 Que ambos imigos das humanas vidas,
 O concerto fizeram duro, e injusto,
 Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso
 De latrocinios, mortes, e adulterios:
 Fazer nos maos cruezas fero, e iroso,
 Eram os seus mais certos refrigerios.
 As Cidades guardando justicoso
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando á morte deo,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o Reino poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhana devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido:
Ou foi que o coração sujeito, e dado
Ao vicio vil de quem se vio rendido,
Molle se fez; e fraco: e bem parece;
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David Sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruo
De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
Por Sara, Pharaó, Sichem por Dina.

C X L I.

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado.
 De Marco Antonio a fama se escurece
 Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
 Tu tambem Peno próspero o sentiste,
 Depois que hũa moça vil na Apulia viste.

C X L I I.

Mas quem pode livrar-se por ventura
 Dos laços que Amor arma brandamente
 Entre as rosas, e a neve humana pura,
 O ouro, e o alabastro transparente?
 Quem de hũa peregrina formosura,
 De hum vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte, que tem preso,
 Em pedra não, mas em desejo acceso?

C X L I I I.

Quem vio hũ olhar seguro, hũ gesto brando,
 Huma suave e Angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas transformando,
 Que tivesse contra ella resistencia?
 Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de Amor experiencia:
 Mas antes tendo livre a phantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

LUSIADA.

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO

DO CANTO QUARTO.

CONTINUA o Gama a prática com ElRei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do Reino, por morte del Rei D. Fernando : façanhas militares do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira : batalha, e victoria de Aljubarrota : diligencias que se fizeraõ para descubrir a India por mar, em tempo delRei D. Joaõ o II : como ElRei D. Manoel conseguiu esse fim, determinando esta viagem : prevenções para ella : embarque, e despedida dos navegantes nas praias de Belém.

OUTRO ARGUMENTO.

Acclamado Joaõ, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhana :
Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro ;
Dá-se batalha ; vence o Lusitano :
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano ;
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por affinar a gloria Portugueza.





Gravé par Ambroise Tardieu, à Paris quai des augustins N° 59.

**Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,**

Canto 4. Est. 1

LUSIADA.

CANTO QUARTO.

I.

DESPOIS de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceu,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejaram
Quem os damnos, e offensas vá vingando
Naquelles que taõ bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne, sempre illustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
 Por signaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de huma menina,
 Ante tempo fallando o nomeou:
 E como cousa em fim que o Ceo destina,
 No berço o corpo e a voz alevantou:
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo Dom João.

IV.

Alteradas então do Reino as gentes,
 Co' o odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas, e evidentes,
 Faz do povo o furor por onde vinha:
 Matando vão amigos, e parentes,
 Do adultero Conde, e da Rainha,
 Com quem sua incontinencia deshonestas
 Mais, depois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonorado,
 Diante della a ferro frio morre;
 De outros muitos na morte acompanhado,
 Que tudo o fogo erguido queima, e corre.
 Quem como Astianax precipitado
 (Sem lhe valerem Ordões) de alta torre:
 A quem Ordões, nem Aras, nem respeito:
 Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruizas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao Mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhana está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo, que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De várias regiões, de várias terras.

VIII.

Vem de toda a Provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,
Ganháram do tyranno e Mauro estado.
Naõ estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co' o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as aguas lavam.
A Nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo por insignias verdadeiras
As Hercúleas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do Reino de Toledo,
Cidade nobre, e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave, e lédo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
O' sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
A'quelles cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece
Armou d'elle os soberbos matadores,
• Para ajudar na guerra a seus Senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsaõ Hebreo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co' os poucos do seu Reino se aparelha :
E não porque conselho lhe fallece,
Co' os principaes Senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Naõ falta com razões quem desconcerte
Na opiniaõ de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gélado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade :
Negam o Rei, e a patria; e se convém,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte dom Nun' Alvares : mas antes,
Postoque em seus irmãos taõ claro o visse
Reprovando as vontades inconstantes;
A'quellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o Mundo.

XV.

Como? Da gente illustre Portugueza,
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? Desta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte,
De Portuguez? E por nenhum respeito,
O proprio Reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Naõ sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros, e valentes,
Vencestes esta gente taõ guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa que tiveram?

XVII.

Com quem foram contino sopeados
Estes de quem o estais agora vós,
Por Dionis, e seu filho, sublimados,
Senaõ co' os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se he certo que co' o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta,
A terra nunca de outrem subjugada :
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Canas,
Já para se entregar, quasi movidos,
A' fortuna das forças Africanas;
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida :

XXI.

Desta arte a gente fôrça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões;
Vaõ correndo, e gritando a boca aberta:
Viva o famoso Rei que nos liberta.

XXII.

Das gentes populares hũus approvam
A guerra com que a patria se sostinha:
Hũus as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regía,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro também famoso Cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los, e regellos,
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he Capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e Castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte,

XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo, jejūus, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias;
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes, e atambores;
 Alferezes voltêam as bandeiras,
 Que variadas são de muitas cores.
 Era no secco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos Lavradores;
 Entra em Astréa o Sol, no mez de Agosto;
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso :
 Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso :
 Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
 Correo ao mar o Tejo duvidoso;
 E as mãis que o som terribil escuitáram,
 Aos peitos os filhinhos apertáram.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem-sem còr,
 Que ao coração acodem o sangue amigo;
 Que nos perigos grandes, o temor;
 He maior muitas vezes que o perigo :
 E se o não he, parece-o; que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir que he perda grande, e rara,
 Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Húus levam a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala :
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semêa
Dos que a tanto desejam, sendo alhêa.

XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros vôam :
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles sôam :
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quédas co' as duras armas tudo atrôam :
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vaõ :
Caso feo, e cruel! Mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta :
Destes arrenegados muitos são,
No primeiro esquadraõ, que se adianta
Contra irmãos, e parentes. Caso estranho!
Quaes nas guerras civís de Julio, e Magno,

XXXIII.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coraçã vos fizestes inimigos;
 Se lá no Reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
 Algũus traidores houve algũas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está alli Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leaõ,
 Que cercado se vê dos Cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuaõ:
 Perseguem-no co' as lanças, e elle iroso,
 Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com torva vista os vê, mas a natura
 Ferina, e a ira, não lhe compadecem
 Que as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrecem.
 Tal está o Cavalleiro, que a verdura
 Tinge co' o sangue alheio: alli perecem
 Algũus dos seus. Que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
 Nuno; que como sabio Capitaõ,
 Tudo corria, e via, e a todos dava,
 Com presença, e palavras, coração.
 Qual parida leoa, fera, e brava,
 Que os filhos, que no ninho sós estaõ,
 Sentio que em quanto o pasto lhes buscára,
 O pastor de Massilia lhos furtára :

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
 Os montes Sete Irmãos atroa, e abala :
 Tal Joanne, com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode á primeira ala.
 O' fortes companheiros, ó subidos
 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala ;
 Defendei vossas terras; que a esperança
 Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vêdes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
 Que entre as lanças, e séttas, e os arnezes
 Dos inimigos corro, e vou primeiro?
 Pelejai verdadeiros Portuguezes.
 Isto disse o magnanimo guerreiro;
 E sopesando a lança quatro veses,
 Com força tira; e deste unico tiro
 Muitos lançáram o ultimo suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
 De hũa nobre vergonha, e honroso fogo,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do Marcio jogo,
 Porfiar: tinge o ferro o fogo ardente,
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
 Assi recebem junto, e daõ feridas,
 Como a quem já naõ doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandam ver o Estygio Lago,
 Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
 O Mestre morre alli de Sant-Iago,
 Que fortissimamente pelejava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Calatrava:
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vaõ; e tambem dos Nobres ao profundo;
 Onde o Trifauce Cam perpétua fome
 Tem das almas que passam deste Mundo
 E porque mais aqui se amanse, e dome,
 A Soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se eneruece,
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas :
A multidaõ da gente que perece,
Tem as flores da propria cõr mudadas.
Já as costas daõ, e as vidas : já fallece
O furor, e sobejam as lançadas :
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe naõ deixar a vida :
Seguem-no os que ficáram; e o temor
Lhes dá, naõ pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida;
Da mágoa, da deshonra, e triste nojo,
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Algũs vaõ maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no Mundo;
Outros a sede dura vaõ culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo;
Que por tomar o alheo, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria :
Com offertas despois, e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senaõ por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios Senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre Omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
A's duas illustrissimas Inglezas,
Gentís, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Naõ soffre o peito forte, usado á guerra,
Naõ ter imigo já a quem faça dano;
E assi naõ tendo a quem vencer na terra,
Vai cometter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A Lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vaõ ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana má, e desleal manha.

L.

Naõ consentio a morte tantos annos
Que de Heroe taõ ditoso se lograsse
Portugal, mas os Córos soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse.
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte taõ ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza;
 Que assí vai alternando o tempo iroso
 O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
 Quem vio sempre hum estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste Reino, e neste Rei,
 Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o santo irmão Fernando,
 Que a taõ altas emprezas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno se entregava.
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o público bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida:
 Régulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade ver perdida.
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captiveiro eterno se convida.
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humíllima miseria;
Fora por certo invicto Cavalleiro,
Senaõ quizera ir ver a terra Iberia;
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pôde colher as maçãas de ouro,
Que sómente o Tyrinthio colher pôde:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na frente a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte Villa,
Tangerè populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixáram de diamante
A's Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram Cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porém depois tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara, e bella,
Vai cometter Fernando de Aragaõ,
Sobre o potente Reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidaõ
Das soberbas e várias gentes della,
Desde Caliz ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Naõ quiz ficar nos Reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar ao pai ambicioso,
Que entaõ lhe foi ajuda naõ pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte naõ torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento.

LIX.

Porque o filho sublime, e soberano,
Gentil, forte, animoso Cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando de aquelles que Cesar matáram,
Nos Philippicos campos se vingáram.

LX.

Porém depois que a escura noite eterna,
Afonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe que o Reino entãõ governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passáram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcáram,
Onde já foi Parthenope enterrada.
Napoles, onde os fados semostráram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada:
Por a illustrar no fim de tantos annos,
Co' o senhorio de inclytos Hispannos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vaõ-se ás praias de Rhodes arenosas;
E de alli ás ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno saõ famosas.
Vaõ a Memphis, e ás terras que se regam
Das enchentes Niloticas undósas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egito,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,
 Que o povo de Israel sem nao passou;
 Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
 Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
 As costas odoriferas Sabeas,
 Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
 Cercam, com toda a Arabia descoberta
 Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura
 Da confusã Babel inda a memoria:
 Alli co' o Tigre, o Euphrates se mistura,
 Que as fontes onde nascem tem por gloria.
 Dalli vaõ em demanda da agua pura,
 Que causa inda será de larga historia,
 Do Indo, pelas ondas do Oceano,
 Onde não se atreueo passar Trajano.

LXV.

Víram gentes incognitas, e estranhas
 Da India, da Carmania, e Gedrosia,
 Vendo varios costumes, varias manhas,
 Que cada Região produz, e cria.
 Mas de vias taõ asperas, tamanhas,
 Tornar-se facilmente não podia:
 Lá morrêram, em fim, e lá ficáram;
 Que á desejada patria não tornáram.

LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza taõ ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos.
Manoel, que a Joanne succedeo
No Reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação que lhe ficára
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Naõ deixasse de ser hum só momento
Conquistado, no tempo, que á luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
A repouso convidam quando cahem :

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas saõ;
Revolvendo contino no conceito
De seu officio, e sangue, a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração,
Porque tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
 Taõ alto que tocava a prima esphera;
 Donde diante varios Mundos via,
 Nações de muita gente estranha, e fera:
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendêra,
 Vio de antiquos, longinquos, e altos montes,
 Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavam:
 Mil arvores sylvestres, e hervas várias,
 O passo e o trato ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas adversarias
 De mais conversaçãõ, por si mostravam,
 Que desde Adaõ peccou aos nossos anos,
 Não as rompêram nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
 Para elle os largos passos inclinando,
 Dous homêes, que mui velhos pareciam,
 De aspeito, ainda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabellos lhes cahiam
 Gottas, que o corpo todo vaõ banhando;
 A côr da pelle, baça, e denegrída;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprída.

LXXII.

De ambos os dous a fronte coroadá,
Ramos não conhecidos, e hervas tinha :
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha :
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada :
O' tu, a cujos Reinos, e Corôa,
Grande parte do Mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto vôa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra.
Celeste tenho o berço verdadeiro :
Est'outro he o Indo Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receo,
A quantas gentes vês porás o freo.

LXXV.

Naõ disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desaparecem n'hum momento :
Acorda Manoel co' hũ novo espanto;
E grande alteraçãõ de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhãa no Ceo pintando as cores
De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os Senhores a Conselho,
E propõe-lhe as figuras da visaõ;
As palavras lhes diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiraçãõ.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coraçãõ
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Preságo o coraçãõ me prometia;
Naõ sei porque razaõ, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste comettimento grande, e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,
 Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga,
 Me disse : As cousas arduas, e lustrosas,
 Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
 Faz as pessoas altas, e famosas,
 A vida que se perde, e que periga;
 Que quando ao medo infame não se rende,
 Entaõ, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para huma empreza, qual a vós se deve,
 Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
 O que eu sei, que por mi vos será leve.
 Não soffri mais : mas logo : O' Rei subido,
 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
 He taõ pouco por vós, que mais me pena
 Ser esta vida cousa taõ pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
 Quaes Eurysteo a Alcides inventava;
 O Leão Cleonêo, Harpias duras,
 O Porco de Erymantho, a Hydra brava :
 Descer em fim ás sombras vâas, e escuras,
 Onde os campos de Dite a Estyge lava;
 Porque a maior perigo, a mór affronta,
 Por vós, ó Rei, o espirito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,
 E com razões me louva esta vontade;
 Que a virtude louvada, vive, e crece,
 E o louvor altos casos persuade.
 A acompanhar-me logo se offerece,
 Obrigado de amor, e de amizade,
 Não menos cobiçoso de honra, e fama,
 O charo meu irmão Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
 De trabalhos mui grande soffredor;
 Ambos são de valia, e de conselho,
 De experiencia em armas, e furor.
 Já de mançeba gente me apparelho,
 Em que cresce o desejo do valor;
 Todos de grande esforço; e assi parece
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,
 Porque com mais amor se apercebessem,
 E com palavras altas animados
 Para quantos trabalhos succedessem.
 Assi foram os Minyas ajuntados,
 Para que o véo dourado combatessem,
 Na fatidica nao, que ousou primeira
 Tentar omar Euxino aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
Co' hum alvoroço nobre, e co' hum desejo,
(Onde o licor mistura, e branca arêa,
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estaõ : e naõ refrêa
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estaõ para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados,
De várias cores vem, e várias artes;
E naõ menos de esforço apparelhados
Para buscar do Mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados,
Ondêam os aereos estandartes :
Ellas promettem vendo os mares largos,
De ser no Olympo Estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas' ante os olhos anda.
Para o summo Poder que a etherea Corte
Sustenta só co' a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto Templo
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, para exemplo,
 Donde Deos fôï em carne ao Mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de dúvida, e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da Cidade aquelle dia
 (Húus por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver sómente) concorria,
 Saudosos na vista, e descontentes:
 E nós com a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os batéis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em taõ longo caminho, e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres com choro piedoso,
 Os homêes com suspiros que arrancavam.
 Mãis, esposas, irmãas, que o temeroso
 Amor mais desconfia, accrescentavam
 A desesperaçã e frio medo
 De já nos não tornar a ver taõ cedo.

X C.

Qual vai dizendo : O' filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro;
Porque me deixas, misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo?
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

X C I.

Qual em cabello : O' doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a afeição taõ doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as vélas leve o vento?

X C I I.

Nestas e outras palavras, que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade :
A branca aréa as lagrimas banhavam,
Que em multidaõ com ellas se igualavam.

XCIII.

Nósoutros sem a vista alevantarmos,
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado;
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado;
 Que postoque he de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

XCIV.

Mas hum velho de aspeito venerando,
 Que ficava nas praias, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça descontente;
 A voz pezada hum pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 Co' hum saber só de experiencias feito,
 Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh gloria de mandar! Oh vã cobiça
 Desta vaidade, a quem chamamos fama!
 Oh fraudulento gosto, que se atica
 Co' hũa aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes! Que perigos! Que tormentas!
 Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietação da alma, e da vida;
Fonte de desamparos, e adulterios;
Sagaz consumidora conhecida,
De fazendas, de Reinos, e de Imperios.
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamam-te fama, e gloria soberana;
Nomes com quem se o povo nescio engana.

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo de algum nome preeminente?
Que promessas de Reinos, e de minas
De ouro, que lhe farás taõ facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? Que palmas? que victorias?

XCVIII.

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia,
Naõ sómente do Reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda de outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia,
Da idade de ouro tanto te privou,
Que na de ferro, e de armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia;
 Já que á bruta crueza, e feridade,
 Pozeste nome, esforço, e valentia;
 Já que prézas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeo tanto perdê-la quem a dá :

C.

Naõ tées juntò comtigo o Ismaelita
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Naõ segue elle do Arabio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só pelejas?
 Naõ tem Cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riqueza mais desejas?
 Naõ he elle por armas esforçado,
 Se queres por victorias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
 Por ir a buscar outro de taõ longe:
 Por quem se despovoe o Reino antigo,
 Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
 Buscas o incerto, e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte, e te lisonge,
 Chamando-te Senhor, com larga cópia,
 Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia?

CII.

Oh maldito o primeiro que no Mundo
Nas ondas vélas poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa lei que sigo, e tenho.
Nunca juizo algum alto, e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome, e gloria.

CIII.

Trouxe o filho de Jápeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o Mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonoras. (Grande engano!)
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o Mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movêra!

CIV.

Naõ comettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande Architector, co' o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum comettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geraçãõ.
Misera sorte! Estranha condiçãõ!

FIM DO CANTO QUARTO.



LUSIADA.

CANTO QUINTO.

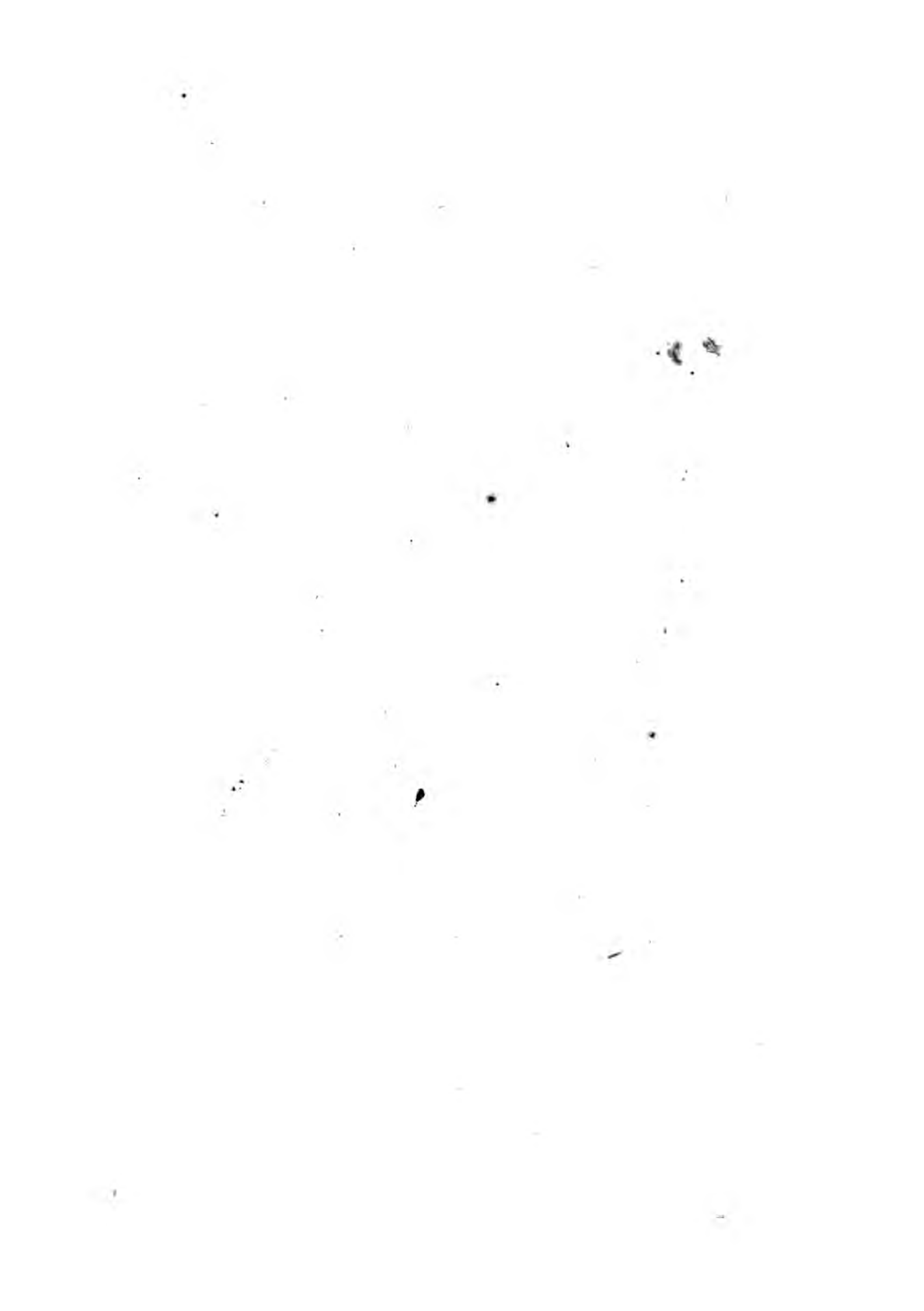
ARGUMENTO

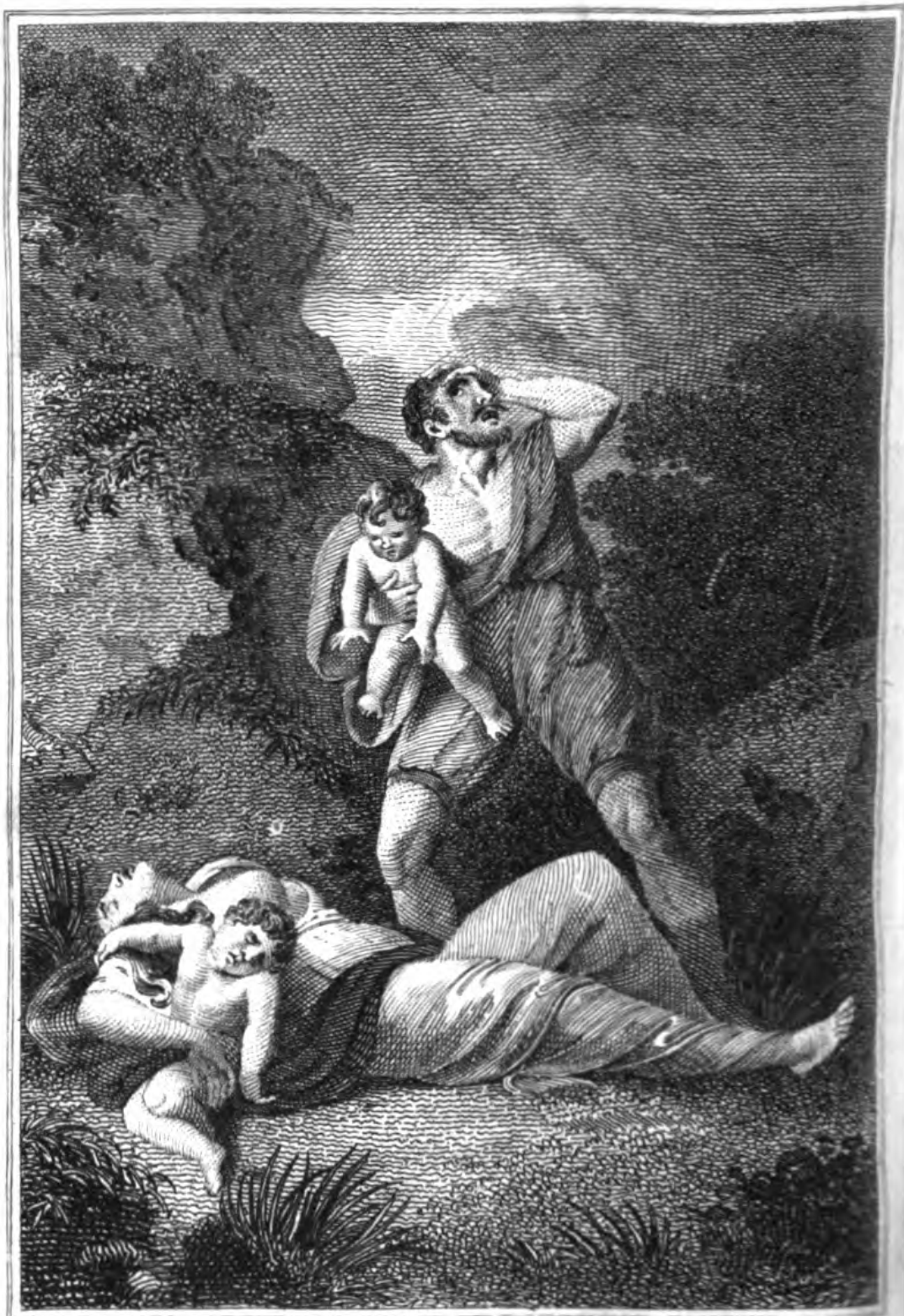
DO CANTO QUINTO.

PROSEGUE Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao Rei de Melinde a sahida de Lisboa; as diversas terras que tocáraõ, e gentes que víraõ até ao Cabo de Boa Esperança : caso de Fernão Velloso : fabula do Gigante Adamastor : continuação da viagem até Melinde, em que dá fim a prática, estabelecida a paz, e huma verdadeira amisade entre o Gama, e aquelle Rei.

OUTRO ARGUMENTO.

Relata o Gama Illustre ao Rei potente
Sua viagem longa, e incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia :
Como a Adamastor vio, Gigante ingente,
Que hum dos filhos da terra se dizia,
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e são conforto.





L. W. Harding del.

Amb. Tardieu sculp.

**Os deixará de hum crú naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.**

Canto 5. Est. 40

LUSIADA.

CANTO QUINTO.

I.

ESTAS sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E como he já no mar costume usado,
A véla desfaldando, o Ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento;
E o Mundo, que co' o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

I.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam :
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Naõ vimos mais, em fim, que mar, e Ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma naõ abrio,
As novas Ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio :
De Mauritania os montes, e lugares
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Naõ ha certeza de outra, mas suspeita.

V.

Passámos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredado assi se chama;
Das que nós povoámos, a primeira,
Mais célebre por nome, que por fama :
Mas nem por ser do Mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixámos de Massilia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo emfim desposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

VII.

Passámos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui gentes estranhas lava, e rega,
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias Ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andáram vendo já nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

À quella Ilha aportamos que tomou
 O nome do guerreiro Sant-Iago;
 Sancto que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos mouros bravo estrago.
 Daqui tanto que Boreas nos ventou
 Tornámos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano; e assi deixámos
 A terra, onde o refresco doce achámos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficava ao Oriente;
 A Provincia Jalofo, que reparte
 Por diversas nações a negra gente;
 A mui grande Mandinga, por cuja arte
 Lográmos o metal rico, e luzente,
 Que do curvo Gambea as aguas bebe,
 As quaes o largo Atlantico recebe :

XI.

As Dorcadas passámos, povoadas
 Das irmãs que outro tempo alli viviam,
 Que de vista total sendo privadas,
 Todas tres de hum só olho se serviam.
 Tu só, tu cujas tranças encrespadas,
 Neptuno lá nas aguas accendiam,
 Tornada já de todas a mais fêa,
 De viboras encheste a ardente arêa.

XII.

Sempre, em fim, para o Austro a aguda prôa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co' o Cabo, a quem das Palmas nome démos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou; co' a Ilha illustre, que tomou
O nome de hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande Reino está de Congo,
Por nós já convertido á Fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro, e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar, em fim, me alongo
Do conhecido Polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do Mundo he limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante,
Lá no novo Hemispherio nova Estrella,
Naõ vista de outra gente, que ignorante
Algũus tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta de Estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se naõ sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous Invernos fazendo, e dous Verões,
Em quanto corre de hum ao outro Polo;
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homêes não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o Mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra alonga experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia :
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vem do Mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a marítima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvêes do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subtil fúmo,
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum cano ao Polo sumo,
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvêes parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co' as ondas ondeando,
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co' o cargo grande da agua em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria, que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar co' o sangue alheio a sede ardente :
Chupando mais, e mais, se engrossa, e cria ;
Alli se enche, e se alarga grandemente ;
Tal a grande columna, enchendo augmenta
A si, e á nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo Ceo chovendo, em fim, voou,
Porque com a agua a jacente agua molhe :
Às ondas torna as ondas que tomou ;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes de natura.

XXIII.

Se os antigos Philosophos, que andáram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passáram,
A taõ diversos ventos dando as vellas :
Que grandes escripturas que deixáram !
Que influenciaõ de Signos, e de Estrellas !
Que estranhezas ! Que grandes qualidades !
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada :
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co' a vista, terra, terra, brada :
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Co' os olhos no Horizonte do Oriente.

XXV.

À maneira de nuvêes se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As vélas já chegados amainamos :
E para que mais certas se conheçam
As partes taõ remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invençãõ de subtil juizo, e sabio :

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo não pizou.
Porém eu co' os Pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapró peixe a grande méta,
Estando entre elle, e o círculo gelado
Austral, parte do Mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomáram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se víra nunca em tal extremo:
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Coméço a lhe mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Algũus soantes cascavéis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes, e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nós, e da côr da escura tréva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva :
Domesticos já tanto, e companheiros,
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernaõ Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante cré que vai seguro;
Mas sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro;
Estando a vista alçada, co' o cuidado
No aventureiro; eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Para o tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse :
Outro e ótro lhe sahem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse :
Acudo eu logo; e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem séttas, e pedradas,
 Chovem sobre nósoutros sem medida :
 E não foram ao vento em vão deitadas,
 Que esta perna trouxe eu de alli ferida :
 Mas nós como pessoas magoadas,
 A resposta lhes démos taõ crescida,
 Que em mais que nos barretes se suspeita,
 Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
 Logo nos recolhemos para a armada,
 Vendo a malicia fea, e rudo intento,
 Da gente bestial, bruta, e malvada :
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Pudemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muito longe della;
 E assi tornei a dar ao vento a véla.

XXXV.

Disse entaõ a Velloso hum companheiro,
 (Começando-se todos a sorrir)
 O' lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
 He melhor de descer, que de subir.
 Si he : (responde o ousado aventureiro)
 Mas quando eu para cá vi tantos vir
 D'aquelles cães, depressa hum pouco vim,
 Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou entãõ, que, tanto que passáram
 Aquelle monte, os negros de quem fallo,
 Avante mais passar o não deixáram,
 Querendo, senãõ torna, alli matallo:
 E tornardo-se, logo se emboscáram,
 Porque sabindo nós para tomallo,
 Nos pudessem mandar ao Reino escuro,
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém já cinco Soes eram passados
 Que de alli nos partiramos, cortando
 Os mares nunca de outrem navegados,
 Prósperamente os ventos assoprando:
 Quando huma noite, estando descuidados,
 Na cortadora proa vigiando,
 Húa nuvem que os ares escurece,
 Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Taõ temerosa vinha, e carregada,
 Que poz nos corações hum grande medo:
 Bramindo o negro mar, de longe brada,
 Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
 O' Potestade, disse, sublimada;
 Que ameaço divino, ou que segredo,
 Este clima, e este mar nos apresenta,
 Que mor cousa parece que tormenta?

XXXIX.

Naõ acabava, quando hũa figura
 Se nos mostra no ar, robusta, e válida;
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esquálida:
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha, e má, e a côr terrena, e pálida,
 Cheos de terra, e crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Taõ grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo Colosso,
 Que hum dos sete milagres foi do Mundo:
 Co' hum tom de voz nos falla horrendo, e grosso,
 Que pareceo sahir do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes, e o cabelo,
 A mi, e a todos, só de ouví-lo, e vello.

XLI.

E disse: O' gente ousada mais que quantas
 No Mundo comettêram grandes cousas;
 Tu que por guerras cruas, taes, e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho
 Nunca arados de estranho ou proprio lenho:

XLII.

Pois vês ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento :
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe, que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga teraõ esta paragem
Com ventos, e tormentas desmedidas.
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui espero tomar, senaõ me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança :
Antes em vossas naos vereis cada ano
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro Illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos:
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa, com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro, e irado,
Os deixará de hum crú naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Veraõ morrer com fome os filhos chãros,
Em tanto amor gerados, e nascidos:
Veraõ os Cafres asperos, e avaros,
Tirar á linda dama os seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
A' calma, ao frio, ao ar veraõ despídos;
Depois de ter pizado longamente
Co' os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII.

E verãõ mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na férvida e implacabil espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de mágoa pura,
 Abraçados, as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisaõ.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem es tu, que esse estupendo
 Corpo, certo me tem maravillhado?
 A boca, e os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso, e grande brado,
 Me respondeo com voz pezada, e amára,
 Como quem da pergunta lhe pezára:

L.

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
 A quem chamais vósoutros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passaram, fui notorio.
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontorio,
 Que para o Polo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encélado, Egeo, e o Centimano;
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:
 Não que puzesse serra sobre serra,
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fui Capitam do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empreza:
 Todas as deosas desprezei do Ceo,
 Sò por amar das aguas a Princeza:
 Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
 Sahir nua na praia; e logo preza
 A vontade senti, de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa que mais queira,

LIII.

Como fosse impossibil alcançalla
 Pela grandeza fêa de meu gesto,
 Determinei por armas de tomalla;
 E a Doris este caso manifesto:
 De medo a deosa então por mi lhe falla;
 Mas ella co' hum formoso riso honesto,
 Respondeo: Qual será o amor bastante
 De Nympha que sustente o de hum Gigante?

LIV.

Com tudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Hũa noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis, unica despida:
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo; e coméço os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava
Abraçado me achei co' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo, e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

LVII.

O' Nympha a mais formosa do Oceano;
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 De aqui me parto irado, e quasi insano
 Da mágoa, e da deshonra alli passada,
 A buscar outro Mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deoses vãos,
 Algũus a varios montes sotopostos:
 E como contra o Ceo não valem mãos,
 Eu que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado imigo,
 Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizeram:
 Estes membros que vês, e esta figura,
 Por estas longas aguas se estendêram:
 Em fim, minha grandissima estatura
 Neste remoto Cabo convertêram
 Os deoses; e por mais dobradas mágoas,
 Me anda Thetis cercando destas agoas

LX.

Assi contava, e co' hum medonho choro,
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e co' hum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu levantando as mãos ao sancto Coro
Dos Anjos, que tao longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Co' os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão Gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos recebêram.
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo, e bem criado,

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas;
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastorís, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas,
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LIV.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratáram,
Trazendo-nos galinhas, e carneiros,
A troco de outras peças que leváram:
Mas como nunca, em fim, meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançáram,
Que desse algum signal do que buscamos,
As vélas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tínhamos dado hum grão rodeio
À costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Ceo, e o Polo Antartico ficava:
Aquelle Ilhéu deixámos aonde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio Cabo, e descoberto,
Naquelle Ilhéu fez seu limite certo,

LXVI.

De aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes, e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças :
Co' o mar hum tempo andámos em porfias,
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos taõ possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava :
Injuriado Noto da porfia
Em que co' o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente,
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente :
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome démos
Do dia em que por elle nos metemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomámos,
 E do rio fresca agua; mas com tudo
 Nenhum signal aqui da India achámos
 No povo, com nós outros quasi mudo.
 Ora vê Rei, quamanha terra andámos,
 Sem sahir nunca deste povo rudo;
 Sem vermos nunca nova, nem signal,
 Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quaõ coitados
 Andariamos todos, quaõ perdidos;
 De fomes, de tormentas quebrantados;
 Por climas, e por mares naõ sabidos:
 E do esperar comprido taõ cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por Ceos naõ naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
 Damnosos e maos ao fraco corpo humano,
 E além disso nenhum contentamento,
 Que se quer da esperanza fosse engano.
 Crês tu, que se este nosso ajuntamento
 De soldados, naõ fora Lusitano,
 Que durára elle tanto obediente,
 Por ventura, a seu Rei, e a seu Regente?

LXXII.

Crês tu, que já não foram levantados
 Contra seu Capitam, se os resistíra,
 Fazendo-se piratas, obrigados
 De desesperaçã, de fome, de ira?
 Grandemente por certo estão provados,
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 De aquella Portugueza, alta excellencia,
 De lealdade firme, e de obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto, em fim, do doce rio,
 E tornando a cortar a agua salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio,
 Deitando para o pégo toda a armada:
 Porque ventando Noto manso, e frio,
 Não nos apanhasse a agua da enseada,
 Que a costa faz alli daquella banda,
 Donde a rica Sofála o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme,
 Encommendado ao sacro Nicolao,
 Para onde o mar na costa brada, e geme,
 A proa inclina de hũa, e de outra nao:
 Quando indo o coração que espera, e teme,
 E que tanto fiou de hum fraco pao;
 Do que esperava já desesperado,
 Foi de hũa novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando já da costa perto,
 Onde as praias, e valles bem se viam,
 N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
 Batéis á véla entravam, e sahiam.
 Alegria mui grande foi por certo
 Acharmos já pessoas que sabiam
 Navegar; porque entre ellas esperámos
 De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece,
 Que com gente melhor communicavam:
 Palavra algũa Arabia se conhece
 Entre a linguagem sua que fallavam:
 E com panno delgado, que se tece
 De algodaõ, as cabeças apertavam:
 Com outro, que de tinta azul se tinge,
 Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua, que mal fallam,
 E que Fernão Martijz mui bem entende,
 Dizem, que por naos que em grandeza igualam
 As nossas, o seu mar se corta, e fende:
 Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam
 Para onde a costa ao Sul se alarga, e estende,
 E do Sul para o Sol; terra onde havia
 Gente, assi como nós, da côr do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Com a gente, e co' as novas muito maes:
Pelos signaes que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons Signaes:
Hum padraõ nesta terra alevantámos;
Que para assignalar lugares taes
Trazia algũus: o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e de ostrinhos,
Nojosa criaçãõ das aguas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sórdidas, e immundas.
Dos hóspedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis, e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi da esperança grande, e immensa,
Que nesta terra havemos, limpa e pura,
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Ceo sereno se dispensa:
Com esta condiçãõ pezada, e dura,
Nascemos. O pezar terá firmeza;
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua, e fêa,
 A mais que eu nunca vi, desampararam
 Muitos a vida, e em terra estranha, e alhêa,
 Os ossos para sempre sepultaram.
 Quem haverá que sem o ver o crêa?
 Que tão disformemente alli lhe incharam
 As gengivas na boca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia co' hum fetido e bruto
 Cheiro, que o ar visinho inficionava:
 Não tínhamos alli Medico astuto,
 Cirurgiaõ subtil menos se achava:
 Mas qualquer, neste officio pouco instruto,
 Pola carne já podre assi cortava,
 Como se fora morta, e bem convinha,
 Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim, que nesta incognita espessura
 Deixámos para sempre os companheiros,
 Que em tal caminho, em tanta desventura,
 Foram sempre comnosco aventureiros.
 Quaõ facil he ao corpo a sepultura!
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
 Reçebêram de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza;
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento,
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste. E vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Agora julga, ó Rei, se houve no Mundo
Gentes, que taes caminhos comettessem.
Crês tu, que tanto Enéas, e o facundo
Ulysses, pelo Mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço, e arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse, que bebo tanto da agua Aonia,
 Sobre quem tem contenda peregrina
 Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
 Athenas, Chios, Argo, e Salamina:
 Essoutro, que esclarece toda a Ausonia,
 A cuja voz altisona, e divina,
 Ouvindo o patrio Mincio s'adormece,
 Mas o Tybre co' o som se ensoberbece:

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
 Desses seus semideoses, e encareçam,
 Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
 Sirenas, que co' o canto os adormeçam:
 Dem-lhe mais navegar a véla, e remos,
 Os cicones, e a terra onde se esqueçam
 Os companheiros, em gostando o Loto:
 Dem-lhe perder nas aguas o Piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhes finjam, e imaginem
 Dos odres; e Calypsos namoradas;
 Harpias, que o manjar lhes contaminem;
 Descer ás sombras nuas já passadas:
 Que por muito, e por muito, que se affinem
 Nestas fabulas vâas taõ bem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua, e pura,
 Vence toda a grandiloqua escriptura.

X C.

Da boca do facundo Capitaõ
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narraçaõ
Dos altos feitos, grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade de animo, e a nobreza.

X C I.

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que taõ longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E ElRei se vai do mar aos nobres paços.

X C II.

Quaõ doce he o louvor, e a justa gloria,
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alhea historia,
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheo muito o esperta, e incita,

XCIII.

Naõ tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os trophéos de Milciades famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a vez que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações que o Mundo canta,
Naõ merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o Ceo e a terra espanta.
Si: mas aquelle Heroe, que estima, e ama,
Com dões, mercês, favores, e honra tanta,
A lyra Mantuana, faz que soe
Enéas, e a Romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhes dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos.
Naõ dira Fulvia, certo, que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphira.

XCVI.

Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, e alcança,
He nas Comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim, não houve forte Capitaõ,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senaõ da Portugueza tamsómente.
Sem vergonha o não digo, que a razaõ
De algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso, e rima,
Porque quem não sabe a arte, não a estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Enéas, nem Achi'les feros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Taõ asperos os fez, e taõ austeros,
Taõ duros, e de engenho taõ remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

Às Músas agradeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lyra nome, e fama,
 De toda illustre e bellica fadiga:
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Calliope não tem por taõ amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As télas de ouro fino, e que o cantassem.

c.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feito
 Seu louvor, he sómente o presupposto
 Das *Tagides gentís*, e seu respeito:
 Porém não deixe, em fim, de ter disposto
 Ninguém a grandes obras sempre o peito;
 Que por esta, ou por outra qualquer via,
 Não perderá seu preço, e sua valia.

FIM DO CANTO QUINTO E DA PARTE PRIMEIRA.

ERRATA.

TOMO I.

PAG.	LINH.	ERROS.	EMENDAS.
	14	filhe,	<i>leya</i> se lhe.
	11	fim,	sim.
iiij	13	advertuncia,	advertencia.
vij	23	Camoos,	Camões.
ix	10	sgundo,	segundo.
nota	10	axprimere,	exprimere.
	15	incivildade,	incivilidade.
iv	18	certament,	certamente.
	5	Portugueze,	Portuguezes.
	12	pro,	por.
	18	advertuncia,	advertencia.
	14	Jeseph,	Joseph.
xiv	14	com ja,	como ja.
est. 54	v. 8	paquena,	pequena.
	87	4 Portuguezes,	Portuguezes.

CANTO II.

est. 33	v. 6	terceita,	terceira.
93	1	prais,	praias.

CANTO III.

PAG.	EST.	ERROS.	EMENDAS.
103	66	v. 4 garnedidos,	<i>leya</i> guarnecidos.
116	105	1 anto,	tanto.

CANTO IV.

150	est. 57	v. 7 Caliz,	Cadix.
-----	---------	-------------	--------

CANTO V.

181	est. 36	v. 5 tornardo-se,	tornando-se.
-----	---------	-------------------	--------------

CENTRAL

NO.	EST.	DATE	EMPLOYEES
103	10	1910	10
110	10	1910	10

CENTRAL

NO.	EST.	DATE	EMPLOYEES
110	10	1910	10

CENTRAL

NO.	EST.	DATE	EMPLOYEES
110	10	1910	10

